RODRIGO ALVAREZ

Autor de APARECIDA



MILAGRES

Histórias reais sobre acontecimentos extraordinários atribuídos à intervenção de Nossa Senhora Aparecida

GLOBOLIVROS

Milagres é o livro mais completo e sem dúvida o mais emocionante sobre os 300 anos de acontecimentos sobrenaturais atribuídos à intervenção de Nossa Senhora Aparecida. O escritor **Rodrigo Alvarez**, autor dos best-sellers *Aparecida*, *Maria* e *Humano Demais*, foi o único jornalista que teve acesso ao "baú" dos milagres do Santuário Nacional de Aparecida. Após meses mergulhando nas mais incríveis histórias dos fiéis, ele relata os acontecimentos extraordinários associados à santa que é o maior símbolo da fé católica brasileira.

Rodrigo Alvarez

Milagres

Histórias reais sobre acontecimentos extraordinários atribuídos à intervenção de Nossa Senhora Aparecida

GLOBOLIVROS

Sumário

Pular sumário [»»]

Créditos

Ao nosso Brasil, na esperança de que o futuro nos ilumine, ou nos reserve um milagre

Introdução

Imagine você o que Mirza não terá sentido quando viu uma senhora entrando em seu quarto e lhe acariciando os cabelos, enquanto a doença grave, de repente, desaparecia. E o que você pensaria sabendo que, na mesma casa, em outro momento, Sônia teve praticamente a mesma visão?

Aí, pensando que foi só mais uma coincidência da vida, você fica sabendo que, num outro canto do Brasil, Paulo Roberto se agarrou a uma imagenzinha de chumbo e sentiu que, por causa dela, sobreviveu ao desabamento do mundo. Ainda ouviu uma voz lhe dizer: *"Pula pro outro lado do carro!"*.

O policial Ronaldo levou um tiro de AR-15 na cabeça e jura que só se salvou porque foi blindado por um boné comprado e benzido em Aparecida. Lourenço conta que morreu. Como assim? E depois renasceu... quando a mulher, de repente, retomou sua fé católica e rezou para Aparecida. O motoqueiro Daniel sentiu duas mãos brancas tirando sua alma de baixo do caminhão.

Há ainda a história do cineasta cuja própria vida pareceu um filme, do menino derrubado por um raio, e, ah... você precisa conhecer Márcio Alexandre! Estava perdidinho quando conseguiu se firmar como locutor de rodeios, e agradece à santinha Aparecida também pela proteção contra a chifrada de um touro.

São acontecimentos extraordinários revelados nos confessionários, nas procissões, durante as missas, e também nos corredores, nas escolas, nas empresas, no cafezinho, nos telefonemas, ou — mais recentemente — por e-mail, facebook, whatsapp, instagram e qualquer meio que permita a um brasileiro relatar a outro que, de maneira impressionante ou inexplicável, testemunhou um milagre de Deus e o atribuiu à intervenção da mãe de Jesus, orgulhosamente representada pela santa de barro que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil.

A pesquisa revela que milhares, talvez milhões de milagres já foram atribuídos a Nossa Senhora Aparecida. E eles surgiram até mesmo antes que ela tivesse sido encontrada pelos pescadores nas águas do rio Paraíba do Sul.

Tem uma história engraçada sobre monstros naquele mesmo rio. Tem também milagres curiosos, como o de Astolphina. E, ainda, os clássicos, históricos, contados há muitos anos, mas agora, com pesquisa minuciosa, reescritos em versões inéditas e em muito mais detalhes do que o boca a boca sempre contou.

Quando aceitei o convite do padres redentoristas para escrever um livro sobre os trezentos anos de acontecimentos extraordinários associados a Aparecida, fiquei honrado e entendi que estava diante de uma oportunidade única de vasculhar o arquivo riquíssimo e quase todo inédito da Sala das Promessas, voltar aos arquivos da Cúria com um interesse diferente daquele que me moveu em 2011 no começo da pesquisa para o primeiro livro sobre Aparecida, e, em consequência de todo o processo de escrita, entrar ainda mais fundo na alma brasileira.

Durante a leitura, você perceberá que jamais pensei em colocar pessoas contra a parede, procurando contradições ou desafiando suas crenças. Também não pedi que me comprovassem aquilo que me relatavam. Sempre entendi que, antes de tudo, o milagre existe no momento em que as pessoas acreditam nele. Os próprios padres só foram atrás de comprovações quando precisaram cumprir alguma formalidade com o Vaticano.

Assim, seguindo minha formação humanista, valendo-me do que testemunhei em mais de vinte anos de jornalismo, acostumado a frequentar céus e infernos sempre como observador, mergulhei nos milagres de coração aberto. Entrei na pele daqueles brasileiros e escrevi suas histórias querendo que você, que agora está curioso nestas primeiras páginas, estivesse junto comigo em cada palavra que ainda está por chegar.

E, para que a leitura comece logo, pois haja paciência para introduções longas nos atrasando, me permita apenas dizer que este livro é o resultado de uma pesquisa rigorosa, e que cada linha foi baseada em entrevistas e reentrevistas, documentos históricos e, antes de tudo, na leitura criteriosa de cada um dos mais de quatro mil relatos guardados a sete chaves na Sala das Promessas do santuário. Aliás, guarde fôlego para viajar nas fotografias que ficaram guardadas por muitos e muitos anos dentro de caixas no santuário: o caderno de fotos deste livro é uma viagem no tempo!

Por fim, agora que você ficou sabendo que MILAGRES não tem absolutamente nada de ficção, fique à vontade para lê-lo de baixo para cima, ou de cima para baixo; um milagre por dia, ou o livro inteiro de uma só vez; os históricos primeiro, ou primeiro os “mais que extraordinários”; no ônibus, no

metrô ou na sala de espera do consultório médico; de pé, sentado ou, com sorte, deitado num colchão confortável com travesseiro macio. Coloque seu celular em modo silencioso, diga àquela amiga chata ou àquele amigo insistente que hoje você não tem mais tempo, pois, quando MILAGRES chegam, é sempre assim, mudando tudo, inesperadamente.

Parte 1

Acontecimentos mais que extraordinários



Os muitos milagres de Lourenço

Uma história brasileira

Ano 2000

— *Ôooo, Ritaaaaa... tem quanto tempo que eu morri?* — Lourenço gritou para a mulher, que estava na cozinha.

— *Isso aí foi no ano dois mil, Lourenço.*

— *Foi no ano de dois mil.... que eu morri* — Lourenço repetiu, agora sem gritar, voltando o rosto na direção do visitante que tudo perguntava sobre sua vida.

— *Quando o senhor disse que estava num lugar com muita neblina, o que o senhor viu lá?*

— *Ah, eu tava lá em cima, assim, longe, eu vi muita neblina assim nos pé... neblina amarelada, e muita luz, muita luz... eu tava lá no meio da luz… e as pessoas, a gente só via da metade pra cima… o resto era só neblina amarelada, cor de ouro.*

Lourenço Nunes Brito viveu tantas vidas que, aos sessenta e nove anos, ter experimentado a morte, com suas neblinas de ouro e almas sem rosto, não chegava a ser um acontecimento impossível. O coração que quase o abandonara naquele dia inesquecível fora maltratado desde a infância, em Itajuína, no sul da Bahia.

O menino era neto de um angolano pistoleiro, apanhava do pai de cabelos louros e da mãe de pele morena. Foi sempre desprezado entre os treze irmãos e irmãs. Vendeu camarão torrado e palitos de cana-de-açúcar no trem, buscou conforto na igreja onde serviu como coroinha, preparou hóstias, pensou em talvez um dia ser padre, até que lhe apareceu José.

— *Quer rastá dinheiro com rastelo, menino? Tenho um trabalho que cê vai rastá muito dinheiro!*

— *Mas onde que o senhor vai me levar pra puxá dinheiro?* — o menino Lourenço, dez anos, perguntou ao estranho que lhe aparecia com a grande promessa de usar aquele instrumento com pontas de ferro, quase como o

tridente de um diabo, para juntar montanhas de dinheiro no chão.

— *É aqui pertinho... Se cê quiser ir, a gente vai amanhã de manhã e quando for de tarde nós tá de volta.*

— *Tá bom, então eu vou.*

No dia seguinte, Lourenço avisou em casa, ninguém deu a menor atenção e ele foi cedo ao local combinado: a zona de prostituição na rua do Cacau, bem diante da casa da Nalvinha.

— *Meu filho, vai não! Vai não que esse homem tá te enganando* — Nalvinha alertou, percebendo que o menino a quem ela costumava dar comida estava correndo perigo.

— *Tá não, Nalva. Eu preciso de dinheiro pra ajudar minha mãe... e meu pai também... que eles sofre muito. De tardinha eu tô de volta.*

José chegou com seu caminhão, e dentro dele mais umas dezenas de pessoas empoleiradas em paus de arara. Nalvinha deu ao menino uma lata cheia de farinha de mandioca e jabá, uma carne-seca prensada, e Lourenço subiu no caminhão levando apenas a lata, vestido com sua camiseta e sua bermudinha, as duas esfarrapadas.

Foram nove dias atravessando a Bahia, e depois Minas Gerais, sem saber para onde.

— *O senhor pode imaginar? Sem ver meu povo, sem ver minha mãe, nem ninguém.*

— *Nem posso, seu Lourenço... mas o senhor me conta.*

Em 1955, a rodovia Presidente Dutra era de terra batida. O caminhão encostou na frente do santuário, na cidade que naquela época se chamava Aparecida do Norte.

— *Era uma escuridão tremenda, o senhor vê! Aquela igrejona que tem hoje lá não existia... era uma igreja miúda, parecia um mausoléu, uma escuridão tremenda e eu fui lá embaixo no rio buscar água porque era muita sede.*

Era o mesmo rio Paraíba do Sul onde pescadores encontraram a imagem de Aparecida mais de dois séculos antes daquela viagem triste. A noite estava tão fria que Lourenço dormiu encostado num pneu para tentar se aquecer. Mal tinha ouvido falar em Aparecida.

Quando o caminhão entrou no estado do Paraná, iam mais de oitenta pessoas empoleiradas na caçamba: criança, velho, mulher, homem, todo mundo com fome.

— *Ele foi vendendo todo mundo. Vendia um, dois, vendia cinco.*

— *Vendia mesmo, seu Lourenço? Como escravo?* — o visitante perguntava,

assustado com a ruindade de José.

O grosso do povo foi vendido numa fazenda nos arredores de Londrina. Mas ainda faltava vender o menino magro.

Em Jandaia do Sul, um posseiro chamado Vicente pagou quatro mil e quinhentos cruzeiros pelo menino. Lourenço entrou num Jipe e foi ainda mais para o meio do mato, para um lugar chamado Kaloré.

Fazia tanto frio que Lourenço sentia o pé queimando no pasto coberto de gelo, furava um saco de café e se enfiava dentro dele para aguentar o frio terrível enquanto arrancava os grãos de café da fazenda do posseiro Vicente. Depois de tanto tempo sem a farinha da Nalva, tremia de fome. Sem um casaco para vestir, tremia de frio.

De repente, uma mão pesada lhe puxava os cabelos, uma outra lhe dava socos nas costas e aquela voz horrível lhe dava ordens para trabalhar mais rápido.

— *Seu desgraçado... Eu comprei você foi pra trabalhar, não pra ficar olhando pé de café, não!*

Se Lourenço chorava, e o menino chorava muito de saudade dos irmãos, algum jagunço de Vicente logo pegava um galho no cafezal. Batia, batia e batia nas costas do menino, mandando ele parar de chorar. Lourenço engolia o choro e voltava ao trabalho. Havia dias que carregava centenas de sacos de café para dentro dos caminhões.

Quando completou quinze anos, a coluna que mais tarde o deixaria aos pedaços começou a doer. E a comida que o homem lhe dava era só a metade da marmita dos peões.

— *Quando eu ia tirar a comida na panela, ele vinha e me dava um soco na cabeça que eu tonteava... o senhor precisava de ver, eu ficava rodando na cozinha, e caía.*

— *Mas era ele sozinho, seu Lourenço?*

— *Era nada.*

Enquanto o menino ainda estava estirado no chão, Cissa, a irmã do posseiro, jogava água para expulsá-lo da cozinha do mesmo jeito que fazia com os cachorros. Maria, a esposa, gargalhava. E Manezinho, o irmão, dava uns chutes em Lourenço enquanto ele saía pela porta.

— *É por isso que até hoje eu não gosto de brincadeira, não senhor.*

Os parentes de Vicente, todos nordestinos, ficavam parecendo gente dos pampas, vestidos de bombachas e chapéus, com facas e pistolas nas cinturas, e carabinas que não lhes saíam do alcance dos olhos.

Quando era de tarde, Lourenço recebia ordens para ir ao córrego buscar alguns corotes de água, esquentar na lenha e preparar o banho para mais de vinte homens. Dentro do barraco reservado aos peões, a cama do menino-escravo era feita de troncos finos de árvore, coberta com folhas secas de bananeira.

Os peões o chamavam para jogar baralho, mas, como ele não sabia jogar e ninguém lhe ensinava, ia dormir. De repente, era acordado com um jarro de água fria na cabeça. Maldade de bêbado. Ia se secar perto da fogueira e ficava pensando num jeito de fugir. Mas não via maneira de atravessar o matagal sem tomar um balaço nas costas.

Era assim que acontecia com os peões. Davam duro por dois ou três meses na colheita, recebiam bom pagamento na frente dos outros, e, quando se afastavam mata adentro, aparecia um jagunço do Vicente lhes enfiando dois ou três tiros na cabeça para pegar o dinheiro de volta.

Vicente, no entanto, era pura falsidade. Dava jabá aos peões e se fazia de justo para mantê-los satisfeitos.

— *Quando vocês quisé i'mbora é só vocês falá... aqui é livre, a pessoa faz o que qué* — Vicente dizia aos empregados, praticamente admitindo suas culpas ao tentar negá-las.

Teve um dia em que faltou homem e Vicente mandou convocar Lourenço para fazer o que eles chamavam de quebra do milho. Não tinha nada a ver com milho. Era bandidagem.

Os jagunços de Vicente pegaram as carabinas, colocaram os corotes de água em cima dos cavalos e se enfiaram pelas picadas no matagal. Quando chegaram à fazenda Santa Rita, foi cada um para um lado. Até que soou o apito com som de passarinho, do jeito que havia sido combinado e treinado no barraco. Era um jagunço chamando todos os outros para começarem a matança.

Foi assim que Lourenço, ainda adolescente, viu assassinarem o dono da fazenda Santa Rita para lhe roubar a plantação e as terras. Mataram também a mulher do fazendeiro, as crianças e mais uns jagunços.

Não sobrou testemunha.

Só Lourenço.

E isso já foi quando ele ia completando seis anos de escravidão, dezesseis de vida, morrendo de medo da onça e dos jagunços do Vicente. Foi nesse tempo que Lourenço resolveu fugir.

— *Aí, numa noite, eu mais outro cara, um polaco... nós tinha combinado pra*

nós fugir.

Os dois estavam de guarda, encarregados de vigiar a fazenda. O polonês de barba ruiva dormia. Lourenço pegou a carabina e cutucou o polaco. Os dois vestiram suas capangas, pegaram um corote de água e saíram pelo meio do mato, se alimentando com a pouca fruta que encontraram pelo caminho.

— *Andemo... andemo... durante aquela noitada, o senhor precisa imaginar o terrível que foi... depois de muitas horas, nós não aguentava mais de sono e aí nós subimo em cima de uma árvore e amarrêmo nós com cipó.*

Quando amanheceu, o polaco abriu seus olhos azuis, feliz por não ter sido comido pelas onças, chamou Lourenço, os dois se desamarraram dos galhos e desceram da árvore.

Caminharam um dia inteiro.

No segundo dia, não encontraram fruta nenhuma. Contaram ter comido madeira podre. Chegaram ao rio Ivaí e perceberam que só de barco poderiam atravessar.

Viram um pescador em cima dum bote. Pediram carona, mas o homem ficou tão apavorado que pulou na água, saiu nadando feito cachorro atazanado, e com razão.

Naquelas bandas do Paraná, sujeito vivo era sujeito esperto. Lourenço mesmo uma vez escapou de paulada e tiro depois que tocou sua viola e fez uns jagunços pensarem que estava cantando a mulher deles.

— *Os cara pegô... queria eliminar comigo... Um cara escondido no mato mirou na minha cabeça e pegou nas folha de mamão que furou tudo... Eu já passei por muita provação, se é que o senhor me entende.*

Lourenço e o polaco pegaram o bote do pescador assustado e atravessaram o rio. Na beira da estrada, não conseguiram carona, porque ninguém parou.

— *Nós tava parecendo dois bicho... Eu tinha o cabelo muito grande e vestido com folha... o polaco com aquela barbona e com uma roupa tudo rasgada.*

Chegaram ao vilarejo de Doutor Camargo. Venderam as carabinas. Lourenço finalmente comprou uma calça, mas como a vendedora não deixou que ele entrasse na loja, tão sujo e quase nu, com as partes íntimas cobertas apenas por umas folhas de patioba, teve que aceitar a calça do tamanho que a moça lhe trouxe à porta, muito larga, escorregando pelas pernas.

O polaco raspou a barba e começou a gargalhar.

— *Lourenço, menino, viramo gente de novo!*

Os dois conseguiram trabalho numa roça de ervilha, depois derrubaram montanhas de mato em Caraíba e se separaram.

Lourenço foi contratado para cuidar de porcos, vacas e algumas centenas de galinhas. Trabalhou durante um ano em troca de cama, comida e uma miséria de cinco cruzeiros. Achou bom, pois, mesmo que quase não tivesse salário, era bem tratado. Mas os patrões foram presos e ele ficou sem emprego, sem casa e sem nada.

Aprendeu a ser pedreiro e virou mestre de obras em Maringá. Teve dois filhos com a primeira mulher. Escapou de um assassinato quando ela tentou enfiar uma faca em seu pescoço enquanto dormia. Os dois lutaram.

— *Luta daqui, luta dali... eu ia tomá a faca dela porque se eu tomasse ia dá umas pexerada... ia furá ela!*

Só furou a mão de Eunice, e foi parar na delegacia. Mudou-se para São Paulo.

— *Mas lá não deu certo pra mim, não, senhor... era muito ladrão, muita desonestidade e malvadeza.*

Voltou a Londrina.

Já era 1970 quando Lourenço começou a cantar na dupla sertaneja Nerino e Neraldo. Ele era o Nerino. Gravou disco. Cantou em rádio. Dividiu uma casa com Zé Rico e Milionário antes que eles ficassem ricos ou milionários.

Certo dia, viúvo da primeira mulher, Lourenço caiu de um andaime na obra, conheceu Rita, a filha do vigia, e teve quatro filhos com ela.

Lourenço Nunes Brito passou a vida sofrendo as consequências dos maus-tratos que lhe impuseram desde pequeno, quando, em vez de pancada, precisava de comida, saúde e afeto.

O problema no coração apareceu cedo, mas, de repente, ficou muito grave. O primeiro infarto foi quando ele assistia a uma palestra num templo budista. Tontura, vômito, desmaio... tudo de uma vez.

— *Eu só vivia mozombudão pelos cantos...*

O problema cardíaco mais grave lhe apareceu num desses dias em que ele andava "mozombudo", tristonho no dizer do baiano.

Lourenço saiu de casa e viu um motoqueiro caído no chão, com um pedaço de pau atravessado no peito. Os funcionários da companhia de água haviam deixado o pedaço de pau enfiado no buraco para sinalizar que havia perigo. Havia mesmo: o pau. O motoqueiro foi surpreendido depois da curva. A mãe do rapaz chorava desesperada diante do filho morto. Aquilo tudo foi tomando conta da cabeça de Lourenço, e arrebentou de vez com seu coração frágil.

— *Me assustei com tamanha crueldade de vê uma coisa daquela, aí foi que eu*

fiquei desgovernado.

Lourenço se segurou na cerca da casa. Eram três da tarde. O sol foi se apagando, mas só na cabeça dele.

— *Fui caindo, caindo... me levaram pro hospital... e aí aconteceu aquilo comigo.*

— *O senhor chegou a ver Nossa Senhora?* — O visitante sabia que Lourenço atribuía a recuperação de seus batimentos cardíacos a um pedido feito a Aparecida.

Mas, daquela vez, não... não houve nenhum encontro.

— *Não, eu não vi Nossa Senhora. Eu só vi a neblina! Coisa mais linda… a neblina cor de ouro. Eu tava andando no meio do povo lá em cima, um lugar claro, muito bonito... mas não reconhecia ninguém porque era tudo sombra… sombras.*

Lourenço contou que, enquanto sentia sua alma viajando, a enfermeira obedecia as ordens do médico e ia tirando tudo de seu corpo, como se o preparasse para o enterro.

— *Eu só digo pro senhor uma coisa, eu vivi isso aí, viu? Vivi isso aí... eu não sou pessoa de mentira, eu nunca bebi uma cerveja na minha vida e nem sei que gosto tem essas coisas.*

A enfermeira tirou, primeiro, o relógio do pulso do paciente. Depois, a dentadura. Entregou tudo à mulher de Lourenço, e assim deixou o corpo que pensavam estar morto cada vez mais distante das realidades humanas.

O médico explicava a Rita que havia feito o possível, que tentara até uma reanimação com choque e massagem cardíaca mas que não havia mais nada a fazer.

— *Socaram meu coração fazendo aquela compressão pra ver se eu revivia, mas não teve jeito... morri mesmo.*

O médico estava dizendo, então, que faria o atestado de óbito e que era preciso preparar as coisas para o enterro de Lourenço. Foi quando Rita entrou em desespero e saiu da UTI chorando. No corredor, mesmo tendo se tornado evangélica um pouco antes, apelou para Nossa Senhora Aparecida.

— *Minha mãezinha do Céu,* a *senhora perdoa o Lourenço que ele é crente... se ele voltar desse problema eu nunca mais quero saber de outra igreja!*

Rita chorava e prometia à santa Aparecida que, se trouxesse Lourenço de volta, o levaria ao santuário em romaria, mesmo sabendo que o marido também tinha se tornado evangélico, e justamente por causa dela.

Numa situação dessas, perde-se a noção de tempo. Vá saber! Pelas contas

de Rita, o corpo de Lourenço ficou morto, gelado, por uns trinta minutos, até que o médico apareceu gritando.

—Ele tá voltando... ele tá voltando!

Rita não sabia o que fazer direito com aquela dentadura e o relógio nas mãos. Jogou tudo para o alto. Pulou de alegria, pois, não tinha dúvida: por causa da promessa que fizera a Aparecida, Lourenço havia ressuscitado.

— *E quando o senhor voltou, qual foi a primeira coisa que o senhor viu?* — O visitante queria saber como tinha sido o fim daquela viagem de Lourenço pelo Céu.

— *A primeira coisa que eu lembro foi quando a Rita chegou no quarto e falou pros médico que ela pediu a Nossa Senhora Aparecida pra mim voltar à vida... aí, ela bateu palma, ficou muito alegre, porque eu voltei.*

O problema no coração o obrigou a deixar o cigarro de palha, seu único capricho. Mas logo em seguida veio uma dor martelando a coluna, e ele precisou de bengala. Pensava que se não a usasse seu corpo poderia desmontar. Tomava um monte de remédios, pois só assim diminuía a sensação de que o ar estava se acabando, e só assim aguentava a dor, como se houvesse pedaços de ferro a espetar suas costas.

Foi com Rita a Aparecida pagar a promessa que ela fizera no hospital, quando Lourenço parecia morto. Diante da basílica, compraram uma vela de um metro e sessenta, a altura de Lourenço, e um coração de cera.

Deixaram os ex-votos na Sala das Promessas. E foram aos pés da santa rezar. Dessa vez, foi Lourenço quem fez promessa. Pediu a cura da dor terrível na coluna, e disse à santa que voltaria até ali para pagar. E ainda nem estava completamente curado do coração.

Quando chegou em casa, no Paraná, Lourenço teve uma surpresa que, mais uma vez, só podia ser milagre.

— *Eu não tinha mais falta de ar... não tava sentindo mais nada de ruim. De um dia pro outro o inchaço no coração diminuiu e a pressão baixou... eu me abaixava, levantava, ia pra lá, pra cá e não sentia nada.*

Lourenço foi ao médico, fez tudo o que é tipo de exame, até prova de esforço, e o doutor Edmundo lhe assegurou que, depois de catorze anos doente, o coração estava zerado.

Pensa que Lourenço foi cuidar da saúde?

Foi nada.

— *Eu peguei a fumar um cigarro de palha. E daquele cigarro emendei num outro, fumei mais outro... e, pronto! O senhor acredita que eu tô fumando até*

hoje?

Mas ele ainda precisava resolver o problema da coluna. Combinou tudo com Rita, e os dois foram novamente a Aparecida.

— *No caminho de ida, eu falei pra Rita que não ia aguentar a viagem... não dava pra ficar sentado, nem em pé, nem nada... doía pra tudo que é canto.*

No ônibus, enquanto sentia aquelas espetadas nas costas, Lourenço rezava, cantava hinos em homenagem a Nossa Senhora Aparecida e, pouco a pouco, quilômetro a quilômetro, sentia a dor diminuir.

— *De repente a dor menizô... Eu descia normal do ônibus pro restaurante... E aí eu cheguei até Aparecida quase sem dor nenhuma, só dava aquelas agulhadinhas vez em quando.*

Lourenço sentia como se alguém estivesse retirando as agulhas, ou espetos, que até então lhe atravessavam a coluna. A dor parou.

Mais uma vez, comprou uma vela e a deixou na Sala das Velas. Comprou uma coluna de cera e a deixou na Sala das Promessas. Subiu a rampa da igreja de joelhos, sofrendo ainda mais do que com a dor na coluna... pois vá se arrastar em chão duro para ver o que é bom... E, enfim, rezou diante da imagem de Aparecida.

— *Já voltei bom, o senhor pode acreditar? Foi a mesma coisa que tirá com a mão assim, ó... aquela dorzinha saiu e não voltou nunca mais.*

Haviam-se passado mais de duas horas desde que Lourenço começara a contar sua história. O visitante tinha os olhos cheios de lágrimas, e esbugalhados, como se quisessem saltar de seu rosto.

— *Ô seu Lourenço... e por que é que o senhor acha que mereceu uma nova chance de viver?*

— *Óia, eu vou falar pro senhor, óia... eu não entendo nada, eu não tô entendendo por quê... porque eu acho que Deus tem um propósito na minha vida... Deus e Nossa Senhora Aparecida, eles têm uma proposta pra ver na minha vida ainda antes de eu morrer... Quem faz as coisas de Deus... Deus prolonga a vida, né?*

“Estou te curando”

Os relatos de duas visões de Nossa Senhora na mesma casa

2014

O DESEMPREGO SEM AVISO prévio, aos trinta e seis, depois de oito anos de serviços prestados na área comercial de uma empresa do bairro, era tão aterrorizante que Mirza não imaginava que uma dor ainda pior pudesse recair sobre ela.

Primeiro veio a depressão e, um mês depois, piorando tudo de vez, Mirza começou a sentir dores terríveis na barriga. Gastrite? Úlcera? Câncer?

Era véspera de Semana Santa, e Mirza vomitava tanto que decidiu cancelar a viagem que faria com o marido para passar alguns dias na praia. O feriado seria no hospital.

Sem comida nem água, só no soro, Mirza esperava o exame terrível em que colocariam um tubo corpo adentro para saber que diabos ela poderia ter no intestino ou nas proximidades.

No dia seguinte, antes do exame, Mirza teve uma crise de choro. O anestesista deu uma de psicólogo e conseguiu acalmá-la.

Exame feito.

O drama agora era saber o que havia derrubado Mirza de uma hora para outra, e, justamente, alguns dias depois que ela perdera o emprego. A suspeita maior, para aumentar o pavor de Mirza, era uma coisa esquisita que o médico chamava de doença de Crohn. Em outras palavras, uma inflamação rara no intestino.

O resultado da biópsia só sairia depois de duas semanas, e, naquele período, Mirza não sabia como aguentaria tanta ansiedade. Pior ainda: a diarreia, a hemorragia, tudo ao mesmo tempo.

Dona Lourdes, mãe zelosa, se mudou para a casa de Mirza para ficar com as netas. Quando ia ao hospital, queria saber exatamente o que a filha sentia.

E Mirza amenizava o problema:

— *É só uma dorzinha no peito, mãe.*

Raio-X. Ultrassom. Corticoides na veia. Mirza foi ficando inchada feito balão. Melhor seria se não tivesse um espelho por perto.

— *Minha Nossa! Tô totalmente deformada! Meu rosto, minhas mãos, as pernas, os pés... não sou eu!*

Quando se lembrava de que a beleza era o menos importante, Mirza chorava, pensando que, se morresse, suas duas filhas ficariam sem mãe, separadas, cada uma com um pai diferente. A situação estava tão triste que ela resolveu dar um jeito de voltar para casa. Mesmo que ainda não estivesse curada.

— *Eu não quero mais ficar nesse hospital!* — ela gritou sozinha, certa de que o médico jamais lhe daria alta.

Em casa, sem saber de muita coisa, Sônia começou a rezar pela patroa. Sônia era a empregada doméstica, devotíssima de Nossa Senhora Aparecida.

— *Dona Lourdes, a gente precisa levar uma rosa até a igreja pro padre benzer. É isso que vai curar a Mirza!*

Dona Lourdes se comoveu mas não encontrou tempo para fazer o que a empregada lhe pedia. Sônia, então, resolveu tudo sozinha: comprou uma rosa e a levou à igreja para o padre benzer.

Enquanto isso, no hospital, Mirza, dona Lourdes, o pai, o marido e alguns amigos fizeram uma roda de oração. Minutos depois, o médico entrou no quarto.

— *Olha, Mirza, não sei por que que eu tô fazendo isso... acho que nem poderia... eu vou deixar você ir embora pra casa... mas você vai acabar voltando.*

Irresponsabilidade?

Negligência do médico?

Por que ele daria alta a uma paciente que continuava doente?

Ninguém explicou.

— *Eu acho que na minha casa eu vou melhorar, doutor* — Mirza, chorando, disse ao médico, ao mesmo tempo agradecendo e, com certa cumplicidade, justificando a decisão estranha que aquele homem acabava de tomar.

Era verdade que a barriga já não doía tanto. A diarreia continuava, mas a hemorragia era muito menos intensa.

Só mais tarde Mirza contou aos parentes que durante aquela oração pediu a Nossa Senhora Aparecida que, com os meios que estivessem a seu alcance, promovesse a cura daquela doença até então desconhecida.

À noite, em casa, Mirza não conseguia dormir. Rolava de um lado para o outro na cama, com uma dor terrível que fazia com que ela tivesse certeza de que precisaria voltar ao hospital no dia seguinte.

Virou-se para a mesa de cabeceira, fixou os olhos na imagem de Aparecida, e rezou de novo. Pediu mais uma vez à santa que fizesse aquela dor terrível ir embora de uma vez.

Ainda sem fechar os olhos, com o dia amanhecendo, Mirza começou a olhar para o relógio esperando a hora de telefonar para o médico e voltar ao hospital.

Às sete e quinze da manhã, como em todo dia útil, Sônia, a empregada doméstica, enfiou a chave na fechadura e entrou na casa. Veio com uma flor na mão. Era a rosa benzida pelo padre. Sônia a entregou a dona Lourdes, que a colocou num jarro ao lado da cama de Mirza, junto da imagenzinha de Aparecida.

Mirza ficou sozinha, descansando.

Não sabe se estava dormindo ou acordada quando viveu o momento mágico que a faria chorar e tremer a cada vez que o relembrasse. "*Eu tava deitada, de barriga pra cima, e vi Nossa Senhora ali do lado da minha cama*", ela contaria.

Mirza perguntou à Senhora o que ela fazia naquele quarto.

— *Estou te curando... estou te curando!*

A visitante inesperada passava as duas mãos sobre a barriga de Mirza. Parecia ter uma faixa branca em cada mão. Ou era uma luz? Mirza não saberia dizer, mas jamais teve dúvidas sobre o que lhe aconteceu.

— *Eu vi ela nitidamente ali no meu quarto. Eu olhava... e via as mãos dela... ela passando realmente assim onde tava a dor... era um toque de mãe com alguma coisa branca e macia na mão, me acariciando e me curando.*

Mirza dormiu.

Quando acordou, três horas depois, foi ao banheiro e percebeu que já não saía mais sangue de seu corpo. A hemorragia estava estancada.

Mirza jamais se esqueceria da sensação que teve no momento em que as mãos da visitante iam curando suas feridas internas. Mas só saberia descrever algumas poucas características da mulher que, ela não tem dúvida, era Maria, a mãe de Jesus.

— *Ela não tava vestida com o manto, como a gente sempre vê... era pequena... do tamanho de uma menina.*

Menina como era Maria no dia em que recebeu a visita do anjo Gabriel?

Negra como Aparecida?

— *Meu quarto tava escuro, eu acho que sim... mas eu realmente não conseguia ver muitos detalhes do rosto.*

Mirza resolveu não contar nada para o médico. Refez os exames e descobriu que estava completamente curada. Apenas treze dias depois da internação na Semana Santa, não havia mais nada em seu intestino.

A maior surpresa de Mirza veio alguns dias depois, quando ela ficou sozinha com Sônia pela primeira vez.

— *Eu vi Nossa Senhora, Mirza!* — A empregada doméstica havia visto a mesma mulher. — *Foi ela quem me pediu pra benzer aquela rosa e colocar do lado da sua cama.*

Daniel e as mãos brancas

O caso do motoqueiro que viu um vulto lhe devolver a vida

2013

Durante um bom tempo, Daniel Gomes Brito ouviu os vizinhos perguntando sobre o rapaz que morrera no acidente de moto.

— *Nossa, tu viu o acidente?* — dizia um.

— *Teve um rapaz que morreu!* — exclamava outro.

— *Um caminhão passou por cima da cabeça dele* — era mais alguém comentando.

— *Não... esse acidente foi comigo!* — O motoqueiro do capacete esmagado estava vivo, na frente deles, contando sua história incrível mais uma vez.

Quando o policial que registrou a ocorrência chegou à delegacia com um capacete amassado como se tivesse sido pisado por um elefante, a delegada ficou danada da vida.

— *Óbito... a uma hora dessas, não pode ser!* — a chefe reclamou, impaciente, pois eram cinco da tarde e ela não queria problema logo na hora em que deveria ir para casa.

— *Nada, tu acredita que o cara tá vivo lá no hospital?* — o policial respondeu, antes de sair para ouvir o depoimento do sobrevivente.

Até os parentes de Daniel custaram a acreditar que ele não estivesse morto. Algumas horas antes, quando recebeu o telefonema de um estranho avisando que o irmão estava debaixo de um caminhão de mudança, Alessandro não teve a menor dúvida.

— *O Daniel é meu irmão, sim... que foi? Ele fez besteira de novo?*

— *Ó... vem aqui na avenida da caixa-d'água que a polícia quer falar com você.*

— *Os polícia pegou ele?* — o irmão insistiu.

O estranho não explicou mais nada e Alessandro saiu de casa certo de que

o irmão tinha aprontado mais alguma, provavelmente depois de uma bebedeira. Daniel era um sujeito trabalhador, mas com a vida dura que levava, sempre achava um jeito de se esquecer dos problemas arrumando mais problemas.

Vivia gastando seu pouco dinheiro nas máquinas de caça-níquel, ou enfiado por horas e horas nas mesas de jogo. Era pife, tranca, pafe, cacheta... onde tivesse alguém apostando podia contar que Daniel estava. E, vício por vício, ele não abria mão de nenhum. Como sempre vira seu pai fazer, desde os catorze anos, enchia a cara com bebida alcoólica. Quando todo aquele horror de vida parecia pouco, se perdia nas drogas. Mas, daquela vez, fizessem justiça, não tinha sido nada daquilo.

No momento em que chegou ao local do acidente, Alessandro entrou em desespero. Daniel estava esmagado debaixo da roda do caminhão, só com as pernas para fora.

Era segunda-feira, 16 de dezembro.

Daniel tinha perdido o emprego na fábrica de peças para plataformas de petróleo e precisava buscar os documentos para dar entrada no fundo de garantia e no seguro-desemprego. Dois meses antes, ainda confiante de que poderia pagar as prestações com o salário de caldeireiro, comprou uma moto. E foi nessa moto que, depois do almoço, saiu de casa, levando uma mochila cheia de embalagens de plástico, daquelas onde se guarda comida, pois logo em seguida iria deixá-las na casa de sua mãe, dona Jovenice.

Mas isso não chegou a acontecer.

Daniel não teve permissão para entrar na empresa e pegar os documentos da rescisão. O porteiro disse que ele esperasse na porta, pois alguém lhe traria a papelada. Não confiavam nele? Sem ter o que fazer, Daniel ficou olhando fixo para o adesivo com um rosário de Nossa Senhora Aparecida que colara no tanque da moto.

Como sempre fora muito católico, naquele dia triste em sua vida, Daniel começou a rezar olhando para o adesivo. Pensou em fazer uma oração para cada conta. Eram mais de cinquenta, mas foi na décima Ave-Maria que alguém apareceu com o envelope e pediu sua assinatura.

O desempregado acelerou a moto rumo à casa de dona Jovenice.

Daniel calcula que fez a curva a quarenta por hora. Era pista de mão dupla. Ele diz que deu seta e começou a ultrapassar um caminhão de mudança quando, sem qualquer aviso, o caminhão virou com tudo para cima dele.

Daniel se lembra exatamente do que aconteceu. Bateu com a moto na

caçamba do caminhão e foi parar debaixo do motor, com moto e tudo. No meio das ferragens, entre o caminhão e o asfalto, o motoqueiro sentia sua cabeça ser arrastada pelo pneu do caminhão, imprensada no chão. O capacete que ele sempre prendia firme no pescoço ia sendo levado também. Daniel ainda teve tempo de pensar alguma coisa como *"vou empurrar essa roda pra sair daqui de baixo"*, mas não conseguiu.

Viu a morte chegando, e mudou de estratégia.

— *Pelo amor de Nossa Senhora Aparecida!* — ele gritou. — *Paaaaaraaaaaa!*

Imediatamente depois do grito, veio um clarão. Fez-se um silêncio profundo. Algo sobrenatural estava acontecendo com aquele motoqueiro desempregado? Seria possível que a Virgem Maria estivesse descendo à terra para buscá-lo como se acredita que fizeram com ela no momento de sua Assunção?

Uma luz branca tomou conta da mente de Daniel, e o fez sentir como se fosse realmente uma presença santa ou divina no momento de sua morte. Eram anjos? Anjos da morte? Da vida? Espíritos?

Foi no meio daquele clarão que Daniel enxergou um vulto branco se aproximando, uma mulher. E logo depois sentiu duas mãos brancas tirando sua alma de baixo do caminhão, como se fosse uma mãe pegando seu filho no colo.

Coisa da cabeça de Daniel? Então a Mãe o carregava nos braços mesmo, como se o salvasse da morte? Era uma visão? Ou aquilo realmente estava acontecendo no campo espiritual?

Ainda com aquela sensação de acolhimento, Daniel ficou de pé. Ou melhor, pensou que estava de pé, pois ao se levantar viu a si mesmo deitado, como se estivesse morto, com a cabeça e um braço debaixo da roda do caminhão, cercado de um monte de gente que se aproximava querendo ajudar, ou só matar a curiosidade.

— *Pobre desse menino...* — Daniel, sentindo-se como um espírito que ronda o corpo que não consegue deixar, ouviu uma velhinha dizer: — *Morreu na hora, a roda esmagou a cabeça dele!*

Daniel sempre contaria aquele momento emocionado, com a certeza de que fora salvo por um milagre. Era consequência de sua fé em Aparecida? Será que ter rezado enquanto esperava a papelada da rescisão na porta da empresa havia sido o motivo de sua salvação?

Depois daquela experiência extraordinária, Daniel pensou que estivesse vivo outra vez. Mas, talvez não. Talvez estivesse a caminho do Céu, levado

por aquela mulher de mãos brancas. Ficou alguns instantes entre um e outro mundo. Até que, de repente, voltou a ouvir a barulheira do povo à sua volta. Sentia-se vivo outra vez, todo arrebentado pelo acidente, debaixo do caminhão.

Em posição fetal, com as mãos estáticas, mas ainda protegendo a cabeça, olhou para o lado e viu o capacete debaixo da roda, completamente esmagado, do jeito que muita gente imaginou que havia ficado o crânio de Daniel. Viu um monte de pés.

E só muitos dias depois foi ver o que o povo via no asfalto com enorme curiosidade: o guidão da moto torcido, a roda empenada, o tanque amassado, e, o mais impressionante, aquele capacete esmagado.

Daniel sempre contou também sobre a sorte que teve por estar com a mochila cheia de *tupperware* para entregar a dona Jovenice. Aquele amontoado de plástico servira como amortecedor nas costas do motoqueiro que, por isso mesmo, não teve uma única costela quebrada.

A única testemunha ocular do acidente ficou tão chocada que virou de costas quando viu aquele corpo sendo arrastado pelo caminhão. Pelas contas de quem viu a cena ainda fresca logo depois do acidente, Daniel foi arrastado por mais de trinta metros. Era para ter morrido, ninguém tinha a menor dúvida. Mas lá estava ele, deitado, agradecendo ao rapaz que — mesmo virando de costas para não ver a cena terrível — o resgatou, telefonou para o irmão Alessandro e chamou a ambulância.

No hospital, foram trinta e duas horas deitado na mesma maca sem poder se mexer e sem dizer uma única palavra, pois nem a boca Daniel conseguia abrir. Sentia uma dor terrível no pescoço, gemia muito e só escutava o murmúrio de médicos e enfermeiros dizendo que aquele coitado na maca não mexeria os braços nunca mais em sua vida.

Assim acontecem as coisas.

Uns se acabam, outros se salvam sem que o ser humano consiga encontrar uma explicação razoável. Depois de três dias, Daniel voltou para casa andando e gesticulando, exatamente como antes do acidente.

Dias mais tarde, descobriu que sua mulher estava grávida. Na verdade, Lourenzo já era um embriãozinho no dia do acidente. E assim, modificado por dentro e por fora pelo que acreditava ter sido um milagre por intermédio de Nossa Senhora Aparecida, Daniel Gomes Brito tomou algumas decisões importantes em sua vida conturbada.

Deixaria todos os vícios: do baralho ao álcool, do caça-níquel às drogas.

Faria o possível para entrar na faculdade de Engenharia, e, enquanto não conseguisse, trabalharia na construção civil, como pintor e pedreiro, como fizera quando era adolescente, antes de se perder na vida sem regras e acabar meio morto debaixo de um caminhão.

A PREMONIÇÃO DO INVESTIGADOR

O caso do policial que sobreviveu, dizem, graças a um boné abençoado

1999

AS BALAS DAS METRALHADORAS dos bandidos resvalavam na camionete onde estavam o delegado Wilson, o investigador Ronaldo e outros três policiais. Faziam zunidos apavorantes, algumas furavam a lataria, mas não acertavam ninguém.

— *Deus tá com a gente... tá no capô dessa viatura!* — um deles gritou, disparando outro tiro com sua pistola 38.

Mas, logo, a sorte mudou.

Uma bala acertou o para-brisa da camionete e os estilhaços de vidro foram parar nos olhos do delegado. O deixaram sangrando, meio cego, mas ainda atirando, e pedindo socorro pelo rádio.

A perseguição que tinha começado na frente da transportadora de valores seguia em alta velocidade pela rodovia Raposo Tavares. E não dava mais para dizer quem perseguia quem. O assalto milionário tinha sido frustrado, mas agora era pistolinha de policial contra arsenal de bandido.

Enquanto aqueles homens desesperados miravam no furgão branco, outros dois bandidos, num carro azul, se aproximaram pela lateral esquerda. Mandaram mais chumbo.

Dessa vez, foi o motorista quem sentiu o balaço.

— *Meu braço!* — o policial gritou, tentando manter o controle, ouvindo rajadas de metralhadora.

"Sorte que não foi na cabeça...", um deles pensou, apavorado.

No momento em que aqueles cinco policiais começavam a ver a cara da morte, o carro azul dos bandidos bateu na guia. O furgão branco saíra do alcance da vista.

Na noite anterior, os criminosos tinham sequestrado funcionários da

transportadora de valores. Tentaram abrir os cofres-fortes mas não conseguiram. Levaram os reféns para uma chácara e não ficaram sabendo que alguém avisou a polícia que eles tentariam abrir os cofres no dia seguinte.

A polícia montou, então, uma megaoperação para surpreender os criminosos antes que eles entrassem na empresa. E, pelo tamanho da encrenca, o delegado de Sorocaba achou melhor pedir reforço. Telefonou para seu amigo, o delegado Wilson, que convocou Ronaldo e outros três subordinados para saírem às pressas da cidade vizinha de Votorantim.

Não faziam ideia de que enfrentariam mais de vinte criminosos, em nove ou dez carros, usando coletes à prova de bala, armados com fuzis, metralhadoras e granadas; e com o diabo no corpo — prontos para derrubar um helicóptero se fosse preciso.

Depois de alguns segundos de silêncio, quando o tiroteio recomeçou, os outros policiais do comboio finalmente apareceram na estrada, espantaram uma parte dos bandidos, mas quem ficou no fogo cruzado, mais uma vez, foi a camionete, onde o delegado tinha sangue escorrendo pelo rosto; onde o motorista dirigia com um braço ferido; onde seguiam, ainda inteiros, os outros três.

E o que podia ficar pior... ficou.

Um tiro de AR-15 cortou o para-brisa, não se sabe ao certo se atravessou também o banco da frente e chegou, certeiro, à cabeça do investigador Ronaldo.

Que apagou.

Nem ficou sabendo que, logo em seguida a camionete deles parou no acostamento com o motor destruído pelos tiros; não soube tampouco que os criminosos fugiram na direção de São Paulo; e que só um deles foi preso, contando, mais tarde, que estavam todos em jejum pois aquilo os ajudaria no caso de levarem tiros e terem que passar por cirurgias. Ao todo, cinco policiais sem fuzil, colete ou jejum tinham sido feridos no confronto. Ninguém, no entanto, como Ronaldo.

Quando a família chegou ao hospital, um enfermeiro disse que, se aquele policial sobrevivesse, na melhor das hipóteses, conseguiria mexer os olhos. Apenas os olhos.

Mais tarde, depois de tirar pedaços de osso, chumbo e cabelo do cérebro do paciente, o neurocirurgião pediu novos exames, e viu esperança. Quis saber se Ronaldo estava de capacete quando levou o tiro.

— *Eles não usam capacete na polícia civil, nem colete também não...* — a

mãe respondeu indignada. — *Policial civil não tem nada que ir atrás de bandido desse jeito, eles foram chamados é no desespero, improviso... coisa de amizade de um delegado com outro.*

— *Mas, alguma coisa amorteceu a bala... alguma coisa protegeu a cabeça dele... senão, teria arrancado uma parte do crânio* — o médico insistiu.

Tudo indicava que, antes de bater na cabeça de Ronaldo, a bala disparada do fuzil AR-15 tinha encontrado algum obstáculo; ou, pelo menos, resvalado em alguma coisa. Pelos exames, o médico notara que, em vez de um tiro matador, o que tinha atingido a cabeça do investigador fora uma chuva de fragmentos de chumbo. Assim, como mágica mesmo, evitou-se o efeito granada — a implosão que normalmente acontece quando uma bala de fuzil invade o cérebro de alguém.

— *Eu achei o boné dele...* — Um policial que estava próximo interrompeu a conversa entre o médico e a mãe no corredor do hospital.

— *Ah... ele tava de boné?* — o médico perguntou ao estranho que se aproximava; claramente pensando alto, tentando entender se um boné poderia mesmo ter sido o tal obstáculo que salvara Ronaldo.

— *Ele tava usando o boné pra esconder o rosto dos bandidos* — o policial explicou.

No começo daquele dia, Ronaldo, vinte e quatro anos, solteiro e descompromissado, curtia sua folga na maior tranquilidade... até que recebeu o telefonema.

—*Eu sei que cê tá de folga... mas tem que vir pra cá agora... é ordem!* — o delegado disse, apressado.

Ronaldo saiu correndo da casa onde morava com a mãe. Mas... logo voltou.

— *Que que cê tá fazendo?* — A mãe estranhou que ele tivesse voltado tão rapidamente.

— *Vim pegar o boné* — Ronaldo gritou, apressado, já entrando no quarto.

— *Tá em cima do guarda-roupa!* — a mãe respondeu, de longe, ainda estranhando. — *Mas você nem usa boné...*

Não usava mesmo. Algo que parecia uma voz dentro de sua cabeça havia acabado de dizer a Ronaldo para entrar em casa de novo e pegar o boné laranja. Era mesmo alguém lhe falando? Ou pura intuição?

"Senti um negócio... e voltei pra buscar o boné", ele relembraria.

Verdade é que Ronaldo nunca ficara muito à vontade usando boné. *"Coisa de marginal!"*, ele sempre dissera. Mas aquele era especial, tinha sido um

presente, comprado pelas irmãs e benzido pelo padre durante uma missa no santuário de Aparecida.

Quando o jovem investigador chegou à delegacia, em Votorantim, os policiais já estavam se arrumando para sair. Mas, mesmo apressados, acharam tempo para fazer graça daquele boné marrom.

Ronaldo respondeu, sério.

— *Faz um ano que eu tô na polícia, nunca usei boné... mas quando eu cheguei no portão de casa senti um negócio, e voltei pra buscá* — ele disse.

E, de fato, horas depois, aquele sentimento incomum, aquela voz dizendo a Ronaldo que voltasse para buscar o boné, estava se revelando uma premonição.

— *O que eu posso dizer é que, de alguma forma inexplicável, esse boné bloqueou a bala!* — o neurocirurgião disse, intrigado com aquele caso.

O boné milagroso ficou guardado por muito tempo na casa de um dos policiais que acudiram os companheiros feridos depois do tiroteio em Sorocaba.

Mesmo tendo sido lavado, ainda que fosse marrom, continuava com as manchas de sangue, e com um rasguinho muito estreito logo acima da aba, indicando o lugar onde a bala chegara e, acredita-se, se desviara de sua rota original.

Ainda que o boné o tivesse protegido e evitado sua morte, Ronaldo sofria de amnésia, e estava arrasado: psicológica e fisicamente. Tinha o rosto deformado pelo inchaço no cérebro; e levaria quase dois meses para ter coragem de se olhar no espelho outra vez.

Seu crânio afundara de maneira terrível. Estilhaços de bala acabaram entrando em sua cabeça. Ronaldo perdeu massa encefálica, ficou com o lado esquerdo do cérebro paralisado, passou quarenta e um dias em coma induzido e só depois de quase três meses pôde sair do hospital, ainda assim, de cadeira de rodas. Só mais tarde é que sua memória começou a voltar.

— *Não sei como é que você ainda tá aqui, cara!* — o médico que o acompanharia durante os anos seguintes diria, sempre intrigado com aquela sobrevivência improvável.

— *Eu não sei explicar... o senhor é que tem que dizer... na verdade... o senhor não, Nossa Senhora é quem tem que dizer!*

Ronaldo atribuía sua salvação a Nossa Senhora Aparecida. Se o boné não tivesse sido comprado e abençoado no santuário, ele acreditava, *"um pedaço de pano jamais seria capaz de bloquear uma bala de fuzil!"*.

O policial que socorreu Ronaldo depois do tiroteio pensava parecido. Não era nem um pouco religioso, mas quando tirou o amigo do banco traseiro da camionete e o carregou nas costas, fez uma promessa.

— *Se esse cara sobreviver... eu vou... vou lá em Aparecida!*

Meses depois, eles foram juntos.

Apesar da proteção que a família e os amigos sempre atribuíram a um milagre, Ronaldo se aposentou da polícia por invalidez. Precisou se conformar com a notícia de que passaria a vida com *"uma constelação de estilhaços de bala"* encravada no cérebro. Ficou com o braço esquerdo imóvel para sempre, e, alguns meses, na cadeira de rodas.

Depois de muita fisioterapia, passou para uma bengala de quatro pontas. Depois, para uma bengala simples e, enfim, dezoito anos depois do tiro, voltou a ter esperanças de caminhar normalmente.

O rapaz que sempre sentira *"frieza do mundo"*, que não se interessava pela família e caçava bandidos como um robô programado para matar, estava completamente mudado. Tornara-se mais religioso, mais afetivo e, pelo que ele mesmo diz, mais humano.

— *Minha busca por Deus foi incessante... eu pensava que precisava falar pessoalmente com Ele, pra agradecer... mas não queria morrer para isso* — ele diria, achando graça das próprias palavras.

O MISTÉRIO DA QUINTA VÉRTEBRA

O caso do paralítico que andou em Aparecida, reconhecido pelo Vaticano

1995

OS CABELOS FICARAM TÃO compridos que Lourival parecia um Jesus Cristo no leito de morte. Por ordem da família, ninguém cortava a cabeleira do morto-vivo. Mais morto que vivo, diga-se com muita franqueza. Depois de um ano em coma, ninguém mais tinha esperança de ver o rapaz abrir aqueles olhos claros, traídos pelo golpe da colheitadeira no arrozal.

— *Pode desligar os aparelhos, doutor* — depois de perder completamente as esperanças, foi o que o pai disse ao médico.

— *Não senhor, eu não posso fazer isso. Ele tá vivo!* — o médico respondeu, indignado.

— *Meu filho não tá vivo não, senhor. Ele tá vegetando... Olha a situação dele! Como é que alguém vive assim?*

Lourival, o morto-vivo, não sentia dor alguma. Ou pelo menos jamais se lembraria de ter sofrido durante aquele sono profundo.

Além do crânio rachado, tinha uma vértebra quebrada e outra, literalmente, moída. Justamente a quinta vértebra lombar, logo acima do sacro — conhecido pela medicina como o osso sagrado. O médico seguiu o que mandava a ética e manteve os aparelhos ligados.

Mais de um ano depois daquele dia em que seu pai pensou em guardá-lo a sete palmos debaixo da terra, alguma coisa aconteceu no quarto do hospital, em Brasília. Lentamente, o morto-vivo começou a se mexer, e abriu os olhos. Viu tudo embaçado: os aparelhos que mantinham seu coração batendo, as enfermeiras, o médico.

— *Que dia é hoje, Lourival?*

Era o dia em que começava sua segunda vida, mas Lourival não fazia ideia de nada.

— Você sabe em que ano estamos?

— Bom, doutor, pelo que posso me lembrar é 1991 — Lourival respondeu, sonolento.

O médico trouxe um calendário e lhe mostrou os números grandes. Haviam-se passado dois anos, cinco meses e dezessete dias desde que Lourival perdera a consciência. Era 1993.

— O senhor tá brincando!

— Você dormiu durante dois anos e meio... E vou mostrar que não é mentira — o médico disse, pedindo que o paciente fizesse o que ele mandava.

Lourival seguiu as instruções e deixou a mão escorregar pela cabeça, pelos ombros, peito, barriga cintura... foi ficando atordoado... até descobrir que a cabeleira tinha mais de um metro de comprimento, quase chegando aos joelhos.

O médico levantou o lençol, e Lourival quase infartou. Viu as pernas atrofiadas, os pés entortados, e foi aí que finalmente se lembrou da tragédia. Agora sim tudo fazia sentido... Na última cena que havia em sua memória, ele estava na plantação de arroz.

A colheitadeira que Lourival comandava parou de andar, mas as lâminas de aço continuaram girando. Ele se levantou da cadeira do motorista, se apoiou numa espécie de corrimão de segurança até que, de repente, a máquina deu um tranco. Fez barulho fortíssimo, soltou muita fumaça. Lourival foi lançado na direção das lâminas, massacrado ali no meio, sangrando muito, sem conseguir se desvencilhar.

Até que ele sentiu uma pancada na cabeça, tão forte que lhe rompeu o crânio. Tudo ficou escuro. Lourival dormiu profundamente e só acordou naquele dia de 1993, quase dois anos e meio depois do acidente em Bauru, recebendo a notícia de que estava paraplégico.

— Não tem nada que a gente possa fazer — o médico lamentou. *— Placa, pino, parafuso... nada disso vai consertar a tua coluna.*

Aos vinte e três anos, a notícia de que jamais voltaria a andar chegou arrebentando mais do que lâmina de colheitadeira. Foi guilhotina, sentença de morte. E Lourival, com a quinta vértebra completamente destruída, outra quebrada, e setenta e três pontos na cabeça, pensou nisso mesmo: melhor morrer do que passar a vida numa cadeira de rodas.

Ninguém vai dizer que a morte era melhor que a cadeira de rodas. Ou melhor, pode até dizer. Mas quanta gente vive bem depois de acidentes muito piores que o de Lourival? Quanta gente com deficiência física

consegue correr maratona? E o cientista Stephen Hawking que só precisa do cérebro e do músculo de uma de suas bochechas para decifrar o Universo? Mas, enfim, quem pode dizer que Lourival não tinha direito de perder a cabeça?

Um tempo depois, inconformado com a inutilidade de suas pernas, no consultório de um médico, Lourival ficou próximo de uma daquelas balanças antigas que têm uma haste pontiaguda para medir a altura do paciente.

"*É agora*", pensou. "*Vou atravessar esse negócio no meu coração.*"

No momento em que Lourival avançou na direção da haste de metal, querendo puxá-la contra seu peito, o médico chutou o aparelho para longe.

Não era a hora de Lourival.

Mas ele estava mesmo livre de seus demônios?

Libertado do fogo do inferno pelo sapato do médico?

Mesmo fazendo tratamento psiquiátrico, num outro dia, Lourival pegou a arma que seu pai guardava num cofre, enfiou dentro da própria boca e apertou o gatilho.

Uma.

Duas.

Três.

Quatro...

Cinco vezes.

A pólvora estava úmida, ou coisa parecida, pois bala nenhuma se animou a sair. E Lourival foi salvo mais uma vez.

Munição fora de validade?

Providência divina?

Lourival se encheu de raiva, jogou a arma na cristaleira, quebrou copos e pratos e acabou passando a noite num hospital psiquiátrico.

Quando a desesperança e o desânimo fizeram aquele homem passar os dias reclamando da vida, quando nada mais fazia sentido, seu enteado resolveu dar uma sugestão, talvez querendo aliviar o incômodo causado por aquele paraplégico ranzinza.

— *Pai... cê precisa ter fé! Não adianta ficar resmungando. A situação do senhor é definitiva* — o menino o aconselhou.

— *Mas como eu vou ter fé se hoje eu ponho a culpa até em Deus pelo que me aconteceu?* — Lourival retrucou, ainda se sentindo injustiçado, desacreditado de tudo o que havia pensado ao longo da vida sobre fé e religião. Desacreditado, pois sempre fora profundamente católico e agora não havia

vontade divina que o fizesse levantar daquela cadeira dos diabos.

O enteado começou a trocar o curativo em suas costas feridas pelo ferro incômodo da cadeira, e voltou a insistir.

— Cê não tem fé? Faz uma promessa a Nossa Senhora Aparecida! Cê não é devoto dela?

Aquelas palavras ficaram martelando em sua cabeça rachada por alguns dias até que Lourival decidiu que era hora de fazer as pazes com Deus.

Foi a uma capelinha dedicada a Nossa Senhora Aparecida, perto de sua casa, mas a capela estava trancada. Ficou rezando na porta e começou a chorar, pensando no que poderia prometer à santinha para conseguir que ela o ajudasse a andar outra vez.

"Nossa Senhora Aparecida... com a intercessão da Senhora junto a Deus", ele foi dizendo. *"Se tantas pessoas já alcançaram graças, por que é que eu não posso?"*

O homem que andava com a fé abalada ia agora argumentando com a santa, quase como quem tenta convencê-la a atender seu pedido. De repente, de impulso, tomou a decisão que mudaria sua vida.

"Eu não vou esperar que a senhora me dê essa graça não... eu vou agradecer logo porque, se tiver mesmo esse milagre, vai ser no caminho que ele vai acontecer!"

Lourival resolveu pagar a promessa antecipadamente, e não se importou nem um pouco com aqueles que o chamaram de louco e burro por pagar pelo que não havia recebido.

Sem dar atenção a ninguém, Lourival pediu a seu irmão que o levasse a um serralheiro para reforçar a cadeira. Adicionaram-lhe mais de três quilos de ferro para que aguentasse a viagem.

No bicicleteiro, Lourival trocou as engrenagens das rodas por um sistema de rolamento. Pendurou duas rodas nas laterais, como garantia de que não ficaria pelo caminho. Mesmo assim, foi de novo aconselhado a não fazer aquela loucura.

O nome do posto de gasolina onde a viagem começou foi só coincidência. Ou era presságio?

Posto Sem Limites, dizia a placa.

Era verdade então que a vida do paraplégico Lourival não tinha mais os limites de alguns dias antes? Nem os limites da razão que o faziam ter certeza de que nunca mais poderia caminhar, desafiando inclusive sua fé?

Se dependesse dos camaradas simpáticos que o pagador de promessas encontrou no posto de gasolina, ele não chegaria nem ao primeiro

entroncamento da estrada.

— *Daqui a pouco ele volta* — disse um policial rodoviário.

— *Não aguenta...* — disse alguém.

— *De jeito nenhum!* — completou um José-vai-com-os-outros, repetindo o despeito de alguém, e de outro alguém, ao finalmente verem Lourival pelas costas, começando a viagem.

As palavras atordoaram sua mente cansada. Chegaram a parecer um mau presságio. Foi justamente quando a estrada não tinha acostamento, quando Lourival ficou com medo pois seguia lado a lado com os carros, foi aí que o motorista Jacaré pisou fundo no freio da carreta.

Ihhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh...

Jacaré gastou a borracha dos pneus e deu o maior susto em quem passava pela estrada. Queria oferecer carona ao rapaz arrasado que avistara pela janela.

Se Jacaré não tivesse parado, o pagador de promessas teria voltado para casa? Era possível.

— *Meus parentes tão me esperando na rodovia Castelo Branco* — Lourival disse, ainda arfando, sentado no banco do carona, enquanto Jacaré terminava de guardar a cadeira de rodas.

Depois de sair de casa, no Paraná, e percorrer um longo trecho da viagem planejada para o pagamento da promessa, chegando ao estado de São Paulo, Jacaré parou a carreta no lugar indicado por Lourival: exatamente onde voltava a existir acostamento.

— *Mas cê não falou que tinha gente te esperando? Onde que eles tão?*

— *Tem ninguém não senhor.*

— *Então eu vou te levar de volta... Não vou te largar aqui sozinho nessa cadeira!* — o caminhoneiro disse, de certa forma sentindo-se traído pela mentira de Lourival.

— *Não faz isso não, homem! Não quero voltar pra vidinha ruim que eu tava vivendo... Eu vou até Aparecida... agora falta pouco.*

Faltavam quase quatrocentos quilômetros.

De caminhão seria um tiro só mas, de cadeira, rodando no máximo três quilômetros por dia, com muita sorte, Lourival demoraria quatro meses e meio para chegar ao santuário.

Os dois choraram juntos na despedida.

— *Isso é loucura, meu amigo!*

Ainda comovido depois de ouvir aquela história impressionante, Jacaré

disse suas últimas palavras e seguiu seu caminho.

Quatro meses coisa nenhuma... Lourival passou oito meses viajando, sem um centavo no bolso. Vez ou outra algum motorista perguntava se ele queria ajuda. Lourival jamais aceitou dinheiro, mas sempre queria água. O motorista parava no acostamento e lhe derramava a água de uma garrafa plástica sobre a cabeça.

As salsichas e as sardinhas enlatadas que ele levou na mochila acabaram em poucos dias. Lourival dependida de ajuda de caminhoneiros para conseguir um prato de comida, ou então alguém lhe dava um saco de biscoitos num posto de gasolina.

Uma vez, faminto e sem ninguém que quisesse ajudá-lo, Lourival viu um espetinho de frango já mordido, jogado no chão. Assoprou com força querendo tirar a poeira, catou as formigas com as unhas e matou sua fome.

Às vezes aparecia alguém querendo lhe emprestar os braços por alguns minutos.

— *Quer conversar, nós conversa... Mas não empurra a cadeira não!*

Depois de ficar três dias completamente sozinho, apareceu nova companhia.

— *Faz um tempo que eu tô passando pra lá e pra cá, indo e voltando do meu serviço, e o senhor continua na estrada. Pra onde que o senhor tá indo?* — quis saber um jornalista.

— *Eu vou pra Aparecida, tô indo pagar uma promessa.*

— *Não posso acreditar nisso... até Aparecida, de cadeira de rodas?* — O jornalista se espantou, e ofereceu carona, depois ofereceu dinheiro, mas Lourival recusou tudo.

— *Tudo o que eu levo é um terço pra rezar... água pra beber e uma capa pra me proteger da chuva. Obrigado, mas eu não preciso de mais nada...*

Quando amanheceu, no dia seguinte, um ruído fortíssimo acordou Lourival. Um helicóptero viajava com a porta aberta e ali estava um cinegrafista registrando a jornada do pagador de promessas.

A paz acabou para sempre.

Um dia depois, veio um repórter com câmera e microfone gravando entrevista na beira da estrada. Em consequência daquela reportagem, justamente quando sua cadeira de rodas dava sinal de que não aguentaria mais do que um ou dois dias, Lourival recebeu um convite para trocar temporariamente o acostamento por um estúdio de rádio, em São Paulo.

Se viu, de repente, ao lado dos cantores Leandro e Leonardo. Relatou sua

tragédia e sua promessa, primeiro aos sertanejos, depois, ao vivo, pela rádio. Contou no programa que, de tanto empurrar as rodas da cadeira, suas mãos estavam praticamente em carne viva.

Um policial que ouvia a entrevista foi até a rádio e levou seis pares de luvas para Lourival. E uma alma caridosa e anônima o levou ao hospital para cuidar da mão. Mas ainda faltava a cadeira de rodas. Pois, afinal, tinha sido para isso que ele perdera seu tempo de estrada dando uma longa entrevista na rádio.

Seguindo viagem, famoso em boa parte do Brasil, Lourival ia lentamente pelo acostamento quando sentiu um braço o envolvendo pelas costas.

Era a apresentadora Hebe Camargo, perguntando se ele precisava de alguma coisa.

— *Na verdade, eu preciso, Hebe. Minha cadeira de rodas não vai mais pra canto nenhum, quase não sai do lugar.*

Hebe lhe trazia uma cadeira nova.

— *Cê vai sair dessa cadeira, então... e vai passar pra essa outra!*

A apresentadora não gravou nada para seu programa na televisão, e também não quis ser fotografada quando alguém lhe pediu que posasse com Lourival. Apenas se despediu e desejou boa sorte.

Sentindo-se abençoado pelo presente daquela apresentadora, e por toda a atenção que o Brasil, de repente, lhe dava, Lourival chegou à marginal do rio Tietê — uma das avenidas mais movimentadas da maior cidade brasileira. Para quem dependia de uma cadeira para se locomover, era pior que uma selva.

"*E agora, pra onde que eu vou?*", Lourival se perguntava, sozinho de novo, vendo aquela confusão de carros, motos e ônibus.

Mais uma vez, a ajuda chegou de onde ele menos esperava.

Um guarda de trânsito que mais parecia um emissário dos céus lhe dizia que não se preocupasse, pois o caminho se abriria do mesmo jeito que o Mar Vermelho se abriu a Moisés. O guarda até sabia seu nome.

— *Lourival, pode descer a avenida tranquilo porque nós reservamos uma faixa da marginal exclusiva pra você.*

O pagador de promessas famoso agora recebia privilégios. Coisas do Brasil. Mesmo que aquilo atrapalhasse o trânsito, as ordens eram para facilitar o caminho daquele homem até Aparecida.

Quando chegou a um posto de gasolina na rodovia Presidente Dutra, Lourival teve mais uma surpresa. Um neurocirurgião esperava por ele. Era de novo o efeito daquelas entrevistas no rádio e na televisão.

Doutor Sérgio havia tratado de Lourival antes da viagem, mas agora aparecia como se fosse um Rafael, anjo da cura, pedindo que ele se deitasse num colchão de água.

Parecia um sonho, e Lourival dormiu.

O que ele se lembra é de ter sido acordado pelos gritos de um policial militar eufórico.

— *Faz de novo… Faz de novo!*

— *Fazer o quê?* — Lourival respondeu, ainda sonolento.

— *Você mexeu a perna!*

— *Claro que não... como que eu vou mexer a perna?*

— *Mexeu sim, Lourival... são espasmos que você tá tendo.* — Era o doutor Sérgio, também surpreso com o acontecido. — *Não era pra isso acontecer... mas tá acontecendo.*

Ao perceber aquilo que parecia um milagre, e mais do que tudo uma consequência de sua promessa, Lourival lembrou-se do que ele mesmo havia dito.

"Se tiver essa graça, vai ser no caminho que ela vai acontecer."

Lourival se pendurou na cinta que o prendia à cadeira de rodas, como se fosse se levantar, e percebeu que seu corpo reagia aos estímulos outra vez.

— *Minhas pernas tão vivas!* — ele gritou, certo de que algo milagroso acontecia diante do médico, de alguns policiais e de muitos curiosos que faziam uma roda enorme à sua volta.

Lourival sentiu uma vontade que havia mais de seis anos não sentia.

— *Quero fazer xixi!*

— *Como assim?* — o médico lhe perguntou, impressionado, completando: — *Faz na sonda, você tá de sonda.*

— *Mas tá doendo.*

— *Tá doendo??? Então você tá realmente sentindo seu corpo... Você tá sentindo de novo!* — A excitação do médico confirmava o que Lourival já estava pensando: aquele acontecimento desafiava a razão.

O médico apertou a virilha de Lourival com uma caneta. Doía muito.

— *Mas que dorzinha boa, doutor!*

Não haveria nada melhor nessa vida do que sentir dor numa parte do corpo que, minutos antes, parecia morta.

Lourival não chegou a ficar de pé, mas aquela melhora inesperada o fez se sentir novo para seguir viagem. Como se pode imaginar, jamais o deixaram sozinho.

Quando viu a placa avisando que Aparecida estava perto, já eram dezenas de pessoas à sua volta. Lourival sentiu uma força tão grande que começou a se livrar de tudo aquilo que o amarrara à cadeira naqueles últimos meses. Tirou primeiro o cinturão de segurança, depois a fralda, a sonda... e foi pendurando tudo na cadeira, reconquistando a liberdade perdida no dia em que foi destroçado pela colheitadeira.

Faltavam só quatro quilômetros. Se não demorasse muito, no dia seguinte, chegaria ao santuário.

No posto de gasolina, mais uma vez, uma multidão esperava pelo pagador de promessas que, tudo indicava, recebera um milagre.

Quando Lourival conseguiu se livrar dos repórteres e dos curiosos, percebeu que havia também um monte de incrédulos ao seu redor.

O borracheiro dizia que aquilo tudo não passava de fingimento.

— *Rapaz, eu não vim aqui pra fazer sensacionalismo, não!* — Ele ainda perdia tempo se explicando. — *Eu vou lá pra Aparecida fazer o que eu tenho que fazer.*

Mas queria tranquilidade, e resolveu driblar todo mundo. Saiu escondido, às três da manhã.

Quando chegou, quis assistir a uma missa na basílica. Foi subir uma ladeira íngreme mas a cadeira de rodas tombou para trás, e Lourival foi parar no asfalto. Outra vez, foi abordado por um estranho. Um entregador de jornais o ajudou a se levantar e perguntou para onde ia o homem das mãos esfoladas.

— *Eu tô indo lá na basílica... pra missa.*

— *Cê tá vindo de onde?* — O entregador sabia direitinho com quem estava falando.

— *Não...* — Lourival queria realmente ficar em paz, e mentiu. — *Eu moro aqui em Aparecida.*

— *Vou falar uma coisa pra você: todos esses jornais que tão aqui no meu carro...* Gazeta, Diário, Estadão, Folha... *todos eles tão falando de você! Cê saiu de tão longe pra mentir aqui em Aparecida? Eu vou te levar. Só que não tá na hora da igreja abrir.*

Enquanto esperava o tempo passar, o entregador de jornais colocou Lourival em seu carro e o levou ao alto do morro dos Coqueiros. Dali de cima, os dois viram o santuário começando a ser cercado de carros e ônibus. Era o povo chegando, como sempre chegava.

Quando a porta da igreja se abriu, Lourival foi recebido pelo bispo Osvaldo. Ao lado dele, o guarda Pedro. Os três desceram a rampa juntos e

ouviram os sinos tocando. As imagens registradas por aquele helicóptero que sobrevoara sua cabeça, e depois pelos repórteres na estrada, e depois a entrevista na rádio, aquilo havia criado uma comoção tão grande que o Brasil inteiro sabia da história do homem que perdera os movimentos num acidente com a colheitadeira de arroz, passara dois anos em coma, acordara paraplégico e só voltara a sentir alguma coisa nas pernas durante a viagem em que cumpria antecipadamente sua promessa a Aparecida.

A história contada pelas tevês, pelos rádios e jornais havia levado uma multidão à basílica. Parecia que o país inteiro esperava por Lourival. Ou pelo menos foi assim que ele sentiu.

Os guardas do santuário fizeram um corredor para permitir a passagem do ilustre cadeirante. No caminho, tinha gente que pensava que Lourival era santo, e ele sentia mãos passando pelos seus ombros, dedos se esforçando para tocá-lo, como se assim as pessoas pudessem ser abençoadas também. Lourival tinha mesmo virado santo?

— *Deixa eles, Lourival... cada um manifesta sua fé de um jeito... Você não vai fazer milagre, mas deixa eles acreditarem no que quiserem.* — Lourival se lembra de ter ouvido o bispo dizer, enquanto os dois avançavam lentamente na direção do cofre de ouro e vidro blindado que guardava a santa, a quatro metros do chão.

Ali estava dom Aloísio Lorscheider, o cardeal-arcebispo de Aparecida, esperando pelo visitante. Emocionado ao ver o cardeal, Lourival sentiu uma força tão grande que teve certeza de que seria capaz de se levantar. Pediu ao guarda Pedro que segurasse sua cadeira, apoiou-se no corrimão, e se levantou.

Quando ficou de pé, sentiu mais uma vez que estava forte como um touro. Soltou a mão que ainda segurava o corrimão e, de repente, viu seu corpo desmontar. De uma só vez.

Diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida, o rosto de Lourival desceu com força e se chocou no corrimão. Começou a jorrar sangue de seu nariz.

A graça não havia sido alcançada.

Como falar em milagre diante daquele homem de nariz quebrado?

O paraplégico sentia as pernas mas não era capaz de ficar de pé. Não era capaz de dar nem um único passo.

"Lourival quebrou a cara!"

Já era possível imaginar todos aqueles que riram dele pelo caminho

gargalhando ao vê-lo derrotado pela televisão. Sua cabeça dava voltas, e tudo o que vivera nos últimos meses voltava como pesadelo.

Foi quando o cardeal interrompeu seus pensamentos.

— Seu Lourival, o senhor saiu de tão longe, viajou tanto tempo... e vai fazer desse jeito? Vamos fazer direito?

Àquela altura, alguém já havia emprestado um lenço para secar o sangue do nariz do pobre rapaz sentado no chão, aparentemente derrotado, sobre as pernas imóveis.

Antes de seguir a sugestão do cardeal, Lourival rezou com um rosário nas mãos. Ficou em silêncio diante do religioso que, dizem, quase foi papa. Até que Lourival se sentiu forte outra vez, e resolveu se levantar daquele chão.

Apoiado pelo guarda Pedro, de novo, começou a se levantar. Lentamente, acompanhado pelo olhar do cardeal, Lourival foi tirando a mão do corrimão até ficar completamente de pé, sem que ninguém mais o ajudasse. Foi quando dom Aloísio lhe deu o empurrão que faltava. Empurrão, claro, é só maneira de dizer.

— Mais um passo, seu Lourival... Só mais um!

Naquele instante, depois de comer o pão que o diabo talvez nem saiba que amassou, depois de sofrer muito sabendo que seu próprio pai havia sugerido ao médico que desligasse os equipamentos que o mantinham vivo durante o coma, depois de tentar suicídio por duas vezes, depois de prometer a Nossa Senhora Aparecida que iria ao santuário pagando a promessa por antecipação, Lourival deu um passo com a perna esquerda, outro passo com a direita, outro com a esquerda...

Foram três pequenos passos.

E ele começou a perder o equilíbrio.

Sentou-se outra vez.

Quem viu não teve dúvidas de que aquele homem que saiu de Bauru numa cadeira de rodas, precisando de cinta, fralda e sonda porque não sentia nada da cintura para baixo, era de novo capaz de mexer as pernas. Mesmo que pouco, tinha sido justamente diante da imagem sagrada que ele havia voltado a andar.

A pedido da arquidiocese de Aparecida, Lourival Leonetti Junior foi a diversos médicos e laboratórios fazer exames, e, depois, repetiu-os à exaustão, para comprovar que apesar da quinta vértebra destruída, e uma outra quebrada, aquele homem de cabelos castanhos, agora curtos, havia, inexplicavelmente, voltado a andar.

O processo, classificado como "milagre por intercessão de Nossa Senhora Aparecida", foi enviado ao Vaticano para avaliação.

Se não fizesse os exames, o cardeal o havia alertado, "*a diocese também teria o direito de entender que tudo não passou de charlatanismo... e você teria que prestar contas com a sociedade*".

Lourival aceitou o pedido do cardeal, mas ainda demorou alguns meses para andar perfeitamente. Depois de seis anos de desencontros, suas pernas e seu cérebro demoraram a se entender outra vez. A psicologia e a fisioterapia terminaram de fazer o trabalho.

Até que um dia chegou a Bauru um telegrama pedindo que ele voltasse ao santuário de Aparecida. O processo havia sido aprovado no Vaticano. Sua história era, oficialmente, um milagre.

Mas vá dizer isso para o pessoal da churrascaria onde Lourival, agora chefe do estacionamento de caminhões, passa a maior parte de seu tempo! Vá dizer aos vizinhos… aos bêbados no posto de gasolina... Aos fofoqueiros da internet... Muita gente se sentiu no direito de exigir que Lourival provasse que não havia inventado aquela história de ficar paraplégico e andar de novo diante da santinha Aparecida.

Três anos depois de ir ao santuário, Lourival caminhava tão perfeitamente que parecia que nada havia lhe acontecido, e virou motorista de carreta.

Numa viagem, foi desviar de uma criança e bateu num outro caminhão. De novo, quebrou costelas, quebrou um braço e fez nova promessa. Dessa vez percorreria nove mil quilômetros a pé para agradecer a Nossa Senhora Aparecida por ter sobrevivido. Deixou a mulher em casa, meio revoltada, e foi para a estrada.

Parte 2

Momentos mágicos



Aparecidinha de chumbo

A voz de Nossa Senhora no dia em que o mundo desabou

2003

Qual será o poder de uma pequena imagem de chumbo vendida como lembrancinha? Qual é o poder real daquilo em que acreditamos, pelo simples fato de que acreditamos?

O mecânico Paulo Roberto não teve a menor dúvida de que foi no momento em que segurou a imagenzinha de Nossa Senhora Aparecida com força que sua mente se iluminou. A imagem, com um ímã debaixo dos pés, ficava sempre grudada no painel do carro. E ali estava quando começou a tempestade terrível.

O fato extraordinário, que no entendimento de Paulo Roberto foi sobrenatural e explicável apenas pelas coisas divinas, aconteceu justamente no momento em que ele, na época com quarenta anos, trabalhava na obra do que seria sua primeira casa própria.

Paulo Roberto havia sonhado com a profissão de engenheiro mecânico, mas nunca chegara perto de uma faculdade e precisava se contentar com a ideia de ser dono de uma pequena oficina mecânica, mas só fechava as contas do mês juntando o que ganhava na oficina com o dinheiro dos sapatos que vendia de porta em porta. E para cumprir aquele segundo trabalho, viajava pelas ruas das cidades próximas a bordo de seu velho Del Rey.

Quando percebeu a força da chuva, acostumado a ver blocos enormes de terra despencarem sobre as casas numa região de muitas construções irregulares, nas encostas das montanhas, Paulo Roberto abandonou a obra de sua casa e foi correndo para um lugar que considerava mais seguro: o galpão de uma outra obra, do outro lado da rua, onde estava estacionado o Del Rey.

Paulo Roberto abriu o carro apressadamente, sentou-se no banco do motorista e ouviu um estrondo violento, que parecia um trovão muito

próximo. Ou era uma explosão? Arrancou a imagem de Aparecida do painel, segurou-a na palma da mão e, pelo que contaria mais tarde, sentiu naquele carro a presença de Maria, a mãe de Jesus. Mais que isso, conversou com ela.

— *Me salva, minha Mãe!* — o homem apavorado murmurou, esperando que a santa o protegesse da tempestade e segurasse os barrancos que o ameaçavam. Paulo Roberto ouviu uma voz lhe falar, como se a própria imagem metálica, ou a santa que ela representava, respondesse à súplica.

— *Pula pro outro lado do carro!*

Meio aos trancos e barrancos, Paulo Roberto passou ao banco do carona e, no exato momento em que conseguiu se sentar, ouviu um novo estrondo, um ruído ainda mais forte. Foi quando viu uma chuva de lama e concreto caindo sobre o vidro.

Ficou tudo escuro.

Paulo Roberto não era dos mais magrinhos e sentia-se pressionado entre o banco, o porta-luvas e o teto do carro, agora completamente amassado. Ele ainda não sabia, mas um prédio de dois andares havia desabado. Mais tarde, os engenheiros calculariam em vinte e oito toneladas o peso do concreto, do ferro e da lama que retiraram da área onde estava o Del Rey de Paulo Roberto.

A sensação do mecânico-vendedor, todo curvo naquele espaço miúdo que lhe sobrou, era de que havia se tornado, de novo, um feto no útero de sua mãe. A dúvida era se aquela boa alma consertadora de carros se despediria do nosso mundo naquele instante ou veria a luz outra vez.

Do lado de fora, vizinhos que haviam ouvido o estrondo formavam uma corrente de curiosos, querendo saber quem estava preso naqueles escombros. Era rotina. Todo verão morria alguém nas tempestades de Petrópolis. E todo mundo ali sabia que não dava tempo de esperar pelos bombeiros.

O povo tinha que ir atrás dos vivos, ou esperar ajuda para resgatar os mortos. E assim foi. Meia multidão olhando e falando coisas à toa, meia multidão trabalhando.

— *Tem alguém aí?* — gritava um.

— *Ajuda, pessoal... vâmo tirá essa lama!* — pedia outro.

— *Mas eu tô ajudando, pô!* — respondia um terceiro, praticamente revelando-se culpado de letargia sem que ninguém o tivesse acusado de nada.

— *Anda seu paspalho, vem ajudá aqui!* — insistia um mais entusiasmado com lama até o peito.

Enquanto isso, em silêncio, o pedreiro Jorge enfiava a pá nos escombros e

jogava a lama para longe.

— *Paulo Roberto! Paulo Robertooooooo!* — Era o sogro, que tinha quase certeza de que Paulo Roberto estava lá embaixo. E estava, fazia mais de vinte minutos.

O sogro e o pedreiro escavaram muito e finalmente avistaram o Del Rey.

Debaixo da lama, como se estivesse em sua própria cova, Paulo Roberto ouvia algum barulho, mas não tinha força para gritar. Não via um único raio de luz, e sentia a respiração cada vez mais difícil.

A imagenzinha de Aparecida continuava espremida entre os dedos e a palma de sua mão.

O sogro pediu que mais gente ajudasse a tirar a lama. Mas que trabalhassem com pressa! Já tinham se passado mais de trinta minutos.

— *Paulo Roberto tá lá embaixo! Pode tá sufocando... bora cavá gente!* — O sogro exigia, e cavava o quanto podia.

Realmente, a alma que penava lá embaixo sentia o ar mais e mais rarefeito, como se a qualquer instante sua mente fosse apagar. Cada minuto era uma eternidade, um minuto a menos para sobreviver. E seriam quase quarenta até que o sogro, o pedreiro e os vizinhos terminassem de abrir caminho no meio da lama e do concreto que deixavam Paulo Roberto enclausurado, como se estivesse num útero, sem cordão umbilical.

"Minha Nossa Senhora, eu preciso aguentar mais um pouco", ele pensava, apertando ainda mais a santinha na mão fechada, sentindo um calor agora insuportável.

Depois de mais alguns minutos, Paulo Roberto pensou que estivesse morrendo. Desligou-se do que acontecia à sua volta e começou a ver um filme de sua vida. Quem já esteve à beira da morte relata que o filme da vida é a última coisa que acontece quando se tem tempo de perceber a chegada da morte.

Paulo Roberto via o filho que precisava ser criado, via a formatura do filho, cena tão improvável que só podia ser sonho, via a casa que estava construindo e que jamais ficaria pronta, via a mulher, que, se ele morresse, ficaria sozinha.

Naquele momento em que o cérebro do soterrado começava a dar sinais de que perderia a luta, quando o coração batia muito mais rápido que o normal, procurando o ar que não havia, a pá do pedreiro Jorge tirou o último monte de lama e finalmente liberou a respiração de Paulo Roberto.

— *Tá vivo, tá vivo, Paulo Roberto?* — o sogro gritava, mas ele não respondia, pois não tinha forças.

Mais tarde, os médicos diagnosticariam uma lesão cerebral causada por falta de oxigênio. Mas, naquele momento, ninguém pensava em nada disso.

Quando o sogro, o pedreiro e os vizinhos finalmente enxergaram o rosto dentro do Del Rey, ele estava entre vivo e morto, com tão pouco ar que quase nada lhe chegava aos pulmões. A cabeça estava quase encostada no para-brisa; o peito ia esmagado contra o porta-luvas; e o rosto, marrom, como se fosse uma escultura de barro se desmanchando, numa mistura de lama e suor. O calor deixava aquele lugar mais para inferno que para útero. Mas, conforme a água da chuva começou a escorrer, foi molhando seu rosto e, depois, seu corpo. E, quando foi puxado por seus salvadores, apesar do desconforto e do lamaçal, Paulo Roberto sentiu como se estivesse sendo arrancado da barriga da sua mãe. Nascera outra vez.

No pensamento dele, a mãe que lhe trazia ao mundo era aquela que ele apertava em sua mão. A imagenzinha de Aparecida ia tão espremida que o sogro e os vizinhos pensaram que Paulo Roberto havia perdido os movimentos.

— *Abre a mão!* — gritou o primeiro.

— *Você quebrou a mão...* — especulou o segundo.

Até que Paulo Roberto disse as primeiras palavras de sua segunda vida.

— *Não tem nada não... Minha Mãe tá aqui comigo!* — disse baixinho, quase sem forças.

Muita gente não entendeu aquelas palavras murmuradas debaixo da terra. O sogro, o pedreiro e alguns vizinhos continuavam fazendo força para retirar por completo aquele corpo enfraquecido. E, talvez, ele nem estivesse consciente do que estava falando.

Quando Paulo Roberto saiu dos escombros, como um Lázaro saindo de seu sepulcro, os olhos ficaram cegos com a luz que lhes apareceu de repente. Ainda muito desgastado, lentamente, ele começou a recuperar o ritmo normal da respiração.

Dizem que foi só depois de uma hora, quando sua esposa e o pedreiro Jorge o jogaram debaixo do chuveiro, que ele finalmente abriu a mão direita e mostrou a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

— *Foi minha Mãe que me salvou* — ele disse.

E a esposa sabia que a mãe havia morrido quando ele ainda era menino, que Paulo Roberto fora criado pelas irmãs, e que só poderia estar falando de Nossa Senhora. Era com a santa que ele conversava todos os dias, querendo compensar a ausência da mãe.

Uma semana depois, ainda espirrando terra, Paulo Roberto voltou ao galpão e, no meio da lama que tomava conta do interior do carro, encontrou sua pasta com o dinheiro e os documentos enlameados, e a caneta que estava no bolso de sua camisa completamente amassada. Como não tinha seguro, perdeu o Del Rey, e não teve mais como sair de porta em porta vendendo sapatos.

Passou a viver só da pequena oficina mecânica. E, por causa disso, nunca teve dinheiro para terminar a obra da casa da família, que, aliás, ficou anos e anos do mesmo jeito, inacabada. Não reclamou, afinal: nada valia mais que sua vida.

Mesmo depois de uma década, Paulo Roberto continuaria chorando a cada vez em que se lembrasse do momento em que o mundo caiu sobre sua cabeça. Não pelo medo, mas pela sensação de que algo extraordinário o salvou. Se chovesse, então, aí era que ele se derramava em lágrimas.

— *Ela não permitiu que saísse uma gota de sangue meu* — ele relembraria, chorando mais uma vez.

Mais que isso, Paulo Roberto Brito passaria a vida contando que só sobreviveu ao desabamento porque aquela voz lhe apontou o caminho da salvação: o banco do carona, o lugar que não sucumbiu por completo à montanha de escombros.

A capota do Del Rey ficou destruída e algumas partes do teto quase encostaram no piso. Uma delas foi a parte que ficava em cima do assento do motorista, justamente onde ele estava antes de segurar a imagem. O único pedaço que não afundou por inteiro foi aquele onde Paulo Roberto ficou depois de ouvir a frase que jamais lhe sairia da cabeça: *"Pula pro outro lado do carro!"*.

Locutor de rodeios

O homem que agradece milagres deixando chapéus em Aparecida

1999

Nas feiras agropecuárias do Centro-Oeste brasileiro, Márcio Alexandre é o cara. Locutor de rodeios desde os dezoito anos. Dos melhores. Há quem diga até que um dos maiores do Brasil. Ganhador de troféu. Homem que sabe emocionar como poucos.

Mas quem disse que foi fácil chegar até lá?

Quando resolveu fazer alguma coisa para realizar seu sonho, Márcio Alexandre andava na maior pindaíba. Recém-casado, com filha recém-nascida e, coisas da vida, recém-desempregado.

Aliás, troço difícil esse de arrumar emprego!

Mas vamos concordar que o cara não queria nada simples.

Aos catorze anos, foi ver um rodeio, ficou emocionado ao ouvir a oração que o locutor Leandro fazia em homenagem a Aparecida, chorou de emoção, viu os bois e os peões pulando como loucos, achou aquilo tudo o maior barato e, naquela hora, decidiu que seria locutor de rodeios.

Decidiu, não.

Inventou moda.

Quando chegou em casa pediu ao pai para lhe comprar um chapéu e um par de botas. E, de certa forma, deu certo. De vez em quando, Márcio Alexandre conseguia fazer alguns bicos em rodeios pequenos.

Nos quatro anos em que ficou empregado como técnico agrícola, vivia de olho nas propagandas e, sempre que dava, aproveitava as folgas para ir aos rodeios. Até que, sem emprego e sem opção, resolveu que era hora de dar o grande salto de sua vida.

Como tinha certeza de que jamais seria técnico agrícola outra vez, como também não via a menor possibilidade de conseguir uma chance nos rodeios

importantes, o adolescente de Naviraí, Mato Grosso, resolveu que a salvação de sua lavoura teria que vir de cima. Como ainda não sabia voar, prometeu ir ao lugar, aqui na terra mesmo, onde se sentiria o mais próximo possível do céu: o santuário de Aparecida.

Mais uma vez, no entanto, o adolescente escolheu um caminho difícil. E não cumpriu a promessa. Não naquela época.

Sem a menor ideia de onde ficava a basílica dedicada à santa da predileção de peões de rodeio e locutores, resolveu que rezaria diante de uma réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Na sala de casa, ali em Paranaíba mesmo, Márcio Alexandre se ajoelhou diante da imagem e lhe falou o que trazia no coração.

— Mãe, eu tô desempregado... eu venho fazer um pedido. Quero viver nos rodeios... quero ser locutor!

Sabendo como são as coisas, por garantia, Márcio Alexandre prometeu que se o pedido fosse atendido aprenderia o caminho até o santuário e iria lá todos os anos para deixar um chapéu de peão, e agradecer o milagre, quantas vezes fosse preciso. Pediu à santa também que, caso seu pedido fosse atendido, o protegesse daqueles tantos chifres que passariam raspando por ele quando estivesse na arena com o microfone na mão.

Com tanto pedido de uma vez só, será que Aparecida teria condições de atendê-lo? Garoto exigente!

Não há notícia de que Nossa Senhora tenha se manifestado naquele dia, mas ninguém disse a Márcio Alexandre que ela estaria de prontidão, esperando por ele. Por outro lado, tudo o que aquele pai de família desempregado pediu acabou acontecendo.

Logo depois da promessa diante da imagem, começaram os convites para fazer um rodeio aqui, outro ali, e ele foi se firmando como locutor em rodeios importantes. Deu tudo tão certo que, no meio do ano, Márcio Alexandre já trabalhava nas melhores feiras agrícolas do Centro-Oeste.

Enquanto narrava as aventuras dos peões de rodeio e de seus bois indomáveis, o locutor pensava em como tudo aquilo tinha sido possível. E não tinha a menor dúvida de que sua sorte havia mudado única e exclusivamente por causa da conversa que tivera com a santa, ajoelhado diante da imagenzinha de barro.

— Ela atende seus filhos, né?

Naquele mesmo ano de 1999, o locutor de rodeios voltou ao santuário para deixar seu chapéu.

No ano seguinte, foi de novo.

E de novo.

Quatro anos depois, o locutor havia se tornado tão famoso no Brasil dos touros que pensou que estava na hora de ganhar o prêmio mais importante do país para um locutor de rodeios. Prometeu que, se ganhasse o troféu Arena de Ouro, iria a pé de São Paulo até a basílica.

— *Que promessa que eu fui fazer!* — ele pensou, com o troféu nas mãos. — *Agora, não tem jeito, vou ter que andar cento e sessenta quilômetros.*

Caminhou por três dias, pensando o tempo todo em desistir. Os pés ardiam em chamas, cheios de bolhas. Mas o tempo foi passando e a dor se transformou em recompensa.

— *Você vai caminhando com a chuva, com sol... e o momento mais emocionante da vida é quando você bota o pé no santuário.... é mágico, é incrível!* — ele contou, muito mais tarde, quando já tinha feito mais de dez caminhadas para pagar outras tantas promessas. E em todas as vezes que foi a pé de São Paulo ao santuário, foi levando seu chapéu de boiadeiro. Sempre sentindo a presença da santa, a presença de Deus.

— *É quando nossos pés se enchem de bolha que a fé fala mais alto* — ele costuma dizer.

Em véspera de rodeio, quando vai dormir, o locutor reza todas as contas de um rosário. E quando já está na arena, convoca os peões a fazer com ele um pedido de proteção a Nossa Senhora Aparecida. Exatamente como fez o locutor Leandro no dia em que ele chorou emocionado e decidiu seguir aquela profissão.

Mas a história não termina por aqui.

Nem de longe!

Foi em 2016, quando menos esperava, que Márcio Alexandre precisou de mais uma superdose de ajuda divina. E ele dirá, por todos os alto-falantes, que a santa jamais lhe faltou.

Em Juína, *"lá no nortão do Mato Grosso"*, com a bênção do bispo e tudo, na véspera de um rodeio, inaugurou-se uma capela dedicada a Aparecida.

No grande dia do rodeio, quando peões enfrentavam touros sempre indomáveis, em cenas sempre antológicas e inesquecíveis, acabou sobrando para o locutor. Bom lembrar que Márcio Alexandre só narra de dentro da arena, pois é ali que um locutor sente a verdadeira emoção do rodeio. Mas, estando na chuva, acabou se molhando.

O touro bravo veio por trás e enfiou-lhe o chifre nas costas, rasgando

apenas sua camisa. Houve quem dissesse que Márcio Alexandre estava com o corpo fechado. E não estava?

— *Se o chifre entra nas costas, Ave Maria!*

A fivela do cinto que segurava sua calça jeans era de metal, tinha a imagem de Nossa Senhora Aparecida gravada, e foi justamente ali que o chifre do touro bravo parou na segunda chifrada, sem que chegasse a nenhum dos órgãos vitais do locutor.

A fivela arrebentou, a imagem de Aparecida gravada no cinto se partiu ao meio e — o que espantou todo mundo — um pedaço voou até a arquibancada. Foi cair justamente nas mãos de um amigo de Márcio Alexandre que, como quase todo peão, também era devoto da santa. O locutor continuou narrando, como se não tivesse quase morrido.

— *Eu tenho esse vídeo gravado, depois vou te mandar pelo "whats" pra você entendê... cê vai vê que a cinta rebentô!* — Márcio Alexandre fez questão de comprovar o que dizia ao entrevistador que perguntava sobre sua história.

No começo de 2017, no tricentenário do encontro da imagem de barro no rio Paraíba do Sul, renovado por aquela experiência que mudara sua vida, Márcio Alexandre mudou a oração que faz no começo de cada rodeio.

"Em vossa singela imagem, há trezentos anos apareceste na rede dos três benditos pescadores... diante de vós, embaixadora de Deus, rompeste as correntes da escravidão", e assim o locutor de rodeios vai contando e recontando os três séculos da santa que, por inúmeras razões, mas antes de tudo pelos milagres atribuídos a sua intercessão, é parte indissociável da história de Márcio Alexandre, e do Brasil.

A incrível cura de Saionara

Um relato de experiências sobrenaturais impressionantes

2013

VOCÊ NÃO IA NEM querer ver o estado em que ficaram as costas de Saionara. Parecia que aquela jovem professora de creche tinha entrado no meio de um incêndio. Tudo em carne viva. Coisa que não se deseja nem para inimigo. Nem gente ruim imagina uma coisa dessas!

Apesar do nome, Saionara não tem nada de japonesa. É de São Brás do Suaçuí, Minas Gerais. E tem a pele negra. Mas, naqueles vinte e quatro dias, parecia um camaleão.

Perdeu a pele inteira das costas. Das mãos. Do rosto também. Ficou tudo esbranquiçado e vermelho como se ela tivesse sido resgatada de um incêndio. E se Saionara não podia nem se olhar no espelho, pior ainda, não encontrava posição para dormir.

A doença surgiu primeiro como se fosse uma gripe. Mas logo veio uma dor forte nos pés. Coceira nas costas. Inchaço na boca. Dor terrível na hora de urinar. Só Saionara sabe o que sofreu.

E, acredite: você não ia querer ver o estado em que ela ficou!

A situação estava tão ruim que, ao se deitar pela primeira vez na cama do hospital, Saionara sentiu sua alma flutuando acima do corpo. Pelo que ela via de cima, até espuma saía de sua boca. Seria um "estado profundo de consciência transcendental", como descrito nos estudos do psiquiatra e filósofo americano Raymond Moody? Uma Experiência de Quase-Morte como a do motoqueiro Daniel?

Saionara não se lembra de ter morrido. Médico nenhum lhe disse qualquer coisa sobre essas estranhices do doutor americano. Fato concreto, coisa que Saionara ficou sabendo mais tarde, é que, diante do corpo imóvel, possivelmente sem alma naqueles minutos, uma visitante saiu de lá

atordoada, pensando que havia visto a amiga pela última vez. E, aliás, fazia sentido: Saionara logo ficou consciente de novo, mas as células de seu corpo estavam morrendo.

A pele debaixo do olho se desfizera. Onde Saionara encostava, a pele soltava. Eram bolhas por todo o corpo. E quando a dor era insuportável, ela meditava. Imaginava que estava num jardim de flores, caminhando para se encontrar com Jesus. Pensava em coisas que considerava boas e bonitas para escapar daquele inferno.

Enfim, depois de alguns exames, o diagnóstico determinou o que era aquilo que maltratava a doce professora da creche. Stevens-Johnson!

Como assim?

Quem era o tal do Stevens-Johnson?

A doença recebera os nomes dos dois pediatras que a descobriram quase cem anos antes. A terrível síndrome de Stevens-Johnson é causada por alergia a medicamentos, e mata sem piedade. Doença tão desgraçada que impedia Saionara até de tomar remédios para combatê-la. A morte, enfim, era o destino mais certo.

Sempre é.

Mas, para Saionara, era questão de semanas.

Como a paciente estava a dois passos do cemitério, a médica lhe receitou morfina de seis em seis horas.

Não deu resultado.

A nova ordem foi sedar Saionara de quatro em quatro horas para que não sentisse absolutamente nada. E ela ficou quinze dias só na morfina e no soro, sem comer, sem sentir, sem tanto sofrer.

Quando despertava do sono profundo da morfina, Saionara rezava.

Pedia a Deus e a Nossa Senhora Aparecida que lhe dessem forças para atravessar aquele túnel sem fim. Sentindo como se quarenta aftas lhe estivessem rasgando a boca, não dizia palavra. Rezava sempre em silêncio. O único som que emitia eram os gemidos que, de quando em quando, não conseguia evitar.

Era tanto médico naquele quarto de hospital que ninguém mais sabia quem era o especialista em que parte do corpo. O oftalmologista mandou que, de hora em hora, alguém colocasse colírio nos olhos da paciente. Era comum que as vítimas da síndrome de Stevens-Johnson ficassem cegas. Nada daquilo, no entanto, tirava a paz de Saionara.

Em seu silêncio, aquela mulher resignada queria morrer. Chegou a pensar

que o melhor seria pedir aos médicos que a colocassem em coma induzido. Achava que só assim não sentiria mais nenhum tipo de dor. Pediu a seu pai para rezar, mas não havia reza que convencesse os médicos de que Saionara teria chance.

Quiseram transferi-la para um hospital de cidade grande, pensando que talvez tivessem lá algum recurso desconhecido no interior. Mas até o médico da capital disse que ninguém perdesse seu tempo pois, mais dia menos dia, Saionara se despediria.

Ninguém soube explicar direito quando, de repente, ela começou a melhorar.

Foi uma melhora rápida e misteriosa.

Pouco a pouco, a paciente moribunda voltava ao normal. Mas, antes disso, Saionara viveu mais uma experiência inesquecível.

Num momento em que estava com uma tia no quarto, sentiu uma mão fazendo carinho em sua cabeça.

— *Tia, você tá querendo falar alguma coisa? Você que tava fazendo carinho em mim?* — Saionara perguntou, estranhando que a tia estivesse tão longe enquanto ela sentia aquela mão lhe acariciando os cabelos.

— *Não fiz nada não, querida. Estou quieta aqui* — a tia respondeu.

— *Mas eu senti que alguém tava fazendo carinho em mim.*

— *Não se preocupa não, é Nossa Senhora cuidando de você* — a tia lhe disse, meio desligada, apenas porque sempre fora devota de Aparecida.

Saionara, no entanto, pensou que era aquilo mesmo: se não era a tia quem lhe acariciava os cabelos, só podia ser Nossa Senhora.

Dias depois, a tia não estava mais, era o marido quem cuidava de Saionara, e ela voltou a sentir aquela mão passeando por seus cabelos. Sentiu uma enorme tranquilidade, como se a mãe de Jesus estivesse querendo lhe acalmar outra vez.

Até aí, não parecia nada de tão extraordinário. Saionara entendeu aqueles acontecimentos aparentemente sobrenaturais como uma consequência de sua fé profunda em Aparecida.

Alguns dias depois, com muito sono, entre dormindo e acordada, Saionara ouviu uma voz feminina lhe dizer algo como *"fica calma... você vai melhorar!"*. E a voz feminina voltou a falar em sua mente em outras três situações diferentes.

Por fim, os acontecimentos se tornaram ainda mais inexplicáveis.

— *Eu já tava um pouquinho melhor, sentada no sofazinho do hospital...*

finalmente eu conseguia ficar sentada... eu olhei pra mesa onde tinha uns vidros de remédio, diante da janela, e, quando tentei forçar um pouquinho mais a visão, a vista foi ficando embaçada... e eu vi a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

A lembrança de Saionara é claríssima. Enquanto olhava para as embalagens de remédio, via o manto de Aparecida tingido de azul, reluzindo. Ficou tão encantada que soltou um grito: *"Aparecida!"*.

Saionara pensou que alguém tivesse colocado uma imagenzinha junto dos remédios. Forçou a vista ainda mais para ter certeza do que estava vendo.

Por fim, quando se aproximou, a santa não estava mais lá. No lugar onde ela via a imagem triangular de Aparecida, havia apenas a embalagem retangular de um colírio.

Saionara, mais uma vez, não estava sozinha. Quem a acompanhava naquele dia era uma prima. Mas como a prima não era católica, Saionara achou melhor não falar nada e guardou para si aquele momento mágico.

Só mais tarde, quando seus pais foram visitá-la no hospital, é que Saionara resolveu revelar o segredo. Chorou profundamente. Os pais entenderam que era um sinal. Nossa Senhora Aparecida estava querendo mostrar-lhe alguma coisa. E a professora ficou ainda mais tranquila.

Quando enfim teve alta, curada daquela enfermidade terrível, Saionara começou a refletir sobre o que havia vivido.

O carinho inexplicável em seus cabelos, a voz dizendo a ela para ter calma, a imagem do manto de Aparecida... Fosse em sua imaginação ou em acontecimentos realmente sobrenaturais, a santinha estivera o tempo todo com ela.

O menino elétrico

Um raio atingiu três adolescentes, só Tonho não se levantou

1997

Foi estranho, disseram. Fazia sol e, de um minuto para o outro, apareceu aquela nuvem preta, *"nuvem louca"*, conforme alguém disse, lançando raios pelo campo onde as mulheres da comunidade católica pretendiam jogar futebol.

Era sábado, três da tarde, e elas ainda estavam no salão comunitário, perto do campo, ao lado da igreja. Tonho e dois amigos tinham se adiantado. Enquanto esperavam o jogo das mães, ficaram sentados num tronco de árvore, conversando à beira do campo.

Imagine você que não deu nem tempo de ouvir o estrondo. Primeiro veio a luz. O raio acertou um eucalipto e, como se ricocheteasse naquela primeira árvore, foi pegar os três adolescentes no tronco caído.

Caíram os três, duros como pinos de boliche.

Dois se levantaram logo em seguida.

Tonho ficou.

— *Levanta aí, Tonho!*

— *Deixa de gracinha, rapaz!*

Os amigos pensaram que fosse brincadeira, mas logo foi chegando mais gente, mais gente, e ninguém teve a menor dúvida de que, aos treze anos, Tonho estava a um passo da despedida.

Alguém teve a ideia de envolver o garoto numa corrente para retirar-lhe do corpo a eletricidade do raio. Mas quem tinha uma corrente? Teve uma mulher que sugeriu que o enterrassem deixando só a cabeça de fora, pois a terra se encarregaria de sugar a eletricidade que ainda restasse em seu corpo.

Não fizeram nada disso.

Ainda no salão, a mãe de Tonho finalmente ficou sabendo da tragédia, pois

alguém chegou gritando.

— *O Tonho... tá caído lá fora!*

Luiza saiu correndo e viu o filho, ou o corpo dele, não sabia, sendo levantado por alguns homens, e depois levado até um carro para seguir ao hospital.

A mãe entrou no carro e ao tirar o boné da cabeça de Tonho, viu que o lado esquerdo da franja do cabelo dele tinha virado pó.

Tonho tinha cabelo longo e liso, caído na testa, mas, por causa do choque elétrico, o que não se queimara estava crespo, completamente crespo. E aquilo explicaria por que os dois amigos que estavam sentados no mesmo tronco haviam saído andando enquanto Tonho continuava desacordado: o boné tinha uma parte metálica na altura da testa, e aquela placa, disseram depois, atraíra a eletricidade direto para o cérebro dele.

Sorte de Tonho ter vestido o tênis novo com solado de borracha. Se estivesse com outro sapato ou, pior ainda, descalço, teria provavelmente morrido na hora. No instante em que o raio caiu, o pé esquerdo do tênis voou a uma distância de mais de dez metros. O pé direito, curiosamente, nem se mexeu.

No caminho até o hospital, Luiza pensava em Nossa Senhora Aparecida. A seu modo, conversava com a santa. Pedia que devolvesse a vida a seu filho. Dizia que, se ele voltasse, iria ao santuário agradecer. Mas, naquele momento, era mais provável que Luiza fosse primeiro para um cemitério, pois Tonho ia de boca aberta, olhos fechados, e o coração do garoto, se é mesmo que batia, ninguém ouvia.

No hospital, diante daquela situação quase sem esperança, os médicos recomendaram que Tonho fosse transferido para um hospital com mais equipamentos para atender um caso raro como aquele.

Ao longo de cinquenta quilômetros, ainda muito nervosa, Luiza foi mais uma vez rezando. Mais que isso, foi implorando a Nossa Senhora Aparecida que salvasse seu filho.

Ao lado dela, na parte da frente da ambulância, o marido Nelson, como a própria Luiza contou, ia “bestando”, reclamando, dizendo que Tonho não devia ter saído de casa, que aquela tragédia era culpa de Luiza, e algumas outras impropriedades ofensivas à mãe que, convenhamos, jamais poderia ser responsabilizada pelo raio. Menos ainda por Tonho ser o único que tinha uma placa metálica no boné. Luiza se esforçou para não ouvir os grunhidos de Nelson e rezou ainda mais, pedindo a salvação do filho.

Só depois é que Luiza ficou sabendo que, enquanto sofria com seu filho no segundo hospital, enquanto o médico lhe dizia que não fazia ideia de como tratar de Tonho, pois nunca tinha recebido uma vítima de raio, as amigas da igreja e do futebol estavam reunidas num galpão rezando um terço em homenagem a Nossa Senhora Aparecida.

Pediam que a mãe de Jesus, representada tão poderosamente por aquela imagem de barro encontrada no fundo de um rio, intercedesse perante Deus para que ele devolvesse a vida ao menino. Até que, enfim, o médico acordou de sua letargia, e começou a dar descargas elétricas no corpo do menino eletrizado.

E não é que ele foi melhorando?

Tonho ficou internado de sábado até segunda, quando finalmente abriu os olhos perguntando onde estava, por que e como tinha ido parar naquele hospital. Quando soube que tinha sido atingido por um raio, ainda com o raciocínio muito lento, Tonho pensou que tivesse sido enquanto brincava na casinha construída por ele e pelos amigos no alto de uma árvore. Não se lembrava de coisa nenhuma daquela tarde em que o céu ficou preto. Não fazia ideia sobre a tal *"nuvem louca"* que lançou um raio e quase tirou sua vida.

Só tinha certeza de que uma descarga elétrica violentíssima lhe atingira na cabeça pois, onde tocava, fechadura, cama, qualquer coisa metálica, tomava um choque. O eucalipto que recebera o raio antes de Tonho havia secado completamente.

Quando enfim pôde levar o filho de volta para casa, Luiza foi ao santuário de Aparecida cumprir a promessa. Deixou uma foto de Tonho com a franja queimada, e uma carta com o relato daquele acontecimento extraordinário: *"Este menino salvou-se de um raio que o atingiu deixando-o morto por dois dias"*.

O MILAGRE DO FILHO DO MÉDICO

Ouvindo Iron Maiden, Boanergens viu o filho cair do telhado

1996

— *VOU TE FALAR um negócio muito sério, véio... se esse menino tivesse morrido...* — Boanergens fez um longo silêncio antes de prosseguir. — *Eu tinha morrido junto no mesmo dia, véio!*

Boanergens jamais pensou em tirar a própria vida, mas acha que, sem o filho, seria um goiano tão entristecido que morreria de desgosto. Passou anos e anos sem querer falar no assunto. Era culpa demais para um homem só. Tinha sido por causa dele que o menino havia subido no telhado e se arrebentado no chão da cozinha. Verdade é que se Gabriel tivesse morrido, *véio*, a vida do doutor Boanergens teria acabado naquele mesmo instante.

Por muito tempo, antes de ser clínico geral, Boanergens Henrique de Melo pensou que o condizente mesmo com sua forma de ver a vida era ser padre. Cresceu na religião católica, teve um tio padre que fez mais de sessenta anos de sacerdócio lá em Brasília, e cinco tias-avós que dedicaram suas vidas ao convento. Mas Boanergens foi honesto o suficiente para dizer a si mesmo que *"não ia ser um bom padre"* pois, sempre pensou, *"com a carne igual eu tenho, precisava duma muié"*.

Boanergens fez de tudo o que é tipo de serviço até que se formou em medicina e ajudou a salvar muitas almas e corpos. Mas, naquele dia inesquecível em que levou João Paulo e Gabriel à casa vazia que o amigo lhe emprestara para a festa de Ano-Novo, Boanergens quase encaminhou a alma do filho mais novo a Deus, com uma antecedência que seria exageradíssima até para os padrões brasileiros de vida e morte.

Era 30 de dezembro e Boanergens queria preparar um ambiente bacana para virar o ano com a família. Levou os dois meninos até a casinha emprestada, pois pretendia limpar aquele chão abandonado, organizar a

cozinha e arrumar o que fosse preciso.

João Paulo e Gabriel levaram um aparelho de som e dispararam *heavy metal*. Pai e filhos fizeram a inspeção ouvindo Iron Maiden nas alturas, como eles gostavam. Vendo que a casinha não tinha luz suficiente, Boanergens resolvera subir ao telhado para colocar uma fiação provisória para a festa. Afinal, sua família passaria a noite comendo, cantando e tocando violão. Precisavam, desesperadamente, de luz!

Gabriel, com toda a energia de seus treze anos, disse ao pai que ficasse embaixo pois ele era jovem e ágil e poderia facilmente subir ao telhado para ajudá-lo na instalação elétrica. Boanergens, primeiro, disse que não.

— *Cê nunca confia na gente, pai... deixa eu subir, quero aprender também* — Gabriel disse, com aquele tom meloso de adolescente com vontade, baixando a cabeça, deixando o coração do pai num aperto danado, dividido entre incentivar a independência do menino e protegê-lo do perigo desnecessário. Mas, depois de uma rápida reflexão, Boanergens cedeu.

— *Então sobe, uai... sobe ali naquele muro que eu te passo o fio depois!*

O menino foi seguindo as instruções do pai.

Eram mais de três metros de muro, mas, com a ajuda de uma escada, chegou ao telhado.

— *Cê tem que pisar ou apoiar com a mão onde tão os pregos... porque se cê apoiar no vão é perigoso cê cair!*

Havia espaços vazios bastante largos entre cada uma das tábuas do telhado inacabado. Era ali no meio que Gabriel deveria lançar os fios de eletricidade, onde eles instalariam lâmpadas para iluminar melhor a cozinha e o resto da casa.

Luiz, o vizinho dentista, acompanhava a barulheira do Iron Maiden de longe e ficou assustado quando ouviu um estrondo ainda maior, como se fosse uma explosão.

Gabriel acabava de cair de uma altura de três metros e meio, e batera a cabeça justamente na quina de um degrau da cozinha, sem qualquer amortecimento.

"Matei meu filho!", Boanergens pensou na hora. Pediu a João Paulo que fosse chamar a mãe e voou para acudir Gabriel.

O menino tinha parado de respirar e, rapidamente, ficou pálido. Instantes depois, teve uma convulsão. Sorte ter o pai médico por perto. O doutor Boanergens virou o menino de lado para evitar que ele engolisse saliva ou vômito, e, seguindo o procedimento correto em casos de convulsão, deixou

que o filho se debatesse livremente por alguns segundos, até que a tremedeira parou.

Gabriel ficou imóvel outra vez.

"Morto", o pai pensou.

— *Os pulso fraquinho... respiração zero. Ele começou a fazer o que nós, médicos, chamamos de cianose... lábio roxo, ponta dos dedos roxo... tudo roxo.... e sem reação nenhuma. Pra mim, tava morto.*

Boanergens colocou a mão no pescoço do filho e confirmou que ele, de fato, não reagia. Pensou que deveria fazer massagem cardíaca para reanimá-lo. Mas, naquela hora difícil, o médico que quase foi padre resolveu, primeiro, jogar suas esperanças para quem, ele pensava, tinha mais poderes.

— *Nossa Senhora Aparecida, não deixa meu menino morrer... Me acode, pelo amor de Deus!*

Era um pedido parecido com o que fazem muitos brasileiros quando se veem em situação de desespero, quando já não acreditam que as coisas humanas possam resolver seus problemas. E logo que terminou a reza, antes que Boanergens começasse a fazer a massagem cardíaca, Gabriel se mexeu.

— *Mexeu a mão... começou a querer mexer a cabeça... logo depois que eu clamei por Nossa Senhora, ele começou a reação, assim, rápida... aí, em um minuto ou dois, ele acordou de vez.*

O coração de Gabriel voltou a pulsar normalmente. O roxo desapareceu dos dedos e dos lábios. O menino se recuperou tão rápido que, logo, começou a falar.

— *Quê que aconteceu, pai?*

Foi naquele instante que o vizinho dentista entrou pelos fundos da casa. Luiz chegou perguntando o que havia acontecido, mas nem esperou a resposta. Ajudou Boanergens a levar o menino até a camionete para irem ao hospital.

Gabriel tinha uma fratura grave na base do crânio, com um pequeno sangramento. Precisava ser internado. Pior ainda, ficaria num quarto escuro, sem barulho, sem nada, para que seu cérebro pudesse voltar ao normal sem receber qualquer estímulo externo que o levasse a uma nova convulsão.

Se Gabriel tivesse que passar por uma cirurgia, disseram no hospital, as chances de sobrevivência eram menores que dez por cento. Mas o que antes poderia ser um drama terrível era agora um alívio profundo na alma culpada do doutor Boanergens. Pois, o menino não havia morrido na queda, e, mais incrível ainda, quatro dias depois, sem precisar de cirurgia, estaria andando, e

nunca mais sentiria nada.

A família não festejou a passagem do ano, mas ninguém nem pensou no assunto. Quem ia querer ouvir Iron Maiden depois de um susto daqueles?

Quando as coisas se acalmaram, Boanergens escreveu uma carta relatando o caso, e foi deixá-la pessoalmente no santuário de Aparecida. Procurou um padre, contou-lhe a história e quis saber se estava certo em considerar que seu filho havia recebido um milagre.

— *O que o senhor viu, do jeito que o senhor narrou, o senhor pode considerar, sim, pois eu também considero que foi um milagre realizado por intermédio de Nossa Senhora.*

Anos e anos depois, mesmo com Gabriel já feito homem, sem qualquer sequela daquele acidente terrível, Boanergens passou o dia incomodado, e por diversas vezes pensou em desistir da conversa em que contaria sua história para este livro.

— *É por causa do trauma, entendeu? Você, sendo médico, ter que socorrer um filho seu... é um troço assim complicado... e vendo ele assim praticamente morto na minha mão, uai... de repente, né, com o clamor, com a oração pra Nossa Senhora Aparecida... Ela acudiu na hora... Pra mim, ela escutou na hora!*

Boanergens terminou a frase e ficou quase um minuto em silêncio, sem conseguir falar mais nada. Mesmo vinte anos depois de ver o filho cair do telhado quase em sua cabeça, ele ainda se emocionava profundamente ao relembrar aquele dia inesquecível.

— *Choro feito um condenado, não consigo falar, não, uai.*

Como num filme de Hollywood

A saga do cineasta

2013

Roberto Carminati sempre gostou de desafiar a lógica da natureza para fazer cenas incríveis em seus filmes de ação, ou em novelas que dirigiu para a tevê, como a famosa *Caminho das Índias*. Filmou inúmeras vezes dentro de helicópteros e aviões militares, mas não podia ver um animal grande na sua frente que morria de medo. E ninguém está aqui falando da enorme cobra sucuri que, mesmo apavorado, Roberto se viu intimado a filmar quando foi dirigir uma minissérie chamada *Amazônia*.

A história que nunca saiu da cabeça do cineasta foi a que ele ouviu de um aventureiro, que lhe contou que no Polo Norte todo mundo é obrigado a ter uma escopeta com pelo menos seis balas para se proteger dos ursos-polares.

— *O primeiro tiro é pro alto, os quatro seguintes são no urso... mas se ele ainda assim não morrer... a última bala é pra você se matar!*

Aquilo nunca saiu da cabeça de Roberto, pois, para o cineasta, não pode existir maneira pior de alguém morrer do que ser comido por um animal.

— *Quando uma família perde alguém, é importante a cerimônia do enterro... o entendimento de que isso aconteceu, né? Agora, se alguém é comido por um bicho, não tem o que enterrar!*

Como num filme de ação — quando você pensa que o milagre da vida do cineasta vai acontecer diante de um urso-polar ou de uma sucuri — é justamente no momento em que ele aproveita a brisa do mar, numa manhã de sábado, sete e meia, com o sol recém-nascido, andando de bicicleta na avenida da praia do Recreio, no Rio de Janeiro... aí é que o bicho pega.

Bicho não.

Homem!

Motorista bêbado.

O carro vinha a mais de cem por hora e atingiu Roberto em cheio.

Roberto não ouviu buzina nem freada.

Nada.

Jamais se lembraria daquele instante.

Numa cena silenciosa, podemos imaginar o cineasta e sua bicicleta rolando pelo asfalto enquanto sua perna esquerda se partia na altura da canela. Mas, na vida real, não tem câmera lenta como nos filmes de Roberto. É tudo em questão de segundos. Naquela cena, a câmera em *close-up* revelaria uma fratura exposta.

Em sua memória acostumada aos cortes repentinos da televisão, Roberto viu a segunda cena já de cima, como se tivesse colocado sua câmera na cobertura de um prédio de quinze andares para filmar a própria morte. E não tinha nada de ficção naquilo tudo.

Instantes depois de ser atingido pelo carro, ele se viu pequenininho lá embaixo. Estirado no chão. Ao lado de sua bicicleta destruída. Ainda de capacete. Cercado de curiosos. O mar calmo ao fundo, quase sem ondas. Roberto sentia que estava fora de seu corpo, e a única sensação física que tinha era um frio muito intenso. Era como uma alma a caminho do céu. Provavelmente, estava morto.

— O impacto foi tão grande que o corpo desligou... ou, digamos, foi uma morte instantânea e eu acordei fora do corpo.

Será possível?

A ciência tem explicação para isso?

Filósofos e psicólogos concluíram mais de um século atrás que aqueles que chegam muito perto da morte podem ter visões e sensações como as relatadas pelo cineasta. Céticos dizem que são alucinações. Mas quem estuda o assunto afirma que a sensação de sair do corpo ou ver algo como um "filme da vida" é a prova de que existe separação entre o cérebro e a mente. A Experiência de Quase-Morte é chamada também de "projeção da consciência" ou "emancipação da alma".

Ao relembrar aquele acontecimento extraordinário, Roberto diria que, em todo o tempo, até o fim de sua saga, sentiu a presença daquela a quem, ainda criança, aprendeu a chamar de Mãe de Deus.

Um dia iria ao santuário de Aparecida agradecer. E voltaria duas outras vezes. Mas, por enquanto, seguia fora do corpo. Estava ouvindo a voz de seu avô paterno, apenas a voz, sem entender exatamente o que o avô falecido queria dizer.

Naquele momento, como se a câmera estivesse num *drone*, apontada para baixo, Roberto, sua consciência, ou seu espírito, se aproximou da confusão e

viu o motorista bêbado sendo agredido pela multidão. Depois, sendo levado preso. Por fim, um bombeiro mexendo em seu corpo. Viu também o sangue que estava espalhado pelo chão, e, na mão do bombeiro, um pedaço de sua perna, ligado ao corpo apenas por um fiozinho de músculo.

Abruptamente, Roberto parou de ouvir a voz do avô. Estava de volta a seu corpo, consciente. Acabava de levar um tapa forte na cara. Era o bombeiro.

— *Ele tá vivo... não tá morto não!*

Enquanto o bombeiro constatava que havia vida naquele corpo imóvel, Roberto recuperava sua consciência.

— *Não tô morto não!* — ele disse, com a voz arrastada como quem acorda depois de um sono profundo, para logo em seguida dar um berro terrível de dor, e desmaiar.

No hospital, consciente outra vez, o cineasta sentia-se como um soldado ferido na Guerra do Vietnã, um personagem da própria tragédia. Chegaram cinco enfermeiros, colocaram um pano entre seus dentes e deram a ordem.

— *Morde isso aqui!*

A perna de Roberto estava praticamente solta, os enfermeiros a colocaram ao lado dele na maca, mas tiveram que atender um paciente que acabava de chegar baleado.

— *Como assim, vão operar o bandido primeiro?* — A mulher de Roberto ficou indignada ao saber que um traficante de drogas passaria a frente de um homem honesto na fila da cirurgia.

Teve que esperar.

Quando enfim foi operado, o cineasta saiu do hospital parecendo um Robocop: com um fixador metálico e quatro parafusos enfiados na canela.

Num hospital particular, onde foi continuar o tratamento, encontrou dona Neide pela primeira vez depois do acidente. Dona Neide é a mãe de Roberto. Estava de máscara, pois só disfarçada pôde entrar na UTI. Começou a chorar, soluçando.

Dona Neide segurou a mão do filho, deixou um rosário com ele e foi embora, apavorada, ainda em silêncio. Desde que soubera do acidente, a mãe vinha pedindo a Nossa Senhora que olhasse por seu filho, mas, ao ver o que lhe pareceu um corpo morto na cama, não encontrou palavra. Se falasse, desabaria em pranto.

Numa outra visita, dona Neide foi chorar escondida no estacionamento. Quando voltou, transmitiu a Roberto, imóvel na cama, o recado de seu avô. Não o avô paterno, falecido, que parecia querer dizer-lhe algo na hora do

acidente. Quem mandava o recado agora era o avô materno, lúcido e preocupado: *"Diz ao Beto que o* nono *tá falando com Nossa Senhora Aparecida... E que ele vai melhorar!"*.

Depois de algumas semanas, começou a maratona de cirurgias. O médico tirou o fixador metálico da perna de Roberto e colocou uma placa interna para segurar as duas partes do osso fraturado. Dizia que, em quatro meses, o paciente voltaria a andar. Mas Roberto passou quatro meses na cama e, mesmo quando voltou para casa, continuou na cama.

Foram meses imóvel, tomando morfina, e um monte de remédios para tudo o que é mal, inclusive um tal Fentanil que, de tão poderoso, lhe dava uma sensação instantânea de felicidade. Roberto se sentia flutuando, como os soldados depois de tratados nos hospitais americanos em filmes de guerra. Ao mesmo tempo destruído e delirante por causa do remédio.

Um tempo depois, quando o rim do filho parou, dona Neide rezou.

— *Por favor, Nossa Senhora... segura ele mais um pouco, dá mais uma chance... ele ainda tem muito o que fazer aqui na terra.*

Pode ter sido só coincidência mas, instantes depois, o rim voltou a funcionar. Dona Neide sempre acreditaria naquela cura como um milagre.

A perna, no entanto, só piorava. Precisava de outro milagre? A tal da placa metálica interna havia provocado uma infecção e a canela de Roberto ficou infeccionada, cheia de pus. O jeito foi enfrentar ainda mais cirurgias.

Por meses e meses, Roberto tomou inúmeros antibióticos, alguns deles na veia, até que o excesso de medicamentos lhe provocou um problema no ouvido. Era um zunido, trazendo enorme risco de que o cineasta não pudesse mais ouvir. Aí, o infectologista e o ortopedista foram a sua casa transformada em hospital levando a pergunta que Roberto morria de medo de um dia escutar.

— *Você vai ter que decidir... Prefere ficar tomando antibióticos pra curar a infecção por bactéria e ficar surdo? Ou vamos amputar sua perna pra tirar a bactéria e salvar seus ouvidos?*

Foi quando dona Neide, apesar de ser católica fervorosa, resolveu apelar para a solução mais estranha que lhe apareceu pela frente: levou até a casa do filho um homem que se apresentava como curandeiro espiritual, capaz de derrotar bactérias, vírus e outras moléstias.

O homem sentou-se numa cadeira diante da cama hospitalar de Roberto e mandou todos saírem da sala. Começou a falar com vozes estranhas, pediu que Roberto fechasse os olhos e disse que estava realizando uma operação

espiritual. Mas o cineasta não levou fé nenhuma naquele curandeiro.

— *Parecia um ator do* Casseta & Planeta *falando com uma vozinha baixinha assim... Basicamente, ele fingiu que baixou um espírito nele e fingiu que me operou.*

Ao longo de sua vida, Roberto jamais acreditaria em soluções mágicas. E mesmo os milagres, para ele, não eram coisas que podiam ser encomendadas como bolos, conforme a vontade de cada um. Roberto acreditava no poder de sua fé e nas orações que sua mãe fazia.

"*A reza funciona pra ajudar a ciência a arrumar a solução*", era o que Roberto pensava.

Acreditando nisso, ele rezava sozinho. Pedia proteção. E perguntava a Deus por que o fazia sofrer tanto. O acidente na beira da praia já não havia sido tragédia demais para uma pessoa? Mas as coisas, muito em breve, começariam a melhorar.

Num laboratório, depois de uma ressonância magnética, Roberto descobriu que o médico que o atendia errara em tudo: primeiro, ao colocar a placa interna que fora a causa da infecção e, depois, ao dizer que ele podia começar a caminhar, sem saber que a perna continuava quebrada.

— *Como é que você me manda andar e a ressonância mostra que meu osso tá quebrado?* — Roberto questionou o médico, irritado.

— *Você não tem osso quebrado, só precisa se adaptar... Essa é a tua nova realidade: nunca mais vai caminhar sem muletas, nunca mais vai correr.* — O médico que fizera seis operações mal justificadas agora aumentava seu erro.

Dizia que Roberto precisaria conviver com uma deficiência física, mas Roberto já não acreditava nele. A mulher do cineasta não estranhou nem um pouco aquela descrença, pois Bubalu, a cadelinha que gostava de todo mundo, vivia rosnando para o tal doutor.

Por fim, a chegada de um novo médico acalmou a mente do cineasta. A proposta era um tratamento que poderia levar até cinco anos para remodelar o osso quebrado, de uma forma que, com sorte, Roberto poderia andar outra vez.

— *Quem dá garantia é a Volkswagen... nós vamos tentar!* — O novo médico tratou de ser o mais direto possível para não dar falsas esperanças a seu paciente.

Roberto saiu do médico, em Florianópolis, para o santuário Santa Paulina, em Nova Trento.

Ao lado de dona Neide, rezou e agradeceu.

— *A gente quer agradecer porque Deus ajudou a gente a achar o médico certo!* — O cineasta se lembra de ter dito em suas preces, e também numa conversa com sua mãe.

Aos poucos, o médico certo foi fazendo o trabalho certo, e a perna de Roberto foi voltando ao normal. Mas, havia um problema que nem aquele médico resolvia: a bactéria continuava deitando, rolando e se proliferando no interior do osso maltratado pelos erros do primeiro médico.

Dona Neide queria que o filho rezasse para pedir que a bactéria fosse embora, mas Roberto, como se sabe, não acreditava em encomendas. Rezava, sem especificar seus pedidos.

A cada etapa do tratamento, com a ajuda de colegas de trabalho, pois continuou trabalhando de muletas, visitou o santuário de Aparecida com pedidos sempre vagos, querendo apenas proteção, sem exigências de cura disso ou daquilo.

Roberto mandou amostras da bactéria para os Estados Unidos. Um laboratório americano faria testes de DNA que supostamente indicariam o remédio certo, mas antibiótico nenhum resolveria. Foi só depois de alguns meses quebrando a cabeça que o médico certo, aquele que fez a cirurgia certa, pensou no tratamento certo para a maldita bactéria errada.

Num congresso, anos antes, o cirurgião-ortopedista havia ouvido falar de uma técnica experimental conhecida como biovidro. Era exatamente o que o nome dizia. Um vidro biológico que, ao ser colocado no criadouro da bactéria, impedia sua proliferação, e por um motivo simples: bactérias não sobrevivem no vidro.

Roberto conseguiu ajuda de um amigo norueguês para importar o remédio da Finlândia, pois, no Brasil, os preços eram tão absurdos que levariam o cineasta combalido à falência.

Com preços justos, Roberto comprou duas doses. Uma para ele, outra para um cachorro, a cobaia do médico. O teste deu certo, o cachorro andou e, depois do experimento, o médico escavou o osso de Roberto. Raspou a área infectada, criou um vazio no osso, encheu tudo com biovidro, fechou, e a bactéria, pouco a pouco, se despediu.

Roberto voltou a andar.

E só mais tarde ficou sabendo de uma história que não conhecia.

Quando ainda era um menino, na cidade catarinense de Criciúma, seu avô materno, o *nono* Restile, limpava o quintal da casa de dona Neide quando tomou um susto. O rastelo travou. Bateu em algo duro, pequeno e metálico.

Era uma imagenzinha minúscula de Nossa Senhora Aparecida que o italiano nunca entenderia de onde tinha surgido, e que ele jamais deixou de colocar no bolso da camisa a cada vez que saiu de casa.

Algum tempo depois do acidente de Roberto, aos 96 anos, o *nono* ficou atazanado pensando que tivesse perdido a santinha, justamente na hora em que o neto mais precisava. Depois de uma busca pela casa, a encontraram, como outras vezes, debaixo da cama.

Quando a vida atribulada permitiu, depois de voltar de uma viagem de trabalho ao gelo do Ártico, onde os ursos-polares o apavoraram mais uma vez, Roberto foi de novo ao santuário de Aparecida para agradecer por sua cura. Mesmo sem acreditar em encomendas, tinha certeza de que a mãe de Jesus estivera o tempo todo segurando sua perna, talvez também suas mãos, e as mãos do médico que lhe devolveu o dom de caminhar.

Parte 3

Milagres da história



Solve Vincla Reis

Milagre do Escravo, um dos mais conhecidos da história de Aparecida

data incerta

Quando pensar na importância de Nossa Senhora Aparecida para a formação cultural do Brasil, lembre-se de como ela foi associada, em diversas ocasiões, à liberdade dos negros que eram arrancados da África para sofrer horrores neste país nascido e perpetuado na Injustiça.

O Milagre do Escravo, contado em diversas versões ao longo dos anos, é praticamente uma fábula de redenção, mostrando o que, sob o olhar católico das décadas que antecederam a libertação dos negros brasileiros (ainda que a Igreja e muitos religiosos possuíssem seus escravos particulares), significava que a santa mãe de Jesus estava terrivelmente insatisfeita com os maus-tratos impostos aos pretos brasileiros.

Se o Milagre do Escravo aconteceu, pelo que entende a teologia católica, foi porque Deus acatou o pedido de Maria, assim como Jesus o fez no dia daquele famoso casamento em Caná, transformando água em vinho — o que o evangelho de João diz ter sido seu primeiro milagre.

O primeiro relato do Milagre do Escravo foi escrito em 1830 pelo padre Claro Francisco de Vasconcellos, mas estima-se que o milagre possa ter acontecido ainda antes. A versão detalhada muito mais tarde nos documentos internos do santuário de Aparecida afirma que foi em 1850. E o processo de comprovação de milagres, realizado pela Cúria Metropolitana de São Paulo para que a capela de Aparecida pudesse obter o título de basílica, afirma que o ano é 1856.

Em seus escritos, o padre Júlio Brustoloni, redentorista que cuidou como poucos da história da santinha, notou inclusive que houve um erro durante o processo de comprovação do milagre, pois as pessoas que o relataram em 1905 eram jovens demais para tê-lo testemunhado meio século antes.

Portanto, como muitas vezes acontece, temos que interpretar as versões, e suas imprecisões.

Nos arquivos da Cúria de Aparecida, na pasta dedicada à construção da primeira capela oficial, há uma versão ampliada do texto original com a notícia do encontro da imagem nas águas do rio, detalhando milagres ocorridos mais tarde. O texto fala de uma tradição contando que as correntes de um escravo se abriram quando ele rezava na entrada do santuário.

"Solve Vincla Reis", escreveu em latim o padre relator, querendo dizer algo como *"quebra as correntes dos pecadores"*, afirmando que o milagre demonstrava que *"Maria Santíssima tem suprema autoridade para desatar as prisões dos criminosos compungidos* [arrependidos]", sem deixar claro, no entanto, qual era o crime de que o escravo poderia se arrepender.

A versão muito mais detalhada que se encontra no manuscrito praticamente não entra em conflito com o que conta a tradição que nos chegou. Apenas a data é diferente. Nos informa que, precisamente em agosto de 1850, chegou à capela de Aparecida *"um sujeito montado numa besta, com um preto atado por correntes, que parecia ser um escravo"*.

Não ficamos sabendo o nome do homem que parecia ser um escravo. Será que é mesmo Zacarias, como ficou registrado na história?

Fato é que, de acordo com esse relato, ouviu-se um barulho estrondoso dentro da capela e alguns rapazes de uma escola próxima saíram correndo para ver o que havia acontecido.

Lá, diante da imagem de Aparecida, encontraram o escravo sem correntes, ajoelhado, com as mãos voltadas para o céu em sinal de súplica, de frente para o altar onde ficava a santinha. Os estudantes ainda teriam conseguido ver o momento em que a última parte da corrente, aquela que lhe prendia o pescoço, desabou no chão perto do altar. Mais uma vez, um estrondo enorme ecoou pela capela.

O capanga ficou em choque. Perdeu a fala. Precisou de ajuda para sair dali com o padre Reis, tesoureiro do santuário, que levou o capanga e o escravo à casa dos padres para ouvir seus depoimentos sobre aquilo que lhe parecia um milagre. Padre Reis teve que dar um remédio para que o capanga se recuperasse do choque, e voltasse a falar.

O capanga contava que o escravo havia fugido de Curitiba e, depois de muito tempo, fora resgatado por ele em Bananal, no mesmo Vale do Paraíba onde a imagem tinha sido encontrada. Os dois estavam voltando a Curitiba quando passaram pela capela de Aparecida.

O escravo pediu permissão para parar um pouco e rezar diante da imagem. Foi quando, pelo que contou o capanga, sem qualquer explicação, as correntes começaram a se desprender daquele corpo marcado pela chibata.

Entendendo aquele acontecimento extraordinário como um milagre por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, o capanga decidiu pedir ao tesoureiro um atestado assinado para justificar ao fazendeiro o fato de que não estava levando o escravo de volta. Mas, pelo que ficou registrado, a liberdade daquele preto abençoado não chegou a acontecer: o capanga o deixou com o tesoureiro do santuário.

Quando o fazendeiro de Curitiba finalmente ficou sabendo da história narrada por seu capanga, não só concordou em doar o escravo aos padres como mandou duas crianças pretas como “presentes a Nossa Senhora”. Uma dessas crianças escravas era João Belim.

A vida irretocável e o milagre de João Belim

Sobre o famoso "escravo de Nossa Senhora"

aprox. 1870

João Belim era um preto baixinho, gordinho e muitíssimo cativante. Não havia um que não gostasse dele no arraial de Aparecida, onde era conhecido por suas habilidades musicais, nomeado organista oficial da capela, tocando e cantando músicas sacras durante as missas. Jamais se casou, e passou boa parte de seu tempo acompanhado de Lúcia, a irmã doada aos padres junto com ele e com o escravo que teria visto suas correntes caírem na capela. No fim das contas, tinha sido de carona no milagre alheio que João Belim chegara àquele lugar.

Naquele tempo, calculava-se que Nossa Senhora Aparecida já tivesse recebido mais de sessenta escravos como presente de devotos ricos agradecidos por suas graças, mas João Belim era o mais querido, tratado com respeito inacreditável pelos poderosos, sendo considerado, conforme os relatos da época, *"como se fosse um senhor branco"*.

Era tão querido que muitos trabalhadores livres o invejavam. E quando se queria uma missa mais bonita, ou mesmo uma simples tarde de oração com música, logo mandavam chamar João Belim. E os peregrinos que visitavam a capela de Nossa Senhora Aparecida saíam de lá tristes, com saudades daquele homem bom.

A história do milagre de João Belim foi contada por um José que tinha o mesmo sobrenome de Felipe Pedroso — um dos três pescadores que mais de um século antes encontraram a imagem no rio.

Num dia de tempestade terrível, apavorado, José Pedroso pensou que o apocalipse estivesse chegando e foi com a mulher e com os filhos se abrigar na capela de Aparecida. Pensava que, se o mundo se acabasse, era o melhor lugar para um católico estar. Quando chegaram, descobriram que o mundo não ia acabar, mas ficaram sabendo que a capela havia sido roubada.

Não era uma capela rica. Possuía, no entanto, alguns objetos valiosos que,

além de tudo, eram sagrados. Entre eles, testemunhos da época nos contam, havia doze castiçais de prata que eram usados nas missas, sobre a mesa do altar.

Enquanto padres e fiéis lamentavam o acontecido, João Belim saiu correndo atrás dos ladrões. Não os pegou. Mas encontrou, numa vala, todos os objetos roubados da capela.

Conta-se que, naquele momento, a tempestade passou, o céu ficou claro outra vez e os sinos começara a tocar, sem que ninguém lhes puxasse a corda.

Mais tarde, dizem que ainda como parte do milagre atribuído à intercessão da santa Aparecida, os ladrões foram encontrados e condenados. Passaram o resto de seus dias algemados, indo de tempos em tempos até a igreja para pedir perdão.

Um certo escritor, relembrando a história de quem chamou "o escravo de Nossa Senhora", narrou o dia da morte de João Belim como um grande acontecimento.

— *Morreu João Belim* — disse um comerciante a seu amigo. — *Quem tem sobrecasaca ou fraque há de pô-lo para fora!*

Sobrecasaca e fraque, como se sabe, eram luxos aprendidos com os europeus — as roupas mais elegantes que um homem poderia usar naquele Brasil de 1880.

Foi um enterro memorável, *"no amanhecer de um dia mais belo que os outros, em que, como nos romances, o sol nasce dourando os píncaros das montanhas"*. O caixão de João Belim foi levado por homens ilustres, seguido por pessoas bem-vestidas ou maltrapilhas, muitas com os olhos cheios de lágrimas. Era a despedida de um homem sem liberdade, amado por todos.

O escravo que dedicou sua história aos fiéis, aos padres e à imagem de Aparecida foi encomendado a Deus pelo próprio Joaquim do Monte Carmelo, o bravíssimo cônego que trabalhava na obra de expansão da capela como um Moro, enfrentando a corrupção que rondava o santuário.

Dizem que só a história de vida de João Belim já foi um milagre, e que, certo mesmo, seria que um dia fosse canonizado como são João Belim — o primeiro santo negro do Brasil. Que injustiça poderia haver nisso?

As correntes de Marciano

O depoimento de um ancião revelou outro milagre de escravo

data incerta

Agora que já se passaram mais de cem anos fica difícil dizer se realmente aconteceram dois milagres parecidíssimos, apenas com escravos diferentes, ou se foi o mesmo milagre e, por alguma razão desconhecida, alguém achou por bem trocar o nome do escravo Marciano por Zacarias.

O Milagre das Correntes foi narrado por Ignácio de Paula e Silva, ex-escravo do padre Guido, no depoimento que lhe foi tomado pelos redentoristas por volta de 1920, quando Ignácio já estava liberto, com mais de noventa anos, e era considerado a “memória viva” de Aparecida.

O escravo ancião conhecia bem os personagens que viveram o milagre, e contou tudo com detalhes impressionantes, que podem até ter sido aumentados — pois, como sabemos, quem conta um conto logo se apressa em aumentar-lhe um ponto — mas, pela riqueza das informações, não parecem ter sido simplesmente inventados.

Marciano era escravo de Quirino, senhor de engenho e dono de muitos outros pretos cativos. Depois de ser muito maltratado pelos capatazes da fazenda de açúcar, resolveu fugir.

Passou seis meses vagando escondido pelo interior de São Paulo, até que os capatazes o acharam e o levaram de volta à fazenda. O senhor de engenho mandou castigá-lo ainda mais que antes, e ordenou que Marciano trabalhasse sempre amarrado, com correntes no pescoço e na cintura para que não tivesse a mínima chance de fugir de novo.

Não adiantou.

Marciano rompeu alguns elos das correntes que o prendiam e saiu outra vez pelo matagal, com aquele amontoado de ferro ainda lhe enforcando e apertando a barriga.

Quando chegou a noite, foi até a capela de Aparecida e esperou amanhecer. O padre abriu as portas e ele entrou correndo para se ajoelhar diante da santa. Os religiosos foram testemunhas do momento mágico.

No meio da reza, quando tinha as mãos voltadas para o céu e para a imagem de Aparecida, as correntes se soltaram do pescoço e da cintura de Marciano.

Será que os padres o ajudaram? Ou Nossa Senhora Aparecida andava mesmo enfurecida com os maus-tratos dos brancos com os pretos que, afinal, desde Jesus se acredita, eram filhos iguais do mesmo e único Deus?

Assim como no milagre em que o escravo é Zacarias, apesar de comovido com o acontecimento inexplicável, o dono de Marciano não decidiu soltá-lo. Entregou-o aos padres de Aparecida dizendo que era um presente para Nossa Senhora. Naquele tempo, contou o ancião Ignácio, os padres de Aparecida tinham outros escravos que, com o passar dos anos, foram indo embora. Marciano, *"sempre muito devoto de sua celeste Benfeitora"*, ficou trabalhando na capela até o dia de sua morte.

No oratório de Silvana

Versão completa do Milagre das Velas, o segundo atribuído a Aparecida

depois de 1717

Era mais um dia de culto na capela construída por Atanásio quando *"se apagaram duas luzes de cera da terra, repentinamente, que alumiavam a Senhora"*. Conforme se registrou nos documentos da Igreja, pareceu estranho a todos que as velas se apagassem numa noite tão tranquila e sem vento. E ainda mais estranho: sem que ninguém fizesse nada, as velas voltaram a se acender.

Assim contava o relato oficial, o primeiro que informou ao mundo sobre o surgimento de uma imagem milagrosa nas águas do rio Paraíba do Sul.

Documentos encontrados recentemente, no entanto, indicam que o milagre das velas aconteceu logo depois que Silvana da Rocha ouviu os barulhos estranhos que todos ali interpretaram como um sinal divino.

Teria sido no dia seguinte ao encontro da imagem, depois que João Alves deixou os peixes daquela pescaria milagrosa em Guaratinguetá e voltou para a casa onde vivia com a mãe.

Silvana relatou ao filho o que lhe parecia ser um sinal da presença divina: desde o momento em que guardara a santa numa caixa, não parou de ouvir barulhos, como se a santinha estivesse se mexendo lá dentro.

Havia algo de sobrenatural em tudo aquilo?

João pediu à mãe que rezasse um terço todas as noites. Silvana concordou com o filho e disse que ele fosse convidar os vizinhos para rezar com eles diante da santa. E foi aí que se montou o cenário para o segundo milagre atribuído à santinha. Mais importante: foi assim que começou a devoção a Nossa Senhora Aparecida, do jeito que a conhecemos até hoje.

"Silvana da Rocha aprontou uns rolos de cera de mandaçaia [um tipo de abelha] *para acender durante os terços."*

Mais uma vez, o relato que se guardava no fundo do arquivo da Cúria confirma aquilo que foi divulgado ao longo desses três últimos séculos. Silvana acendeu as velas, *"colocou a santa em um cepo de graúna* [um tronco de madeira] *que tinha rente da porta, e os três rolos* [de cera, as velas] *na parede do casebre."*

Durante a reza, *"começa uma tempestade muito forte... soprava um grande vento, e os relâmpagos eram sucessivos. Devido ao forte vento, apagaram-se as luzes todas."*

Aqui há uma contradição com a versão que nos chegou do milagre, pois sempre se disse que era noite calma, sem vento. Mas isso muda pouco a história. Todas as versões concordam em dizer que Silvana da Rocha foi atrás de fogo para reacender as velas.

"Antes que esta chegasse o tição de fogo aos rolos [as velas]*, estes acenderam-se por si só."*

O relato do milagre das velas, e também o estranho barulho que vinha da caixa onde a santa era guardada, chegaram ao conhecimento do padre José Antônio Vilella, vigário de Guaratinguetá, que mandou um sacristão acompanhar as rezas na casa de Silvana, mãe de João Alves.

E aí surge a história de um outro milagre, inédito até agora.

As vontades da santa

Inédito, contando a prisão do pescador que encontrou Aparecida

depois de 1717

Sabendo do Milagre das Velas e de toda a devoção em torno daquela imagenzinha quebrada, o padre Vilella mandou o sacristão levar a imagem de Aparecida até a igreja de Guaratinguetá. Afinal, aquela, e não o oratório de Silvana da Rocha, era a verdadeira casa de Deus na região.

Assim foi feito.

Mas, no dia seguinte, a imagem reapareceu na casa de Silvana, onde também morava seu filho João Alves. O padre pediu a prisão de João pois o acusava de ter roubado a santa para levá-la de volta à casa de sua mãe.

Mas logo ele, seu vigário? Logo o pescador que tirou a imagem do rio? O senhor achou mesmo que ele roubaria a santa?

João foi parar na cadeia.

Aparecida foi levada outra vez à igreja e outra vez reapareceu como mágica na casa de Silvana.

Se João estava preso, quem a levou? Ou a imagem tinha vontade própria?

"O vigário, com isto, viu que era um prodígio de milagre, deu liberdade a João Alves e reuniu-se com o capitão-mor, mandando construir uma capelinha para a Santa... que a conservou dez anos em poder de Silvana da Rocha."

A frase final do documento que narra esse acontecimento extraordinário é imprecisa, mas parece dizer que o padre Vilella permitiu que, mesmo na capelinha improvisada, Silvana continuasse como guardiã de Aparecida.

Nada mais justo: o Milagre da Pescaria tinha acontecido com seu filho e os milagres seguintes haviam sido testemunhados por aquela mulher.

Marcelino em águas santas

O milagre do Menino Afogado, conforme relatado por sua irmã

aprox. 1860

A HISTÓRIA DO MENINO Marcelino ficou tão famosa que foi repetida por anos e anos, e sempre entendida como uma comprovação do poder inquestionável de Nossa Senhora Aparecida.

Aconteceu no Paraíba do Sul, o mesmo rio em que a imagem sagrada foi encontrada pelos pescadores. Era lá, num casebre na beira do rio, perto da Ponte Alta, que moravam Francisco, Angélica e seus filhos.

"Meu pai passava na canoa para o outro lado [do rio] *oito pessoas, e, entre elas, um dos meus irmãos, Marcelino, que apenas contava com dez anos"*, foi o que a irmã Antônia Maria relatou aos padres de Aparecida, mais de duas décadas depois do acontecido.

A irmã disse que o menino caiu quando a canoa estava a poucos metros da margem, onde ficava o porto da Ponte Alta. Francisco, o velho pai, viu o menino cair e não foi imediatamente socorrê-lo. Negligência? Ou o pai achou melhor salvar primeiro os outros passageiros para só depois resgatar filho?

"Meu pai, confiando na poderosa Virgem da Aparecida, tirou somente o chapéu." A irmã conta que Francisco, do alto de seus oitenta anos, deixou as pessoas na margem e, só então, voltou para buscar Marcelino.

"Ele já tinha rodado oito metros... somente apareciam os cabelos eriçados n'água", relembrou a irmã, duas décadas depois daquele momento em que Marcelino quase desapareceu nas águas.

Enquanto o pai apenas confiava que Aparecida protegeria o filho por mais algum tempo, Antônia Maria e a mãe de Marcelino se ajoelharam e rezaram na margem do rio.

"Estávamos do outro lado e vimos tudo... eu e minha mãe... de joelhos... pedimos com tanto fervor a Nossa Senhora que ele não perigasse até que meu pai

fosse para salvá-lo."

Por fim, o pai foi buscar Marcelino.

"Graças a Nossa Senhora, que ouviu os nossos rogos, meu pai chegou em tempo, o agarrou pelos cabelos e o salvou do perigo que o estava esperando."

O relato do milagre foi guardado na pasta "Acontecimentos Extraordinários", junto de outros manuscritos que entraram para a história. O que muita gente não sabe é que a narrativa da irmã termina com uma nota triste. Marcelino Gonçalves da Silva sobreviveu ao afogamento, mas morreu cedo, aos trinta anos, de causas que não nos foram reveladas.

Marcas que jamais sairão da pedra

Milagre histórico do Cavaleiro Ateu

data incerta

Conta-se que um fazendeiro do Mato Grosso vivia provocando os caboclos que trabalhavam para ele. Conta-se também que a provocação foi diante da capela de Aparecida. O tal fazendeiro dizia que milagre e castigo divino eram coisas que não existiam e que aquilo de fazer romarias era "*a maior bobagem, que só pertencia a gente ignorante*".

Como se apenas se meter nos assuntos dos outros não fosse suficiente, o fazendeiro esbanjava arrogância. Dizia que, quando quisesse, entraria na capela com seu cavalo e nada lhe aconteceria.

Resolveu provar que estava certo.

Quando chegou diante da capela, pelo que a tradição conta, as ferraduras travaram na pedra da escadaria e o cavalo ficou imóvel. Será que algo grudou suas patas na pedra? Será que o animal sentiu alguma força divina e entendeu que era melhor não avançar? Ou simplesmente empacou?

Não sabemos. O que dizem é que o fazendeiro, para sempre lembrado como o Cavaleiro Ateu, ficou abismado com aquele acontecimento. Alguns contam que ele caiu do cavalo, outros, que apenas desceu, e que — aí, fiel nenhum discute — entrou na capela com as mãos em posição de amém, pedindo a Nossa Senhora que o perdoasse.

Conta-se que o Cavaleiro Ateu, antes arrogante e abusado, tornou-se um devoto exemplar, e passou a acreditar em milagres.

Ainda hoje, mais de cem anos depois, moradores que passam pela Basílica Velha de Aparecida mostram aos visitantes uma pedra da escadaria onde estaria a marca de uma das patas do cavalo. Há também, num museu em Aparecida, um bloco de pedra com as marcas de duas ferraduras.

O Milagre do Cavaleiro Ateu foi reconhecido pelo Vaticano como um dos primeiros da santa Aparecida.

O caçador de catetos

Milagre da Onça, eternizado nas paredes da Basílica Velha

antes de 1888

Manoel Barreto gostava de caçar catetos. O problema era que as onças de Paranapanema também gostavam daqueles porquinhos do mato. Manoel gastou toda a munição que tinha, não se sabe se caçou alguma coisa, e quando a onça chegou perto ele não teve mais nada a fazer.

"Me ajude, minha Nossa Senhora d'Aparecida!", Manoel gritou e, em seguida, viu a onça desaparecer. É provável que o animal tenha saído pensando que aquele louco barulhento não seria tão saboroso quanto lhe parecera segundos antes. Se assustou com o barulho? Foi vontade divina? Tudo ao mesmo tempo?

Manoel Barreto não teve dúvida: foi ao centro de Guaratinguetá, pediu a um fotógrafo que fizesse seu retrato, e foi deixá-lo na capela de Aparecida. Em agradecimento, deixou também um dinheiro no cofre que ficava aos pés da imagem.

Disseram que essa história aconteceu em 1824, mas, se Manoel encontrou um fotógrafo na vila de Guaratinguetá, como sempre se contou, isso tem que ter sido algumas décadas depois. Certo é que, em 1888, quando inaugurou a igreja que mais tarde ficaria conhecida como Basílica Velha, o cônego Joaquim do Monte Carmelo mandou pintar numa das paredes a cena do caçador e da onça.

Milagre e castigo

Milagre clássico da Menina Cega, em versão com final trágico

1874

Nos sertões de Jaboticabal, interior de São Paulo, Gertrudes Vaz vivia uma vida sem graça e difícil com sua filha cega, de quem não nos contaram o nome. Pelo que nos relatam manuscritos históricos, de tempos em tempos, um irmão de Gertrudes voltava do santuário de Aparecida contando mil maravilhas sobre a santa de barro. Dizia que era uma imagem linda e poderosa, capaz de realizar grandes mudanças na vida de seus seguidores.

— *Ela faz milagres!* — o tio anunciava.

E a menina insistia.

— *Mamãe, eu quero ver Nossa Senhora Aparecida!*

Gertrudes não dava muita atenção pois a filha não poderia ver santa alguma.

— *Você é cega, minha filha! E a viagem a pé até lá vai levar meses.*

— *Vamos assim mesmo, mamãe! Eu não enxergo, mas quero pelo menos encostar minha mão na santa.*

— *Não tem jeito, minha filha.*

— *Mas, mãe... nós vamos pedindo esmola pra pagar a viagem.*

Gertrudes Vaz deve ter se cansado dos pedidos insistentes, pois, sem mais nem menos, resolveu atender ao desejo da filha. Só não gostou nada da ideia da esmola.

— *Nós vamos, mas só se o seu tio me emprestar cinco contos.*

O tio queria tanto que a menina cega fosse ao santuário que ofereceu o dobro do que Gertrudes lhe pedia. E lá foram, Gertrudes e a menina cega.

Depois de uma longa viagem, quando as duas chegaram ao Alto da Boa Vista, a menina gritou.

— *Mamãe, aquela que é a Capela de Nossa Senhora?*

— *Mas, como assim? Você tá enxergando, minha filha?*

— *Perfeitamente, mamãe! De repente, veio uma luz que me clareou a vista.*

Ainda maravilhadas com o milagre que atribuíam à proximidade com a imagem de Aparecida, mãe e filha entraram na capela para agradecer.

A versão que circula há mais de um século pelos meios católicos, tendo sido, inclusive, reconhecida pelo Vaticano, termina assim, com final feliz: a menina deixou de ser cega.

O milagre faz muita gente se lembrar do momento em que Jesus Cristo curou um cego em Jericó. Ficou tão conhecido que foi imortalizado numa pintura do gênio brasileiro Cândido Portinari, guardada atualmente na matriz Bom Jesus da Cana Verde, em Batatais, São Paulo.

Mas, debaixo da poeira dos arquivos da Cúria Metropolitana de Aparecida, há uma versão manuscrita que conta um final trágico, desconhecido até agora.

De acordo com essa versão, depois de sentir aquele clarão nos olhos e ver a imagem de Aparecida, a menina cega fez uma besteira que lhe rendeu um tremendo castigo.

— *Mamãe, eu pensava que ela era uma santa bonita, como diz o povo... Mas eu não acho ela bonita. E além disso, ela é "negrinha".*

Pelo que diz o relato feito à época, a filha de Gertrudes Vaz *"imediatamente ficou tão cega quanto havia nascido."*

Se confirmada essa versão de final trágico, seria um caso raro de milagre desfeito em poucos minutos. Os padres de Aparecida, no entanto, nunca botaram muita fé nessa versão, pois, mesmo conhecendo o manuscrito, mantiveram o milagre da menina cega com seu final feliz. Afinal, como acreditar que Nossa Senhora Aparecida pudesse se vingar de uma menina, ou de quem quer que fosse?

Parte 4

Como nas Fábulas



Monstros do rio Paraíba

A lenda dos minhocões e a possível origem de Aparecida

1713

Pensando na breve história do Brasil, o começo dos anos 1700 foi o equivalente à nossa Idade Média. Era um tempo de escuridão, quando monstros e outros seres assustadores povoavam o imaginário dos habitantes do país que ainda não tinha bandeira, não jogava futebol nem se chamava Brasil.

Um desses monstros, dizem, morava em Jacareí, vilarejo a meio caminho entre São Paulo e a vila de Guaratinguetá, onde a imagem de Aparecida seria encontrada mais tarde.

Em 1713, Aparecida também não existia. Ou melhor, era uma imagem de barro, ainda inteira, representando Nossa Senhora da Conceição, a padroeira de Portugal e de suas colônias, entre elas o Brasil. E, apesar da hipótese provável de que tenha sido jogada no rio depois de perder a cabeça, pois santa quebrada era certeza de mau agouro, ninguém nunca explicou direito como ela foi parar dentro do Paraíba do Sul antes de ser achada pelos três pescadores.

Resistiu por muito tempo, no entanto, uma tradição oral que contava que, antes de ser lançada no rio, a imagem de barro ficava numa capelinha em Jacareí.

Naquela época, diz-se, apareceu no rio Paraíba do Sul, bem atrás da capela, um monstro tão grande e perigoso que o povo apavorado logo apelidou de minhocão. Apelidou é maneira de dizer. Bastava alguém falar no minhocão para ver o povo de Jacareí sair correndo.

Mas era mesmo um monstro das águas ou só uma enorme cobra sucuri? Não podia ser um lagarto gigante? Um jacaré? Sabe-se lá que bicho existia naquela terra inóspita trezentos anos atrás?

O povo tinha certeza de que era um monstro mesmo, e começou a dizer que ele andava aterrorizando: cavando buracos profundos, provocando enchentes e ameaçando levar os vilarejos ao redor daquela capela para o centro da Terra.

No Brasil daquela época já se sabia que a Terra era redonda, mas achava-se que lá no centro havia um inferno em chamas, com um diabo para incinerar as almas dos infelizes que não se comportassem bem. E os moradores de Jacareí e arredores acreditavam que o minhocão era tão poderoso que iria acelerar o encontro tenebroso de suas almas pecadoras com o diabo. Para evitar que fossem todos levados para o buraco, queriam que a imagem de Nossa Senhora da Conceição que ficava na capela de Jacareí fizesse uma espécie de exorcismo nas águas do rio. E aquela imagem já tinha uma história curiosa: pelo que diz a lenda, foi esculpida por um preso que prometera fazer uma Nossa Senhora de barro no dia em que fosse libertado.

Uma versão que chegou até nós diz que foi um *"padre de hábito branco da ordem dos Carmelitas"*, outra diz que foi uma velhinha amedrontada que tirou a imagem de seu oratório *"colocou numa gamelinha e soltou na água com fé que a imagem faria desaparecer os minhocões"*. Pelo que afirma a segunda versão, eram dois monstros morando atrás da igreja.

O que coincide nas duas histórias é justamente a parte mais importante. Afirma-se que, depois que a imagem de barro foi jogada no rio, tudo se acalmou: não apareceu mais monstro nenhum.

Contou-se por muitos e muitos anos que a imagem lançada no rio naquele ano de 1713 para espantar o monstro perigoso era exatamente a mesma que João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia pescaram, no mesmo rio Paraíba do Sul e batizaram de Aparecida.

A GRAVIDEZ DA PRINCESA

Sobre como a devoção do conde d'Eu teria feito Isabel engravidar

1875

O PRÍNCIPE CONSORTE E a filha mais velha do imperador não conseguiam ter filhos. Faziam de tudo para dar um sucessor à monarquia brasileira, mas nada livrava Gastão de Orleans, o conde d'Eu, das chacotas de impotência. A princesa Isabel Cristina não dava frutos ou o "reprodutor francês" não era capaz de engravidá-la?

A sucessora do trono brasileiro e seu marido estavam prestes a completar quatro anos de casamento e frustração quando foram em busca de águas que prometiam a cura da infertilidade. Voltando de Minas Gerais, rumo ao Rio de Janeiro, os dois passaram por São Paulo e resolveram parar para ver a santa de barro que tanto os inspirava em sua fé sem tamanho.

A princesa era tão religiosa que, diziam, colocava a fidelidade à Igreja Católica na frente de suas obrigações com o Brasil. Quem sabe Aparecida não poderia interceder por aquela gravidez impossível?

Em dezembro de 1868, Isabel e o príncipe consorte chegaram a Guaratinguetá e foram recebidos com as honras devidas a quem um dia poderia ser o casal real do Brasil.

No dia seguinte, os dois assistiram à missa na capela de Aparecida, e a princesa Isabel fez uma exibição pública de seu poder.

Foi quase um milagre imperial.

Mandou soltar um recruta da Guarda Nacional que era conduzido algemado em direção à cadeia.

Era um gesto simbólico que lembrava um dos milagres mais impressionantes atribuídos à santinha, o inexplicável rompimento das correntes de um escravo enquanto ele rezava aos pés de Aparecida. E a princesa Isabel ainda nem sonhava que entraria para a história do Brasil como

a libertadora dos escravos.

Mas, em Aparecida, o que o povo entendeu como o grande Milagre da Princesa Isabel aconteceu alguns anos mais tarde.

Foi depois de uma notícia trágica, em 1874.

A princesa acabava de perder, durante a gravidez, aquela que seria a sua primeira filha com o conde d'Eu. E o príncipe consorte voltou a Aparecida para rezar.

Dessa vez foi sozinho. E houve muita gente dizendo que foi porque ele pediu mais uma vez a intercessão de Nossa Senhora Aparecida que, no ano seguinte, Isabel voltou a engravidar, e, dessa vez, não teve problema algum durante a gestação.

Parte 5

Pequenos acontecimentos incríveis



Milagre do enforca gato

Sobre o casal que vivia bebendo e quase perdeu o filho

2006

Dependendo de quem fizesse a conta, a desgraça daquela família era coisa de só mais um ou dois passos errados. Regina Célia e José Maria tinham dois filhos, mas sentiam-se como se ainda fossem solteiros. Quando ele não estava trabalhando como marceneiro na obra da basílica de Aparecida, os dois saíam para beber, passando noites inteiras no boteco que havia perto de casa, ali mesmo na cidade de Aparecida. E era nos bares que as crianças, negligenciadas, passavam noites esperando que os pais se acabassem no álcool até que decidissem voltar para casa.

Regina Célia andava tão frequentemente embriagada que sua mãe começou a lhe chamar a atenção. Prometeu rezar uma novena para ver se a filha acordava daquele pesadelo.

— *Cê tá acabando com a vida dos seus filhos porque cê tá deixando eles pra lá* — a mãe dizia, sem esperança de que seria ouvida.

Não foram, no entanto, nem as broncas nem a novena o que finalmente sacudiu aquela mãe sem rumo, desempregada e, tudo indicava, sem futuro. Às vezes o ser humano é assim mesmo, precisa de tragédia para sair dos buracos em que se mete. E assim, por puro acaso, o que resolveu os problemas de Regina Célia e Zé Maria foi um tal de enforca gato que o caçula trouxe para dentro de casa.

Yago Luís tinha onze anos e brincava na rua com os amigos quando apareceu com aquele negócio na mão. Enforca gato é coisa que quase ninguém conhece pelo nome mas, simplificando, é uma tira plástica dentada que serve para lacrar ou prender alguma coisa. Enfim, é uma espécie de fecho que, uma vez acionado, só pode ser aberto com faca, fogo ou tesoura. E se enforca gatos, como é de se imaginar, enforca gente também. Principalmente gente pequena, de pescoço pequeno.

Eram duas da tarde e a família, mais uma vez, iria passar a tarde no boteco.

Yago Luís não queria.

— *Num vou deixar você sozinho aqui, não... cê vai com a gente!* — a mãe gritou, apenas para ser ignorada por Yago Luís.

O menino entrou no quarto da irmã, colocou o enforca gato ao redor do pescoço e, possivelmente para fazer graça com Natália Bruna, numa exibição de autossacrifício, puxou o lacre com força.

Yago Luís ficou sem ar, a irmã foi tentar afrouxar o enforca gato mas, como isso é impossível, deixou o menino ainda mais enforcado. Natália Bruna saiu gritando pelo corredor, até que a mãe apareceu e levou o menino às pressas à cozinha, onde estava Zé Maria.

O pai pegou uma faca de pão e tentou serrar o plástico ao redor do pescoço de Yago Luís. Não conseguiu. Quanto mais ele passava a faca, mais saía sangue do pescoço do filho. E o enforca gato devia ser de boa qualidade pois resistia firme àquela faca.

— *Eu vou cortar o pescoço dele... mas... esse negócio... vai sair!* — o pai gritava, em desespero, insistindo em enfiar a faca entre o enforca-gato e o pescoço do filho.

Yago Luís já estava pálido, roxo e mole quando Regina Célia se ajoelhou na porta da cozinha pedindo a Nossa Senhora Aparecida que fizesse alguma coisa.

— *Nossa Senhora Aparecida, me ajuda, não deixa eu perder meu filho!*

Àquela altura, a veia jugular de Yago Luís estava travada, e as vias respiratórias, bloqueadas. Ele ia ficando ao mesmo tempo sem sangue e asfixiado, com os olhos saltados, esbugalhados, numa situação muito parecida à que acontece com quem morre pendurado na forca. A irmã Natália Bruna gritava em desespero. A mãe continuava chorando e rezando. Quando, de repente...

— *Abriu, abriu!* — o pai gritou, pensando que a faca tivesse finalmente cortado o maldito enforca gato.

O menino imediatamente caiu no chão. Parecia desmaiado, meio morto. Mas, aos poucos, colocado diante da janela, foi retomando o ritmo normal de respiração. E, quando o pai finalmente foi ver o que tinha acontecido ao tal enforca gato, se espantou: o plástico continuava intacto, sem corte, só com uns arranhõezinhos provocados pela faca.

Regina Célia passaria a vida contando que a salvação do filho havia sido um milagre, pois o enforca gato se soltara do pescoço de Yago Luís do jeito mais improvável, com os dentes de plástico deslizando dentro do lacre, e

justamente no momento em que ela, ainda no chão, acabava de rezar, aos prantos.

— *Não tinha jeito daquilo abrir... Eu recebi um milagre Dela, não tem outra explicação.* — Regina Célia contaria a todos que tentassem encontrar alguma razão científica para a abertura repentina do enforca gato.

O pescoço de Yago Luís ficou muito marcado, vermelho, e ainda com um corte provocado pela faca de pão. Mas ele não precisou de médico nem de hospital. Regina Célia deitou o menino numa cama, pegou um copo de água benta que deixava diante da televisão e passou no pescoço dele como quem aplica um remédio. Disse que foi depois daquele gesto que o filho realmente melhorou.

Depois que o susto passou, aqueles minutos de desespero foram ganhando importância. Tornaram-se um marco na vida da família. Principalmente, diante do que aconteceu depois.

Regina Célia finalmente admitiu que estava trocando os filhos pela bebedeira e resolveu que era hora de abandonar o boteco. Ela e Zé Maria mudaram radicalmente de vida. Regina Célia nunca mais bebeu, e começou a pensar que aquele era o segundo milagre.

— *Acho que Nossa Senhora fez uma limpeza na minha vida... reconstruiu todinha a minha família* — ela contou, mais de uma década depois, chorando incessantemente ao se lembrar da culpa que sentia por ter os filhos *"criados em bar"*, e do alívio que sentia depois de tudo o que lhe acontecera. E olha que Regina Célia nasceu e cresceu em Aparecida, sempre pensando que santa de casa não fazia milagre.

Duas vezes Aparecida

A salvação de Isabela, e a de seu sobrinho Miguel

2016

Tathiana e Isabela já nasceram com os pés descalços pisando a terra. Eram as duas filhas de um homem que passou a vida tirando leite e vendendo os latões cheios para uma fábrica de laticínios. Pulando de árvore em árvore, tiveram a infância mais feliz que alguém pode imaginar. Até o dia em que o pai foi mais uma vez buscar restos de madeira para acender o fogão.

Isabela, a menorzinha, que era também baixinha e mirradinha, ia na caçamba do trator enquanto o pai dirigia. Só que junto dela iam, empilhados, todos aqueles pedaços de madeira. Foi diante de casa, numa manobra brusca, que a carreta tombou. Isabela caiu na terra e aquele monte de madeira desabou sobre ela.

Márcio, o pai, ficou com o coração disparado quando precisou retirar pedaço por pedaço de madeira de cima da filha, para, enfim, encontrá-la desfalecida e ver todo aquele sangue espalhado pelo chão.

Com cortes profundos no rosto e no corpo, com a força da madeira que caíra sobre sua cabecinha, Isabela só podia estar morta. Foi o que Márcio pensou. Mas nem por isso deixou de fazer a única coisa que lhe veio à mente. Pegou Isabela no colo e, como a família sempre contou, pediu ajuda a Nossa Senhora Aparecida.

— *Tô te entregando minha filha!* — ele disse, ao levantar Isabela nos braços e oferecê-la aos céus.

Em seguida, Márcio colocou a filha num carro, chamou Tathiana para ajudar, e correu para o hospital. Quando entrou na cidade mais próxima, enquanto rezava alto junto com o pai, Tathiana percebeu que a irmãzinha tinha voltado a respirar.

Saía sangue de sua boca, mal se mexia, mas era um milagre que ainda estivesse viva. Ao verem a recuperação da menina, os médicos disseram que talvez Isabela ficasse mal dos olhos, até cega. Mas nada disso aconteceu. "A

reza funcionou", eles pensaram.

Um ano depois, quando Isabela ficou completamente curada e completou onze anos, a família foi ao santuário de Aparecida agradecer à santinha. A menina, sempre muito baixinha e mirradinha, ficou encantada com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que era quase de seu tamanho, e os pais resolveram comprá-la.

Passaram-se mais nove anos.

As duas irmãs já estavam adultas, e Miguelzinho, filho de Tathiana, era a nova alegria da casa. Ela não se casara nem nada. Continuavam todos na mesma fazendinha onde Márcio ordenhava suas vacas.

Miguelzinho brincou tanto aquele dia que, coisa rara, ele mesmo resolveu parar. Ganhou de presente um banho de banheira.

Tathiana deixou o filho com os brinquedos na água e, como Miguelzinho reclamava de fome, foi rapidamente à cozinha buscar uma maçã. Mas acabou demorando. Quis picar a maçã para facilitar a vida do menino de apenas dois anos. Gritou a Isabela, pediu que ela fosse tirar Miguelzinho do banho, e logo veio um outro grito.

— *Tathi, corre aqui... corre!*

Mesmo com a pouca água que havia na banheira, Miguelzinho tinha se afogado. Calcula-se que ficou uns dois ou três minutos dentro d'água, sem respirar, com o rosto afundado e os pés para o alto, até que a tia chegou e o puxou da água apressadamente.

Tathiana pulou a janela do quarto para cortar caminho e quando chegou ao banheiro viu o filho completamente roxo, sem respiração, sem pulso e, certamente, ela pensou, sem vida.

— *Paaaaaaiiiiiiiii!* — Tathiana gritou para logo depois ver Márcio entrar correndo pela porta.

O corpo de Miguel estava no chão. Márcio fez no peito do neto o que imaginava ser uma massagem cardíaca, mas não teve sucesso. Alguém telefonava para os bombeiros, e ninguém atendia. Márcio fez, então, respiração boca a boca. Nada adiantou.

— *Ele não tá voltando...*

Foi quando Rosameire chegou aos prantos trazendo a imagem de Aparecida que a família havia comprado depois que Isabela quase morreu.

Márcio repetiu o gesto de dez anos antes. Levantou o menino no colo e o ofereceu aos céus. Todos se ajoelharam e rezaram em volta do corpinho roxo.

— *Mãezinha do Céu, não tira o Miguel da gente não!*

— *Traz ele de volta!* — disseram naquela reza coletiva.

Tathiana iria se lembrar para sempre que foi no momento em que sua mãe aproximou a imagem do corpo do menino que ele deu sinais de vida outra vez.

— *Ele tá respirando! Ele tá respirando!!!* — Márcio gritou e começou a chorar, acompanhado pelos prantos da mãe, da avó e da tia de Miguelzinho.

O menino passou a respirar fundo e emitir uns sons que pareciam roncos, como se o ar estivesse passando pelo meio da água antes de lhe sair pelas narinas. Depois desse primeiro alívio, foi mais uma corrida até o hospital.

Os médicos deram oxigênio e estabilizaram a saúde de Miguelzinho. Mas ainda era muito cedo para qualquer certeza. O menino começou a ter convulsões.

— *Em casos de afogamento* — era um dos médicos explicando, — *em noventa e nove por cento dos casos a criança vai ficar com alguma sequela.*

No dia seguinte, quando o menino acordou e ficou consciente pela primeira vez, perguntou pelos cachorros. A mãe conta que ele quis saber também onde estava *"a Mãezinha do Céu"*. E um médico percebeu que Miguelzinho não enxergava direito.

— *Provável que seja sequela do afogamento* — ele disse.

Cinco dias depois, Miguelzinho estava de volta à fazenda, de novo entre vacas, bezerros e cachorros, enxergando tudo. Sua mãe nunca mais deixou de se lembrar daquela cena terrível, sempre preferindo pensar, antes de qualquer coisa, que a família havia sido abençoada. Duas vezes.

Dezoito vidrinhos de cocaína

A cura da mulher viciada no remédio maldito

1914

A mulher grávida sentia dores tão terríveis nos dentes que o dentista resolveu receitar-lhe um medicamento poderosíssimo, que poderia facilmente anestesiar sua boca.

Era um parente distante da cafeína, que atendia pelo nome científico de *benzoilmetilecgonina*, e que, talvez justamente por ter esse nome indizível, o povo só a conheceria como cocaína.

Que nos desculpem, mas chega a ser um milagre engraçado. Mostre os dentes, se quiser! Mas, agora, por favor, pense na vida com seriedade, pois a coisa ficou feia.

A mulher grávida parou de sentir dores nos dentes mas não conseguia largar do remédio. Viciou-se em cocaína a tal ponto que usava doses diárias na boca para se acalmar.

Os médicos não tiveram dúvida alguma sobre o diagnóstico e recomendaram a ela que parasse imediatamente com aquele hábito estranho de passar droga nos dentes. Mas, sabe-se lá por que razão, o estoque não acabava nunca: o dentista havia lhe fornecido dezoito vidros de cocaína.

Foram os pais dela que tiveram a ideia de buscar outro tipo de ajuda. Achavam que só recorrendo a Nossa Senhora Aparecida poderiam fazer a filha largar daquele vício estranho. Conversaram com um padre, e o padre foi quem rezou, dizendo ter relatado o caso em suas conversas particulares com a mãe de Jesus.

Conta-se que, no dia seguinte à reza do padre, a mulher grávida decidiu que jamais usaria cocaína outra vez. Conta-se também que os próprios médicos que a acompanhavam disseram que aquela cura instantânea só podia ter sido um milagre.

O marido, agradecido ao padre e à santa pela cura de sua mulher, e certamente também pela salvação do filho que crescia naquela barriga, foi ao

santuário de Aparecida rezar. Deixou lá a caixinha com os dezoito vidros que o dentista vendera à sua esposa. Dezessete vidros estavam vazios.

Num trem para Lafaiete

O terrível acidente de trem e a salvação de Romualdo de Aquino

1910

Num tempo em que ainda havia trens de passageiros no Brasil, quando se podia ir de um vilarejo a outro num vagão puxado por locomotiva, Romualdo de Aquino estava a caminho de Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais.

"Vi que vinha ao meu encontro um trem de dupla tração, descendo vertiginosamente", Romualdo relatou numa carta aos padres de Aparecida, no fim de 1910.

O homem viu a própria morte, e logo começou a rezar para Nossa Senhora Aparecida.

"Lancei mão dos meios que o perigo exigia", ele contou na carta. *"Fiquei firme no meu posto de honra, e aguardei os acontecimentos."*

De fato, os acontecimentos foram gravíssimos.

"Após o choque lúgubre, tétrico e tremendo, tendo por cima de mim, pela frente e por toda a parte, fragmentos de ferro, zinco e madeira, estava completamente preso, mas, por milagre, completamente ileso", Romualdo de Aquino relatou.

Estava agradecido, mas profundamente triste, pois dois amigos que viajavam com ele morreram no acidente. Ainda assim, sentiu-se tão abençoado que passou a vida contando e recontando aquele acontecimento impressionante.

A CURA DO MENINO PARALÍTICO

O menino que pedia esmolas pagou sua promessa andando

1903

HÁ MUITOS E MUITOS séculos, em diversas regiões do planeta, seres humanos utilizam-se da terrível prática de explorar ou, pior ainda, fabricar deficiências físicas, querendo arrancar esmolas de pessoas comovidas. O menino Sebastião de Paula tinha um problema nas pernas, e vivia pedindo dinheiro num sinal de trânsito, montado nas costas do irmão. E a história teve muitas testemunhas, gente de confiança, até mesmo padres redentoristas confirmaram a deficiência de Sebastião.

Foi, inclusive, por causa dos padres que o menino se mudou para a cidade de Queluz, em São Paulo, depois de ouvir o conselho de alguém lhe dizendo que a presença de uma missão redentorista aumentaria as chances de conseguir boa esmola, pois, supõe-se, deixaria o povo de lá mais propenso a ajudar o próximo, coisa que desde Jesus Cristo os cristãos pregavam e, muito frequentemente, praticavam.

Sebastião estava, como sempre, montado nas costas do irmão que não tinha qualquer deficiência física. Estendeu a mão a um padre redentorista, e o padre lhe sugeriu que fizesse uma promessa a Nossa Senhora Aparecida para conseguir sua cura.

Três dias depois de fazer a promessa, conforme narrou o jornal *A Semana*, Sebastião *"começou a fazer movimentos"*.

A reportagem, de mais de cem anos atrás, terminava com um testemunho do jornalista: *"Vimo-lo paralítico e vimo-lo bom, narrando de pé o que agora descrevemos"*.

Sebastião de Paula tinha entre dez e doze anos, ninguém sabia ao certo. E sua promessa havia sido varrer descalço a basílica de Aparecida, além de levar dois metros de fita como presente a Nossa Senhora.

Ao relatar o caso, os padres de Aparecida também deram seu testemunho. Conheciam Sebastião e sabiam que ele já havia sido tratado, sem sucesso, por *"farmacêuticos, espiritistas e curandeiros"*. Pagou a promessa, sem precisar de qualquer ajuda para caminhar, em novembro de 1903.

Astolphina

Sobre a tuberculosa desenganada, curada no santuário

1904

Não vá rir de Astolphina porque ela tinha esse nome diferente pois, antes de tudo, ela era filha de Astolpho, homem rico do Rio de Janeiro que gastara uma pequena fortuna pagando os melhores médicos da cidade para tratarem sua filha de uma tuberculose — praga brasileira naquele começo de século XX. Por fim, a jovem Astolphina viajou a Aparecida certa de que, se não houvesse cura, o santuário era o melhor lugar para morrer. Onde mais no Brasil descansaria tão perto de Deus?

Foi um dos médicos consultados por Astolpho quem deu o conselho: a moça tuberculosa deveria ser levada ao santuário de Aparecida pois, se ficasse no Rio, seria um choque para a família vê-la morrer de doença tão degradante. Astolphina, sua mãe e seus irmãos foram juntos ao santuário e lá rezaram, pedindo à santinha que curasse aquela doença. Por outro lado, a família pensava que, se o pedido não fosse atendido, Astolphina já estaria abençoada para seguir pelas nuvens.

Foi como naqueles filmes de ficção científica em que o mundo inteiro se prepara para uma grande catástrofe e, na última hora, nada acontece. E depois, nas cenas mais melosas de Hollywood, ficam todos abismados, se abraçando, rindo à toa, com uma trilha sonora triunfante levando a plateia inteira a se arrepiar ou chorar.

Pois, foi exatamente assim.

Depois de muitos dias em Aparecida, Astolphina não tinha nada de morta. Pelo contrário, dava sinais de melhora. E a família achou que já era hora de voltar para casa.

Quem precisa de *Sérum de Roux*?

Sobre o menino que expulsou a doença (e não precisou do remédio)

1904

Para aquela tenebrosa difteria, os médicos haviam receitado um remédio de nome francês difícil, e difícil também de ser encontrado. *Sérum de Roux*, o soro vermelho, era a única esperança do menino João Goulart.

O pai, professor de canto e piano, pensou que, antes de peregrinar pelas farmácias do centro de São Paulo em busca do tal *Sérum de Roux*, era melhor rezar um pouco e pedir a Nossa Senhora Aparecida para curar seu filho.

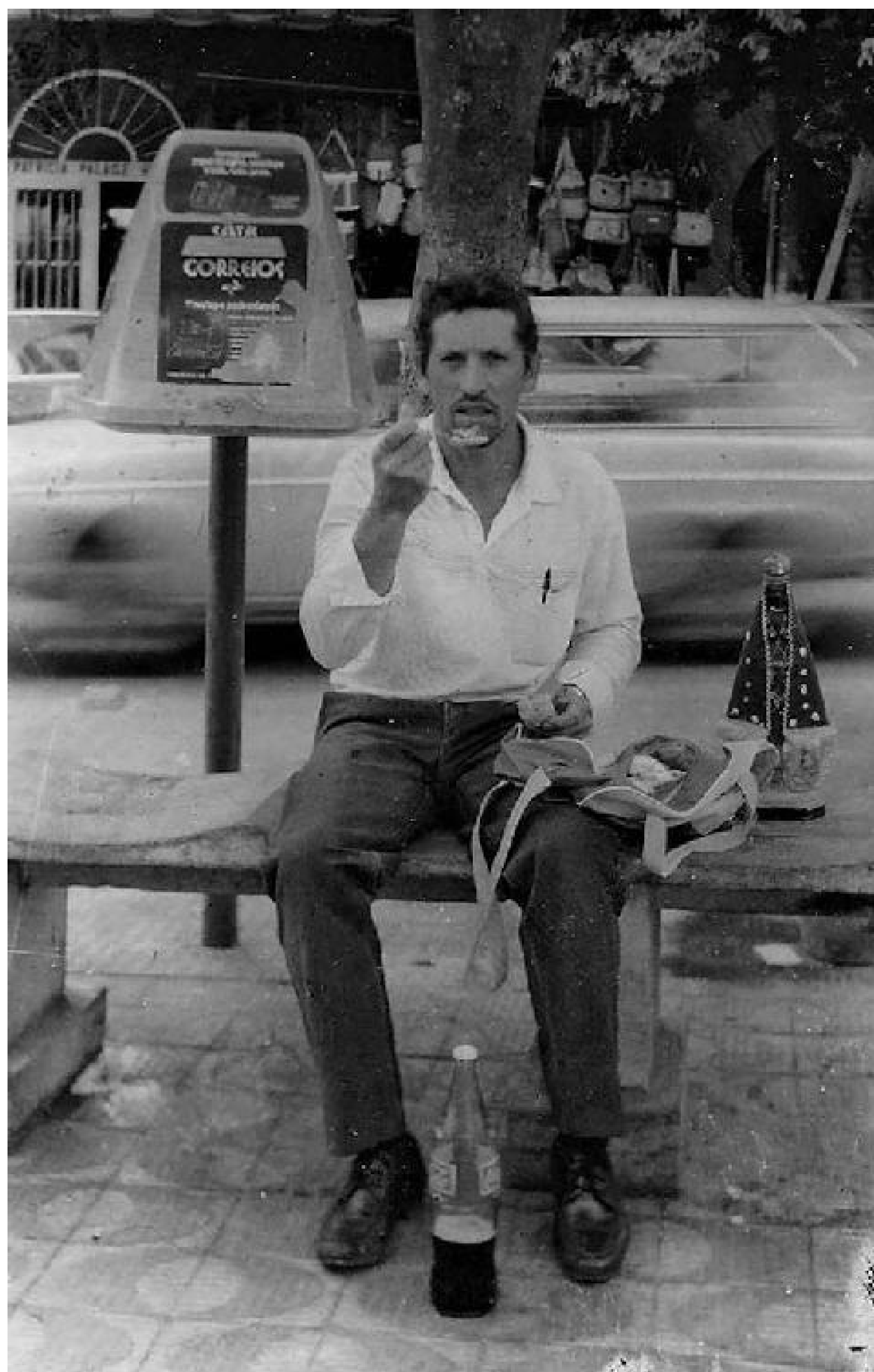
Prometeu que, se João ficasse bom, iria ao santuário assistir a trinta e três missas, uma para cada ano da vida de Jesus Cristo.

Quando finalmente encontrou o remédio e voltou para casa, o pianista teve a impressão de ouvir aqueles acordes tensos da nona sinfonia de Beethoven antecipando a grande notícia: o menino não sentia mais nada.

Horas depois, quando foi com João ao Instituto Bacteriológico de São Paulo, ficou sabendo que o filho havia expelido uma certa membrana onde estaria alojada a bactéria que causava a difteria e que, muito provavelmente, mataria João. Foi o que lhe contaram, antes que o pianista, o menino e sua mãe viajassem a Aparecida para assistir às trinta e três missas prometidas.

Parte 6

Visitantes inesperados


CORREIOS

A recuperação inexplicável e a Senhora que ninguém viu

aprox. 1980

A TRAGÉDIA ESTAVA COMPLETA. Começou a chover forte justamente quando Raulzinho brincava no parque do clube. Ninguém sabia dele. Até que, instantes depois, o menino foi encontrado na piscina com a cabeça no fundo e os pés para o alto.

Um tio mergulhou rapidamente para arrancá-lo da água, fez respiração boca a boca, apertou a barriga, mas o menino não reagiu. Raulzinho chegou ao hospital gelado, sem sinal de vida.

O médico aspirou seu pulmão e tentou aquecer o corpo artificialmente. O menino nem chorou nem se mexeu, e a mãe saiu da sala dizendo à família o que todos temiam.

— *Raulzinho morreu.*

Ouvindo a choradeira, no entanto, uma enfermeira gritou lá de dentro.

— *Ele ainda não morreu... o coração tá batendo!*

Se havia alguma chance de sobrevivência para Raulzinho, era preciso transferi-lo para um hospital com equipamentos melhores.

Quando o menino entrou na ambulância com a enfermeira, pais, tios, irmãos e avós se ajoelharam diante de uma imagem de Aparecida que ficava na sala de espera do hospital.

— *Nossa Senhora... por favor, pega o Raulzinho no colo... aquece o corpinho dele!* — a mãe do menino implorou.

Na ambulância, como se tivesse ouvido a prece dos pais, a enfermeira ficou grudada no menino. Havia acabado de conhecê-lo. E daquele jeito: imóvel, sem expressão nenhuma no rosto. Não era possível que um anjo fosse embora tão cedo!

A enfermeira se esquecia da medicina e pensava que deveria haver alguma

outra coisa que o salvasse, por mais que parecesse impossível. Foi quando resolveu abrir os dedinhos dele e colocar ali uma imagem pequena de Aparecida.

No mesmo instante, uma lágrima escorreu pelo rosto de Raulzinho.

Os pais chegaram à Santa Casa minutos depois da ambulância. Um médico informou que, no caminho, a temperatura tinha voltado a subir. Teria sido depois que a enfermeira colocou a imagem de Aparecida em sua mão?

Era coincidência?

Providência?

Na UTI infantil, Raulzinho retomou a consciência, pediu leite e começou a chamar pelo pai. Sentiu-se tão forte que até se levantou para ver as outras crianças, suas companheiras de tratamento.

Estava com uma energia contagiante!

Pelo vidro, mandou beijos para os irmãos e para a avó, sem fazer a menor ideia de que estava sendo tratado como um caso raro de recuperação. "*É o menino do milagre!*", muita gente começou a dizer pelos corredores.

Os médicos explicaram que a falta de oxigênio no cérebro por cinco minutos costuma levar a lesões irreversíveis, deixando o paciente em coma e, muitas vezes, o levando à morte. O que impressionava a todos era que Raulzinho tinha ficado seis minutos sem ar, e, assim mesmo, se recuperou completamente, como se nada tivesse acontecido. Depois de tudo aquilo, andava agora distribuindo sorrisos? Era mesmo mágico tudo aquilo!

Quando ficou sozinho com os pais, ainda no hospital, Raulzinho contou ter recebido a visita de uma senhora negra.

— *Passei a noite rezando por você* — ela teria dito. — *Falei com a Mãe... e mostrei a ela o caminho até você pelo corredor do hospital.*

Quem era aquela senhora negra?

Nem os pais nem os médicos nem as enfermeiras, ninguém viu aquela visitante.

A CURA PELA TELEVISÃO

Sobre a mulher que viu Maria e depois foi curada diante da tevê

1960 e 1996

AINDA NA ADOLESCÊNCIA, NA década de 1960, Alice Maria Kozlowski viveu um dia inesquecível. As freiras que comandavam o colégio Santana convidaram um padre performático e muito famoso para fazer uma exibição para as alunas. Alice Maria registrou em sua memória que o padre estava indo falar às meninas sobre espiritismo. Não era. Padre Quevedo foi fazer uma apresentação sobre paranormalidade.

As freiras cobriram as janelas do refeitório com cortinas pretas, apagaram as luzes e o padre começou sua apresentação. Parecia um show de mágica. Pelo que Alice Maria contou, Quevedo mandou as moças cruzarem as mãos e apertarem os dedos com força, avisando que algumas não conseguiriam mais separá-los.

As luzes se acenderam.

As mãos de Alice Maria estavam presas.

Junto com as outras cinco colegas que também não conseguiam abrir as mãos, Alice Maria foi chamada a subir ao palco improvisado no refeitório. Ela conta que o padre sugeriu, então, que as seis meninas fizessem pedidos, sem contar a ninguém. E foi adivinhando cada um.

— *Posso dizer qual foi teu desejo?* — Alice Maria ficou em silêncio, e o padre seguiu. —*Teu desejo era ver Nossa Senhora!*

— *Foi isso mesmo!* — Alice Maria disse muito espantada.

— *E você conseguiu?*

— *Consegui!*

Enquanto o padre fazia o show com as meninas no palco, Alice Maria ficara viajando sozinha pela imagem que disse ter visto na parede. De acordo com aquela visão, Nossa Senhora era uma mulher branca, usava um vestido cor-

de-rosa, um manto verde-claro sobre o vestido, e um véu branco por cima de tudo.

Alice Maria tinha só quinze anos e não quis ir à outra apresentação do padre Quevedo, pois ficou injuriada dizendo que, depois da adivinhação, ele fez brincadeiras sem graça, deixando-a constrangida na frente de todos. Mas nunca se esqueceu daquela visão que definiu como "radiante", e passou a vida dizendo que Nossa Senhora esteve sempre por perto.

Mais de trinta anos depois, em 1996, a visão da professora Alice Maria começou a embaçar, os olhos ficaram encobertos a tal ponto que ela praticamente parou de enxergar. Depois de fazer todos os exames possíveis, o oftalmologista lhe disse que a solução para o glaucoma era fazer uma cirurgia, mas havia uma chance enorme de que não funcionasse. Enfim, Alice Maria poderia perder a visão.

No dia 12 de outubro daquele ano difícil, Alice Maria estava desligada do mundo quando começou a ouvir barulhos pela janela. Eram os sinos da igreja, acompanhados de rajadas de fogos de artifício, comemorando o dia nacional dedicado a Nossa Senhora Aparecida.

A primeira reação de Alice Maria foi ligar a televisão da cozinha para assistir à transmissão da missa no santuário nacional. No momento em que ela ligou o aparelho, a imagem de Aparecida surgiu enorme em sua tela. Ouvia-se ao fundo a voz de um padre, mas ela só via a imagem da santa.

Alice Maria ficou nervosa, sentiu um impulso e não teve nem tempo de pensar antes de se lançar ao chão de joelhos.

— *Minha Mãezinha do Céu... eu tô perdendo a visão... mas não faça a minha vontade, faça o que o seu filho quiser!*

Alice Maria falou alto, e no mesmo instante sentiu como se duas mãos fechadas lhe dessem socos nos olhos. Era estranho demais. Se não havia ninguém na sala, como era possível que uma força tão grande atingisse seus olhos e ainda os levasse até o fundo da cabeça? Se não era normal, era paranormal? Sobrenatural?

— *Eu senti os socos... um vácuo assim no lugar da visão, um buraco... me senti como se fosse uma caveira, sem olhos* — ela relembraria chorando.

Era um soco divino? Ou apenas uma dor terrível nos olhos de quem sofria com um problema de visão gravíssimo? Ninguém jamais explicaria aquele fenômeno que marcou profundamente Alice Maria, reforçando sua certeza de que a mãe de Jesus estivera sempre a seu lado, agindo em seu benefício até mesmo quando já não lhe restava esperança.

Aquele estranho vazio no crânio de Alice Maria durou pouco. Instantes depois, ela sentiu que os olhos voltaram a seus lugares. E, aparentemente, tudo ficou normal.

Mais ou menos.

Alice Maria percebeu que, de um instante para o outro, sua visão estava melhor. E continuou melhorando, até lhe tirar aquela sensação de que tudo estava embaçado.

Depois, resolveu levar os exames que fizera em Ponta Grossa, no Paraná, para que um especialista de São Paulo pudesse dar uma segunda opinião sobre o suposto glaucoma. Olhando só para os exames no papel, o novo médico concordou com o primeiro: era caso de cirurgia, e de emergência. Mas, como era bom médico, resolveu fazer todos os exames outra vez.

Quando, enfim, saíram os resultados, o doutor chamou Alice Maria à sua mesa e lhe deu a notícia.

— *A senhora não tem nada de glaucoma. Tem uns probleminhas comuns da idade... mas glaucoma a senhora não tem.*

O médico lhe dizia que, ao contrário do que mostravam os exames anteriores, estava tudo em ordem com seus olhos. Por via das dúvidas, pediu que Alice Maria voltasse a Ponta Grossa e refizesse os exames: no mesmo horário, com o mesmo médico e na mesma máquina.

Os novos exames confirmaram os resultados de São Paulo. Alice Maria não tinha mais glaucoma nenhum. Só não dava para dizer que enxergava perfeitamente porque tinha astigmatismo, miopia e um princípio de catarata. E por causa daqueles outros probleminhas, continuou frequentando o oftalmologista.

Numa certa visita, ficou intrigada ao ouvir o médico e sua assistente conversarem.

— *Ela tem uma cava no olho direito!* — o médico reparou.

— *Só no direito?* — a assistente quis saber.

— *Nos dois.*

Alice Maria não entendia nada de medicina, ficou sem jeito de perguntar ao médico o que ele quis dizer com uma *"cava no olho"*, e concluiu por si só.

— *Entendo que cava é buraco. Pra mim, as cavas nos meus olhos são alguma cicatriz que ficou da cura que Nossa Senhora Aparecida me fez anos atrás!*

A certeza foi tanta que Alice Maria resolveu escrever sua história numa carta, mandou plastificar o papel e o levou à sala das promessas no santuário de Aparecida. Foi atendida por duas moças que, depois de ouvir aquilo tudo,

ficaram com os olhos completamente embaçados, e não era glaucoma.

A MENSAGEIRA E O MENINO

Sobre como uma estranha salvou a vida de Gabriel

2006

HAVIA CHEGADO SUA VEZ. *"Graças a Deus!"*, comemoraram lá no hospital. Depois de trabalhar nos partos de tantas outras mulheres, a enfermeira obstetra estava grávida, e andava obcecada com a ideia de fazer exames repetidos e intermináveis para ter certeza de que tudo estava bem com sua placenta e com o bebê que crescia ali dentro. Parecia exagerado, mas ela já tinha visto de tudo e não ia correr riscos justamente na própria gravidez.

Quando se completaram trinta e nove semanas de gestação, Débora pediu a Carlos que a levasse correndo ao hospital. Não tinha dúvida nenhuma de que seria naquela exata hora que o menino com nome de anjo chegaria ao mundo.

— *Vai nascer, vai nascer!* — ela gritou, desesperada, apressando o marido. Mas, quando chegaram ao hospital, descobriram que não havia menor sinal de dilatação nos caminhos por onde Gabriel deveria passar.

Três dias depois daquele alarme falso, Débora e Carlos voltaram ao hospital mas, outra vez, o bebê não queria sair. E não havia um único exame que não dissesse que aquela placenta era o lugar mais seguro do mundo, pois ali dentro o coração de Gabriel batia com perfeição de relógio suíço.

Em 12 de outubro, um dia depois daquela visita ao hospital, como era dia de Nossa Senhora Aparecida, a enfermeira e o bancário foram a uma igreja no centro de São Paulo.

Chegaram para a missa exatamente às sete da noite. Logo na entrada, uma desconhecida perguntou a Carlos se ele podia levar a imagem de Aparecida durante uma pequena procissão. Era só uma desconhecida, e não vale imaginar coisas aqui pois ela não terá feito nada de divino apenas por confiar a um jovem a tarefa que, apesar de nobre, era a mais cansativa da noite.

— *Sem nenhum problema* — ele respondeu com essas palavras vazias mesmo, por falta de outras que expressassem melhor o quanto se honrava

com aquela missão.

Carlos percebia ali também uma oportunidade incrível, pois, estando com a imagem nas mãos, se sentiria muito mais à vontade. Teria, talvez, mais intimidade com a santa para lhe fazer um pedido importantíssimo: queria a intercessão da Virgem Maria para que tudo corresse bem durante o parto.

"*Eu lhe entrego minha mulher e meu filho*", Carlos pensou, como se conversasse com Nossa Senhora Aparecida, no momento em que ergueu a imagem para que todos os fiéis a vissem na entrada da igreja.

Fazia um ano que Carlos se tornara grande devoto, tão fervoroso na religião como havia sido antes em seu vício pela maconha, pela cocaína e, quando não tinha dinheiro, pela porcaria da cola de sapateiro.

A grande virada na vida do bancário fora durante uma sessão de orações com um grupo de católicos, rezando de mãos dadas com uma moça que não conhecia. Carlos pediu a cura de seus vícios e enxergou um homem de barba longa, vestido com uma túnica de tecido fino, flutuando, aproximando-se dele como se quisesse tocá-lo. Ao lado daquele vulto, ele enxergava uma mulher, que pensava ser Nossa Senhora. E, ainda no meio daquela visão, no momento em que o homem foi tocar seu peito, Carlos ficou zonzo, sentiu seu corpo caindo. Antes que despencasse no chão, no entanto, foi levantado pela moça que segurava suas mãos, ainda vendo aquela imagem que lhe parecia ser de Jesus ao lado de Maria, sua mãe.

Depois da visão, Carlos nunca mais se drogou. Não teve dúvida nenhuma de que havia sido curado por algo inexplicável, sobrenatural e, sobretudo, divino.

Com um empurrãozinho da coordenadora do grupo de orações, o jovem bancário foi distribuir cestas básicas com outra moça do grupo. Era a enfermeira Débora. Os dois prepararam juntos um Natal para crianças carentes, e começaram a se interessar um pelas carências do outro.

Naquela época, Débora estava prestes a terminar a faculdade de enfermagem. Meses antes, durante uma missa, havia se ajoelhado diante de uma Nossa Senhora e pedido que seu padrinho de formatura fosse seu pai, ou, com muita sorte, seu marido. Como não era casada e não tinha nem mesmo um namorado, foi ao baile de braços dados com o pai.

Mas, justamente no momento em que pai e filha desciam a escada do salão para dançar a valsa da formatura, Carlos veio na contramão, ainda com as mãos levemente molhadas, saindo do banheiro. Os dois eram amigos e trocaram beijos no rosto. O pai de Débora não sabia de nada, mas teve um

impulso, alguma intuição: pegou no braço de Carlos e decidiu o futuro por ele.

— *É você que vai dançar com ela!*

O bancário dançou a valsa de formatura com a enfermeira e, pouco depois, quando o dois tinham apenas vinte e três anos, ficaram grávidos, e dançaram outra vez, no próprio casamento.

Aquela missa em que Carlos entrou com a imagem de Aparecida nas mãos foi apenas alguns meses depois de toda essa história de conto de fadas.

Quando subiu as escadarias da igreja, Carlos manteve os braços erguidos na direção do céu, como sabemos, pedindo à santinha proteção a Débora e ao bebê durante o parto.

Às oito horas daquela mesma noite, quando Carlos buscava o carro no estacionamento, foi parado por uma senhora que ele pensou que talvez conhecesse da igreja, mas de quem não se lembrava nem o nome.

— *Por que você não leva a sua mulher ao hospital? Leva ela que vai ser melhor!* — a mulher lhe disse com uma certeza perturbadora.

Ainda que fosse tão incisivo, quase uma ordem, o pedido da estranha Sebastiana não fazia o menor sentido.

— *Não tem necessidade, não, senhora... a gente passou recentemente no obstetra e ele disse que tá tudo normal.*

— *Leva ela de novo!*

A insistência incomodava ainda mais porque Carlos tinha levado a mulher duas vezes ao hospital, e apenas um dia antes vira que estava tudo na mais perfeita harmonia. O que é que iam dizer? Iam acabar fazendo piada com eles no hospital.

— *O médico falou que tá tudo bem.* — Ele tentou mudar de assunto, até que Débora, que já ouvia a conversa, e conhecia bem aquela mulher, resolveu resgatá-lo.

— *Não, Sebastiana... não precisa, o Gabriel tá mexendo normalmente.*

Não estava. Mas ninguém, ao que tudo indica, nem mesmo Sebastiana... ninguém sabia.

Depois daquela conversa incômoda, Carlos e Débora foram na direção de casa, mas na última hora mudaram de ideia. Ficaram encucados e resolveram que, na dúvida, era melhor ir de novo ao hospital. Negligência com assuntos médicos, ainda mais vindo de uma enfermeira obstetra, seria um erro imperdoável.

— *O exame mostrou alguns problemas e nós vamos fazer o parto de urgência.*

— Era o obstetra, caminhando apressado pelo corredor até a sala de parto.

Às nove e trinta e oito da noite, pouco mais de duas horas depois que Carlos entrou na missa levantando a imagem de Aparecida, o médico levantou Gabriel.

O silêncio fez gelar a espinha do pai, deu calafrios na mãe, e um susto na enfermeira.

O menino parecia morto.

— *Olha aqui!* — o obstetra chamou a atenção de Carlos.

Gabriel estava completamente roxo. Mas o pior não era isso. Tinha o cordão umbilical enrolado como cobra em seu pescoço. E não era só uma volta. Eram duas. Um estrangulamento que lhe tirava quase todo o oxigênio.

O coraçãozinho batia lentamente.

Gabriel estava morrendo.

No meio daquela angústia, ainda sem que se ouvisse um único choro, o médico desenrolou o cordão do pescoço de Gabriel e lhe devolveu a vida.

Aí, sim, foi aquela choradeira que avó gosta de ouvir. Mãe, pai e, mais do que todo mundo, o bebê, se derramaram em lágrimas, cada um por seus motivos. Gabriel soltou um grito tão forte que os pais jamais esqueceram.

— *Se não tivesse sido hoje... ou melhor... se não tivesse sido agora, ele não teria saído vivo da tua barriga* — o médico disse àquela mãe pálida enquanto lhe entregava o bebê, um pouco menos roxo do que estava quando chegara a este mundo.

Carlos logo concluiu que o salvamento de Gabriel havia sido uma resposta rápida, quase imediata, ao pedido que ele fizera a Nossa Senhora Aparecida no começo da missa.

— *Foi um negócio muito mágico, uma ação divina... não era Sebastiana que tava falando com a gente no estacionamento da igreja, era Nossa Senhora!*

Ao longo de suas vidas, sem jamais duvidarem, Carlos e Débora recontariam a história do encontro inexplicável na saída da igreja, aquele acontecimento extraordinário, como se a voz da santa lhes tivesse apontado o caminho, como se Sebastiana fosse uma mensageira de Deus cuidando daquele menino com nome de anjo.

Caderno de imagens

Por uma tradição que veio desde os primeiros séculos do cristianismo, e que chegou ao Brasil trazida pelos portugueses, quem recebia um milagre deveria levar algo que o representasse, como uma pintura ou uma parte do corpo (um coração moldado em cera, por exemplo) e deixar na igreja. É o que se conhece como *ex voto*, na expressão original do latim.

Quando a fotografia chegou ao Brasil, no século XIX, os devotos de Nossa Senhora Aparecida passaram a levar também seus retratos — que, de certa forma, passaram a funcionar como *ex votos*.

Estas fotos fazem parte de uma enorme coleção guardada no arquivo da Sala das Promessas, e trazem momentos inéditos do quotidiano brasileiro de diversas épocas: são peregrinos e pagadores de promessas agradecidos por seus milagres.

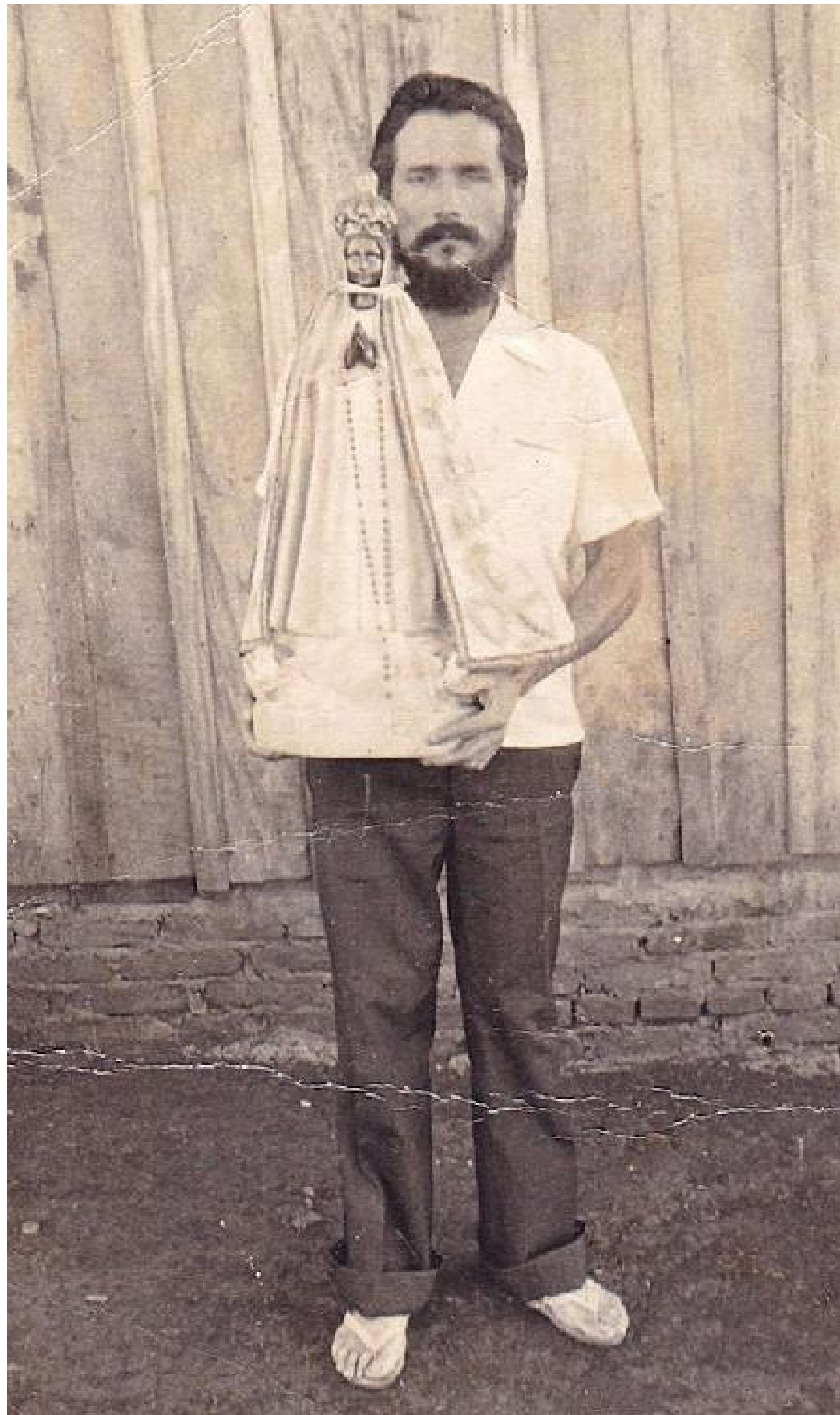












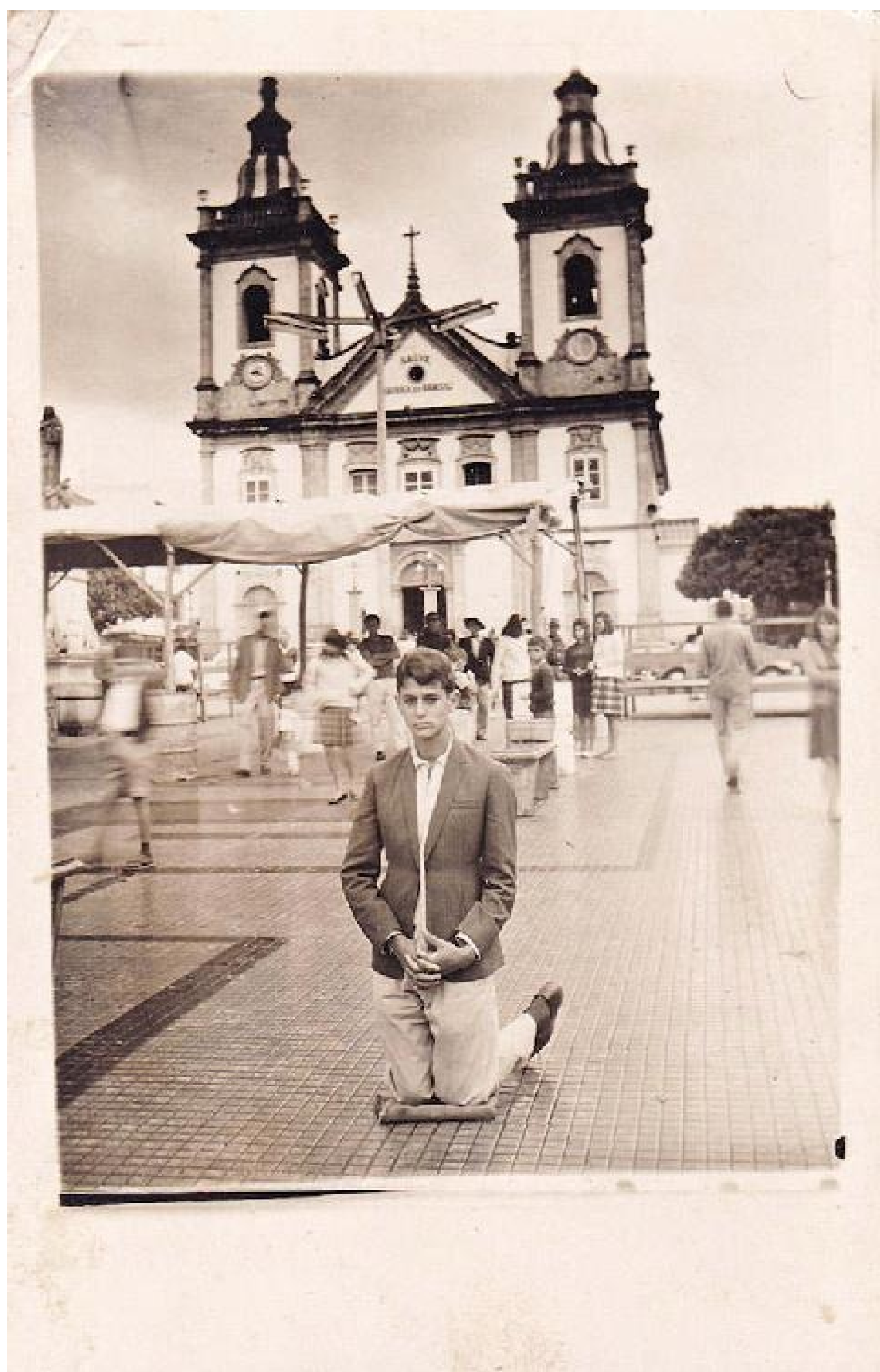





SALVE









Lca. DA APPARECIDA.







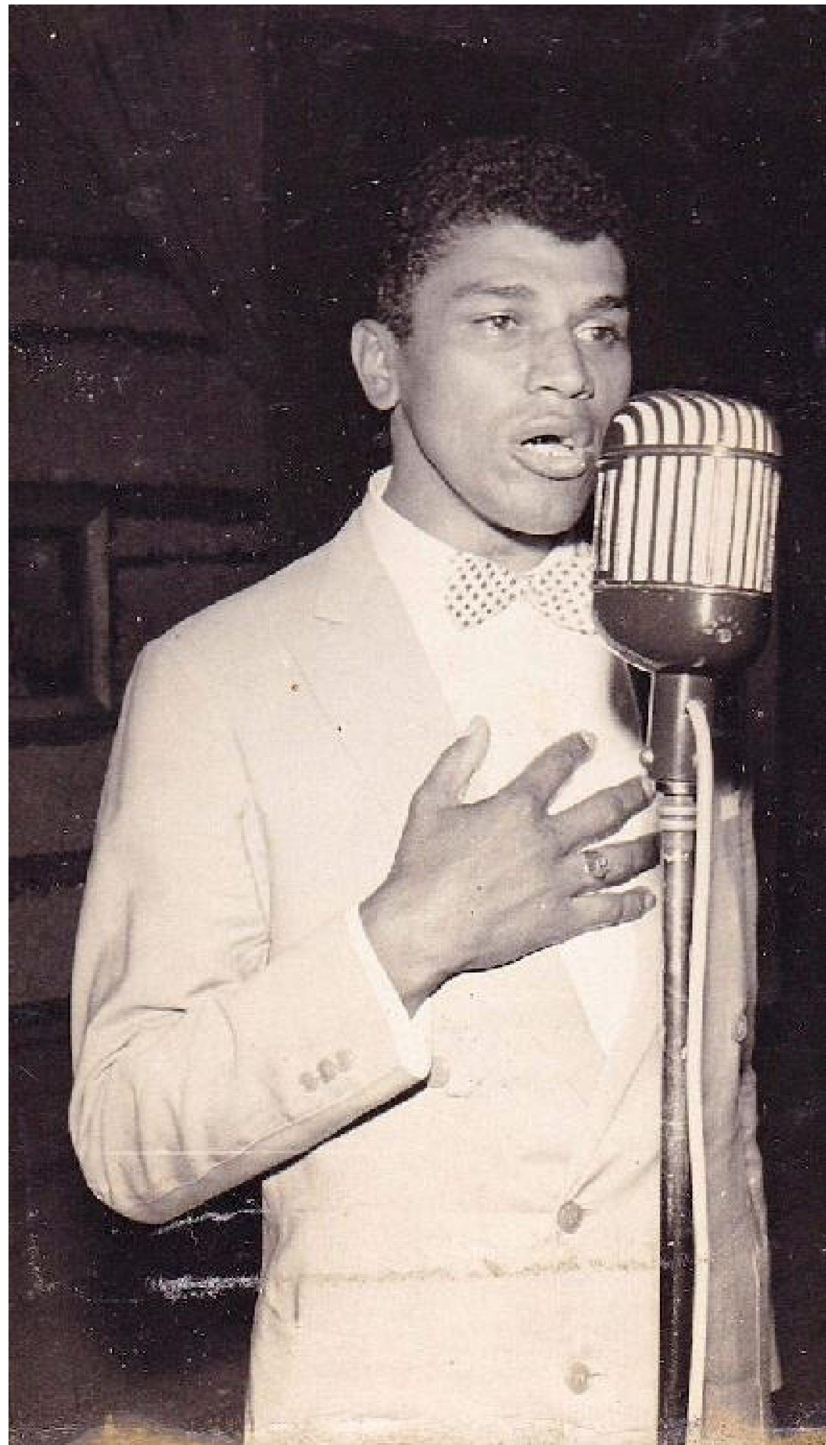
















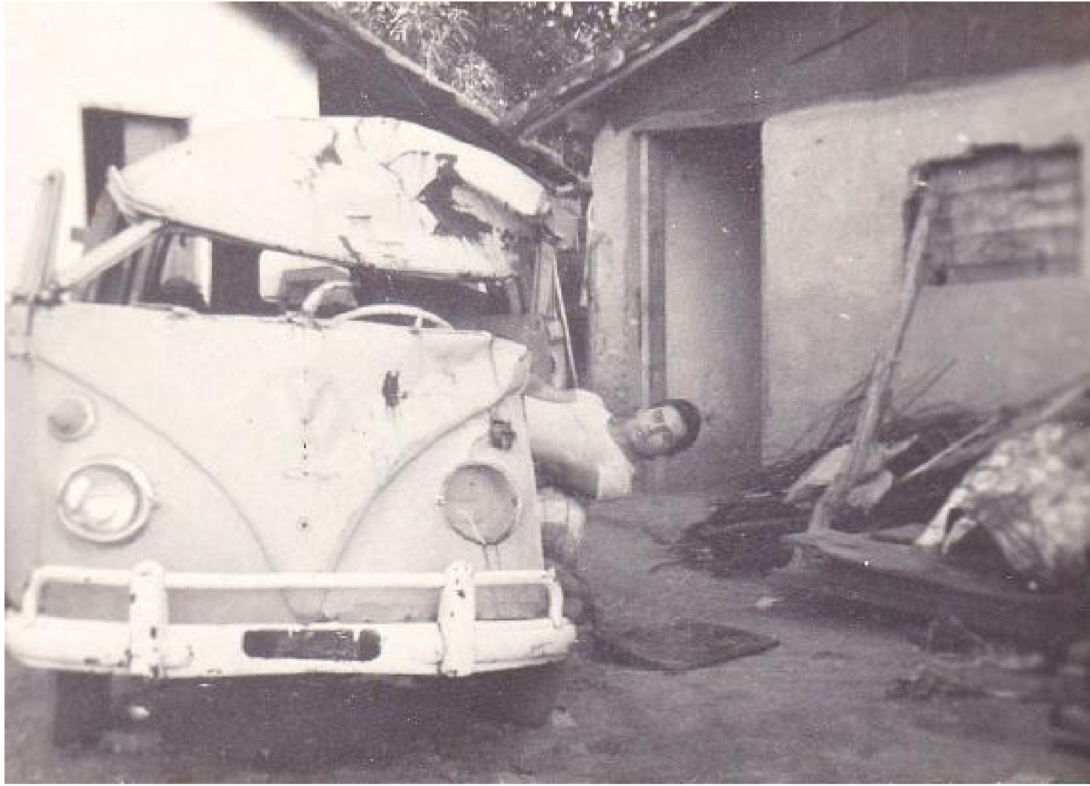






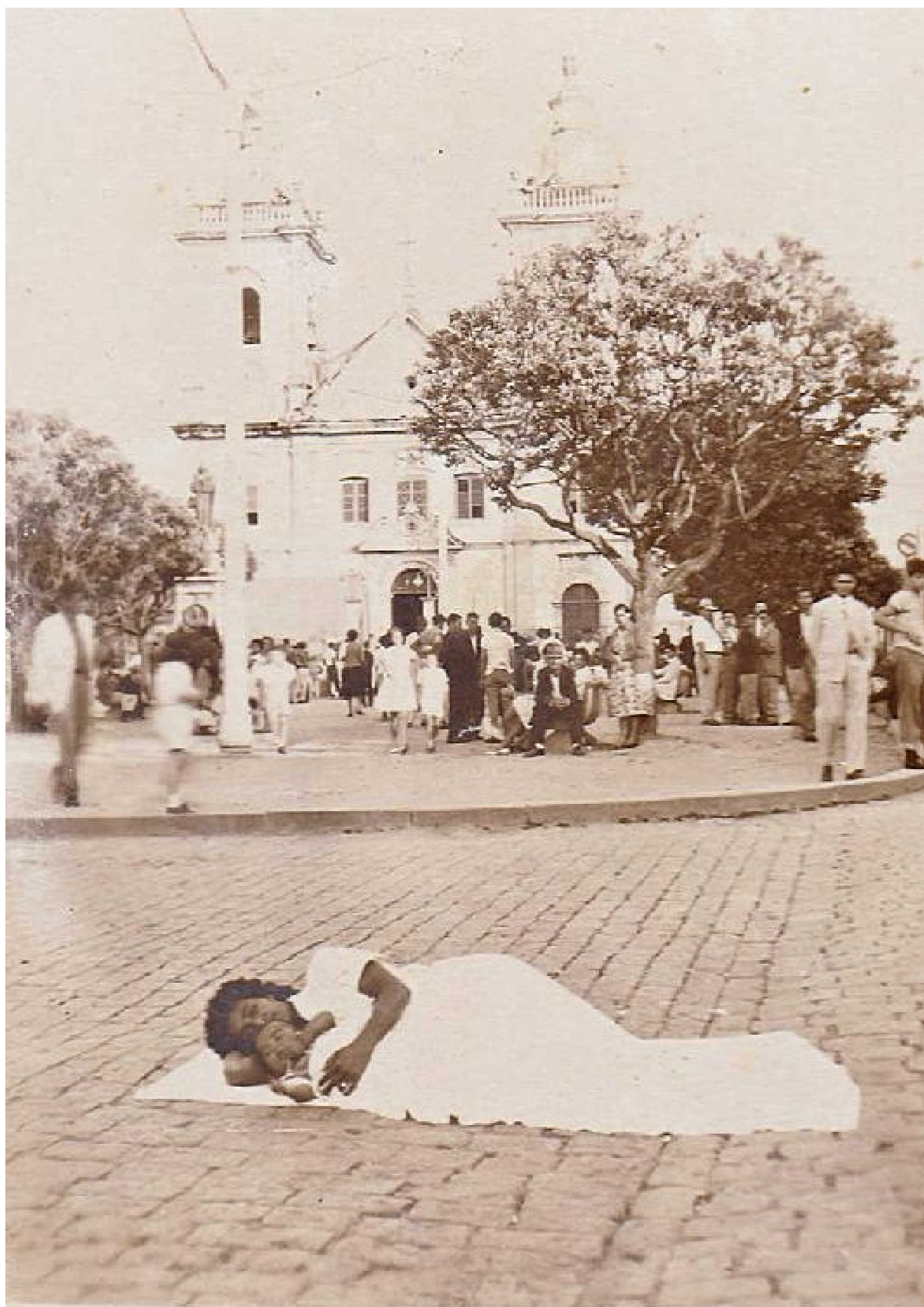

ROMARIA DE VIANO
ENCARREGADO


ROMARIA
APARECIDA DO NORTE
DOS POBRES



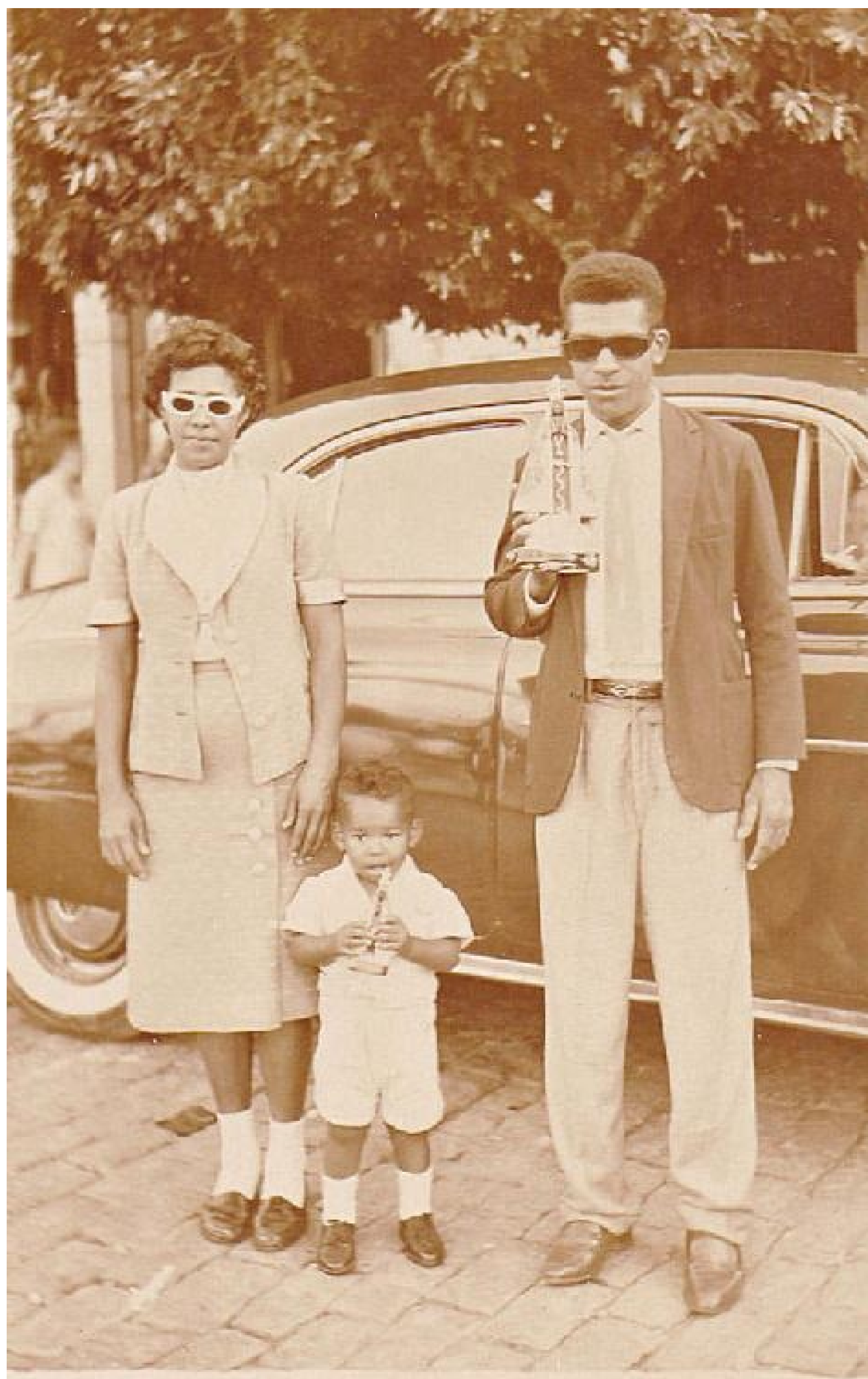

DR 0112

















Agradecimentos

DEIXE-ME ANTES DE TUDO agradecer e manifestar meu carinho aos padres **Mauro Vilela da Silva** e **Fábio Evaristo Rezende Silva**, pois sem que eles tivessem imaginado fazer um livro sobre os trezentos anos de Milagres, e sem que me tivessem convidado para tão grandiosa missão, não teria saído nem da primeira página. Meu agradecimento enorme também ao padre **João Batista de Almeida**, reitor do santuário nacional de Aparecida.

Inverto a ordem das coisas para agradecer agora aos primeiros leitores de MILAGRES. Aos queridos **Angela Matheus**, **Euler Matheus**, **Lilian Camargo**, **Maria Cristina de Godoi** e à querida "xará" **Ana Cristina Schmidt** meu beijo agradecido por seus comentários "milagrosos".

Na Sala das Promessas, agradeço, primeiro, à coordenadora **Miriam Vilela Guerardi** por nos ceder uma sala, quase uma caverna secreta debaixo do santuário, para vasculhar tão bem cuidados arquivos. Pelo carinho e acolhida na mesma sala: **padre Rodrigo José Arnoso Santos**, **David Patrick Correia da Silva**, **Derli Lemes Soares**, **Luciana Leite Sampaio Noronha**, **Lucileny Gomes Isidio Teixeira**, **Matheus Rodegheri Romano**, **Sandra Bittencourt**, **irmã Therezinha** e **irmã Modesta**, muitíssimo obrigado. E um obrigado especial ao **André Luís Rodrigues Justino**, pelo empréstimo de sua gentileza e boa vontade, apresentando-nos raridades.

Obrigado também — na Arquidiocese de Aparecida — ao **padre Paulo Tadeu Gil Gonçalves Lima**, pelo acesso irrestrito aos arquivos da Cúria. Obrigado **Rosileni Andrade** e, mais uma vez, com sua inacreditável simpatia, obrigado **Eliete Galvão**.

Agradeço também — na biblioteca Congregação do Santíssimo Redentor — a **Eunice Klarkis Rodrigues** e **Maria Aparecida Batista do Nascimento**. Obrigado **Vanilda Pereira Couto** por nos abrir a biblioteca Dom Tarcísio Ariovaldo Amaral. Voltando à Editora Santuário, agradeço ao **padre Ferdinando Mancílio**, ao **Daniel Siqueira** e à **Natália Raquel de Carvalho**. Obrigado ao **Jonatas** e ao **Paulo**, no Museu do Santuário, e

aos funcionários do Centro de Documentação e Memória do santuário de Aparecida.

Faço questão também de agradecer a quem andou por perto e, de alguma forma, ajudou a dar cores a este livro. Ao amigo e editor **Mauro Palermo**, à competente-sorridente **Camila Hannoun**, à minha infalível **Vanitas Alvarez**, ao queridíssimo "dabelico" **Abir Nassee**, ao coronelíssimo **Paulo Nasciutti**, ao genialíssimo cineasta **Matheus Ruas** e aos excelentíssimos **Adriana Alvares de Moura** e "presidente" **Pedro Afonso Bezerra de Oliveira**.

Obrigado ao jornalista e pesquisador **Marcos di Genova**, pela amizade, e por se entregar de corpo e alma a mais um projeto em que seu faro foi fundamental.

Por fim, agradeço mais uma vez, sem jamais pensar que é suficiente, aos meus filhos muito amados e divertidíssimos **Hector**, **Rafo** e **Audrey**; e à minha "princesa" **Ana Cristina Nasciutti Alvarez**, cada vez mais afiada em ler, reler e dar belíssimas sugestões para melhorar meus livros e minha vida.

RODRIGO ALVAREZ é autor de seis livros, entre eles, os best-sellers *Humano Demais, Maria e Aparecida*. Nasceu no Rio de Janeiro e passou os últimos doze anos como correspondente da TV Globo, entre Nova York, São Francisco, Jerusalém e Berlim, na Alemanha, para onde se mudou em 2016.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Editora responsável: Juliana de Araujo Rodrigues
Editora assistente: Erika Nogueira
Editora de livros digitais: Lívia Furtado
Pesquisa, reportagem e transcrições: Marcos di Genova
Revisão de conteúdo: Ana Cristina Nasciutti Alvarez
Revisão: Ana Maria Barbosa
Revisão do livro digital: Fernanda Dias
Diagramação: Crayon Editorial
Conversão para e-book: Joana De Conti
Tratamento de imagens: Thais Pereira da Silva
Crédito das imagens: Arquivo da Sala das Promessas – Santuário Nacional de Aparecida (fotos deixadas pelos fiéis)
Capa: Rafael Nobre/Babilônia Cultural Editorial

1ª edição impressa, 2017
1ª edição digital, junho de 2017
ISBN: 978-85-250-6477-6 (digital)
ISBN: 978-85-250-6425-7 (impresso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A475m

Alvarez, Rodrigo, 1974-
Milagres [recurso eletrônico] : histórias reais sobre acontecimentos extraordinários atribuídos à intervenção de nossa senhora aparecida / Rodrigo Alvarez. - 1. ed. - São Paulo : Globo Livros, 2017.
recurso digital

Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
caderno de fotos
ISBN 978-85-250-6477-6 (recurso eletrônico)

1. Maria, Virgem, Santa - Aparições e Milagres - Brasil. 2. Aparecida, Nossa Senhora. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 232.917

17-42573 CDU: 27-312.47

14/06/2017 16/06/2017

Editora Globo S. A.
Av. Nove de Julho, 5.229 — 01407-907 — São Paulo — SP
www.globolivros.com.br